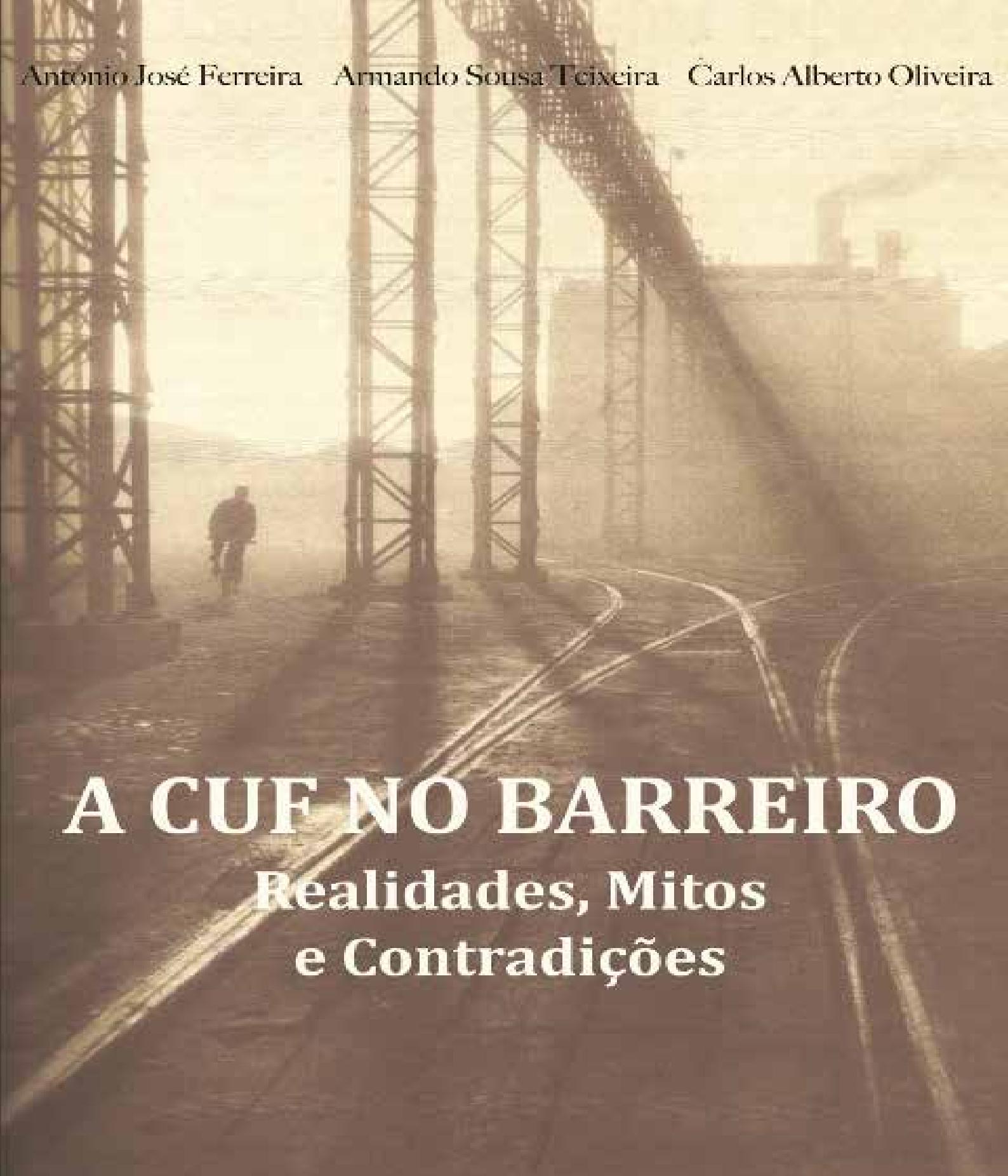


António José Ferreira Armando Sousa Teixeira Carlos Alberto Oliveira



A CUF NO BARREIRO

Realidades, Mitos e Contradições

A CUF NO BARREIRO. REALIDADES, MITOS E CONTRADIÇÕES

AUTORES

António José Ferreira
Armando Sousa Teixeira
Carlos Alberto Oliveira

CAPA DE

Álvaro Teixeira

REVISÃO

Sílvia Baptista

COMPOSIÇÃO

António Pedro e João Manuel Fusto

DATA DE IMPRESSÃO

Março de 2014

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Típografia Belgráfica, Lda.

DEPÓSITO LEGAL N.^º

ISBN

*Aos trabalhadores da CUF
que com honrada e esforçada dignidade
lutaram pelo pão, ajudaram a fazer a revolução democrática
e a trilhar os caminhos de um país novo*

ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA	9
PREFÁCIO	11
PARTE I REALIDADES	17
PARTE II MITOS	29
PARTE III CONTRADIÇÕES	41
1. Visão messiânica de um homem providencial? O Barreiro não nasceu com a CUF <i>Ou fábrica ou comes!</i>	41
<i>Ti Godinho</i>	46
2. Amigo dos operários e inimigo dos sindicatos? Alfredo da Silva dava-se bem com Salazar! <i>Associações de classe</i>	49
<i>Libertino Dias, guardador de gado e de esperanças</i>	51
3. Imigração, trabalho, exploração e a nova ideologia emancipadora	52
	57

<i>Joaquim Craveiro, anarquista, comunista</i>	59
<i>João dos Reis, lutador</i>	60
4. Obra comum para benefício de alguns: o mito da família CUF	65
<i>A eterna exploração feminina</i>	67
<i>A hora do almoço</i>	68
5. A catequização na Companhia União Fabril e as ligações políticas em abono do sistema	71
O «santo» Antoninho	73
Manifestações espontâneas	75
6. Os «anos de ouro» do capitalismo em Portugal: a «Primavera» e a demagogia marcelista	81
<i>A Fundição Ferreirainha</i>	83
<i>A mancarra (amendoim)</i>	84
7. A CUF na revolução democrática: a economia ao serviço do povo, as nacionalizações	89
<i>O 11 de Março</i>	91
<i>O 25 de Novembro</i>	93
8. Epílogo – evolução ou revolução?	99
BIBLIOGRAFIA	107

NOTA INTRODUTÓRIA

A génesis de qualquer obra é sempre um caminho difícil, mas também desafiante. Por isso o resultado final, como consequência da forma como se venceram os desafios, é sempre gratificante.

Este livro, que finalmente vê a luz, é um trabalho tripartido com contribuições distintas, mas complementares, com uma vasta ilustração dos temas através de fotografias inéditas, revestindo-se por isso de alguma complexidade. Por essa razão também, a composição final complicou-se e a falta de alguns apoios expectáveis atrasou a edição em relação à data natural que seria o período em que se assinalaram os cem anos da implantação das fábricas da CUF no Barreiro.

Como mais vale tarde do que nunca e porque o que é relevante na história nunca «passa à História», assinalamos com regozijo a passagem à estampa e registamos

o apoio inestimável dos amigos Ivo Rodrigues, Hélder Madeira, Nuno Soares, José Encarnação, José Coelho, Sílvia Baptista, Álvaro Teixeira e à ex-Comissão de Trabalhadores da ADP que, cada um de sua maneira, tornaram possível a concretização deste desiderato.

Uma necessária referência também ao ex-Movimento Barreiro Património Memória e Futuro e à Cooperativa Cultural Popular Barreirense que, em 2008, organizaram as «contra-comemorações» da efeméride referida, cujas conferências foram o ponto de partida e a ideia iniciática desta obra.

Agradecimentos finais a todos os amigos que com os conselhos, sugestões e críticas, tornaram a obra mais capaz de trilhar o caminho fundamental de satisfação dos leitores.

Os autores





Vista aérea do Barreiro e do complexo químico-industrial

PREFÁCIO

A história é emula do tempo, repositório dos factos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência ao futuro.

Miguel de Cervantes, in *Dom Quixote*

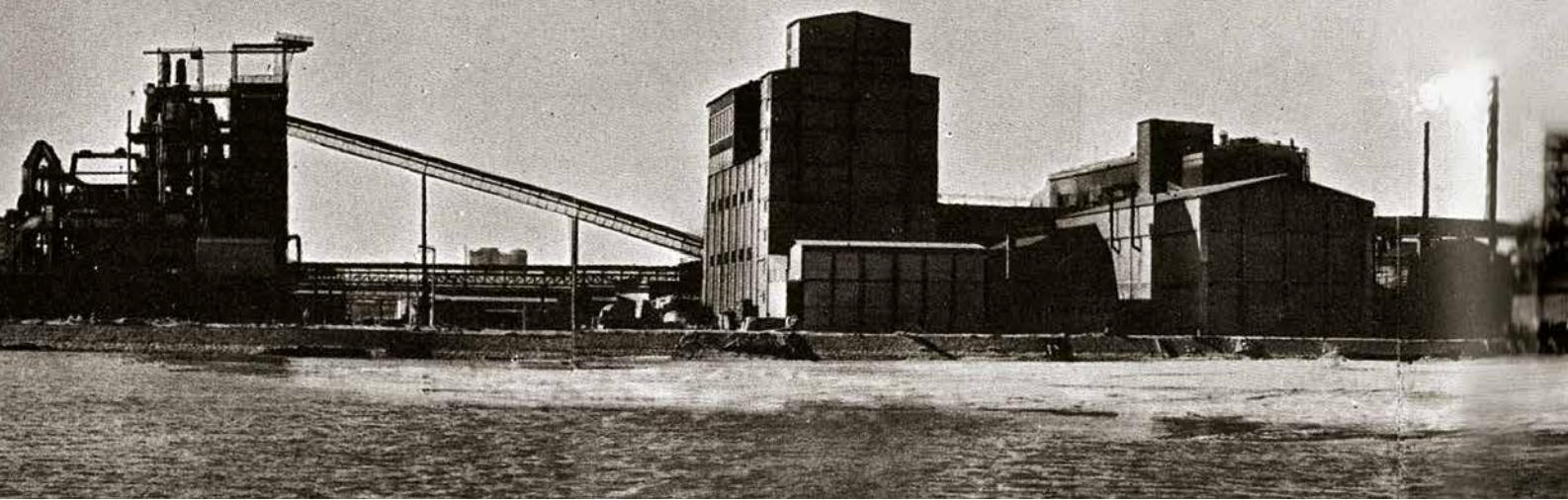
O livro, A CUF no Barreiro, Realidades, Mitos e Contradições, traz à nossa reflexão um outro tempo do País e do Barreiro. Um período que não devemos esquecer, mesmo quando nos parece longínquo, porque foi o tempo da vida de várias gerações de homens e mulheres, operários, operárias e muitos outros trabalhadores, que sofreram a dureza da exploração, traduzida nos salários miseráveis, nas longas jornadas, nas más condições de salubridade, na calamidade dos acidentes e das doenças profissionais.

Lutaram pelos salários e por melhores condições de segurança, pela redução dos horários, tendo, como consequência,

os mais corajosos, os mais conscientes dos seus direitos, a retaliação com o despedimento e, em muitos casos, com a prisão.

A vida confere a celeerdade a uns e o esquecimento a outros, cabendo-nos a todos nós repor a memória das épocas históricas na ordem do dia. É preciso afirmar para a História que a Companhia União Fabril não foi uma construção individual de um homem só! A criação do «império CUF» é bem a demonstração do exemplo de uma construção colectiva, erguida pela força e inteligência, que permitiu construir um valioso património económico, técnico, científico e social, regado com suor, lágrimas e sangue, de muitos homens e mulheres, ao longo de quase três quartos do século XX.

Parafraseando Hering, «a memória deve considerar-se como um património ancestral que



As fábricas roubaram as margens do Tejo milenar

constitui a origem e ao mesmo tempo o laço da união da totalidade da nossa vida consciente».

É esta lembrança consciente, que se centra na narrativa dos acontecimentos feita pelos autores, Armando Teixeira, António J. Ferreira e Carlos Oliveira (Carló), que constitui um importante legado às gerações futuras, um contributo para a história do trabalho na grande vila operária.

Os autores tiveram como objectivo fundamental despertar recordações e tornar visível a ação de intervenção e luta de várias gerações de trabalhadores, tratando-se, em primeiro lugar, de os considerar como sujeitos de identidade própria na sua essência humana e, em segundo lugar, de conjugar a sua existência ética com a sua condição de cidadania, de assalariados altamente qualificados para a época.

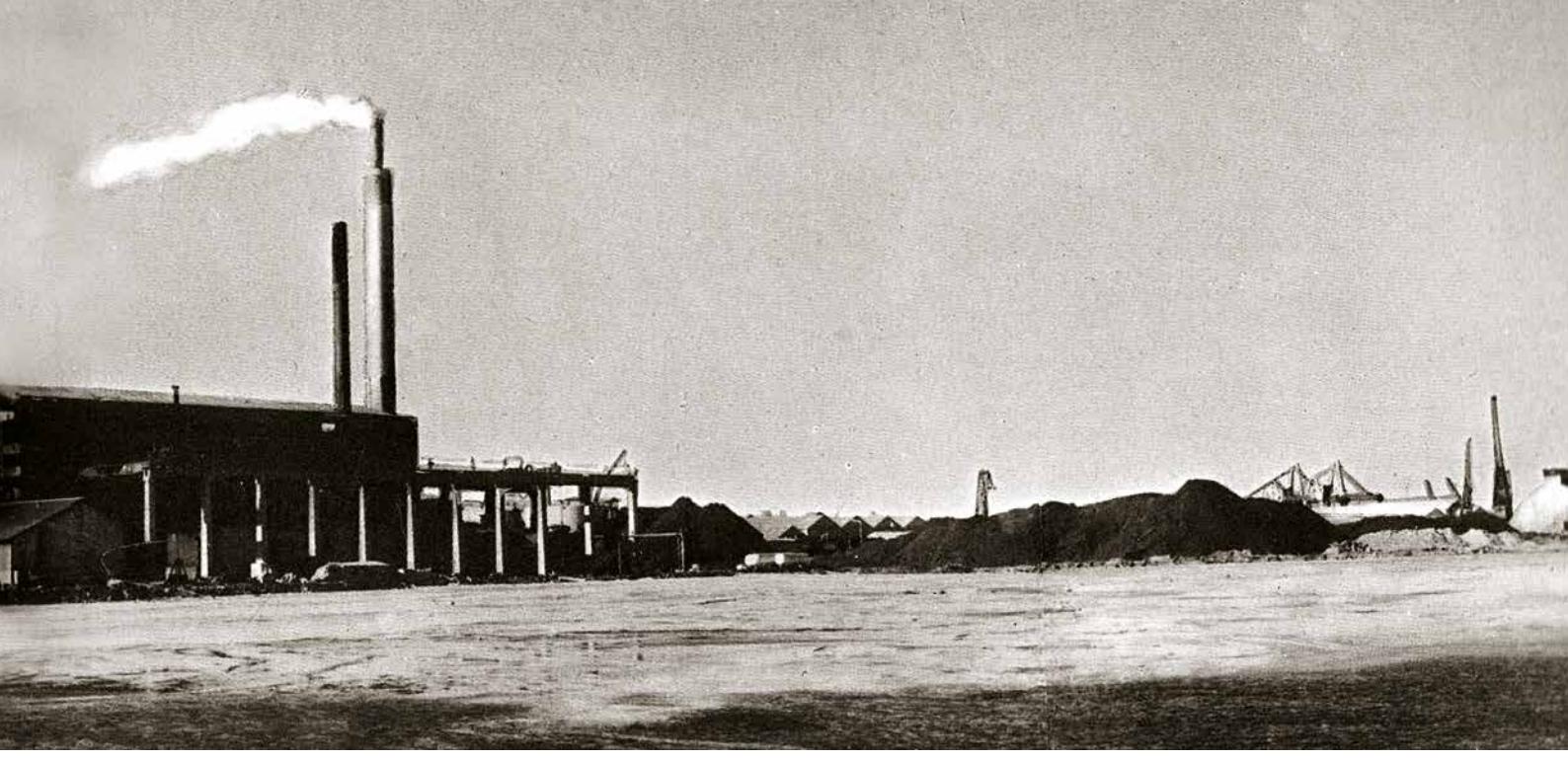
Graças à sua emancipação – fruto das ideias libertárias que os ventos da história iam soprando por toda a Europa – o Barreiro, com a força e a coragem da sua classe operária, conseguiu conquistar a dignidade laboral, o que

levou a administração da empresa a reconhecer a importância de gerir o seu império com alguma sensibilidade social.

Hoje, em democracia, tendemos a esquecer o que foi essa dura realidade de vida e de trabalho na Companhia União Fabril. As sementes da revolução, forjadas nas lutas pela redução das jornadas laborais, pelo aumento dos salários, pela tomada dos sindicatos antes do 25 de Abril, foram o contributo valioso que várias gerações deram e que hoje representam um relevante espólio, património da resistência dos trabalhadores.

A Segunda Guerra Mundial, com os seus milhões de mortos e estropiados, deixou a Europa quase destruída. No Portugal de Salazar, o povo passava fome e com fome produz-se menos. Era preciso criar condições para alimentar o exército de mão-de-obra, neste país rural do «Deus Pátria e Autoridade».

É neste encadeamento iniciado logo nos primórdios, em tempos de República e Primeira Grande Guerra, que foi impulsionada a construção do bairro operário; foi criada



a carvoaria e a padaria (pois havia racionamento do pão e os funcionários perdiam muito tempo para o adquirir); foi inaugurada a creche só para os filhos das mulheres trabalhadoras; foram construídos o posto médico, os refeitórios, a dispensa e as escolas. O Grupo Desportivo e Cultural, a Colónia de Férias e a Caixa de Previdência da CUF foram igualmente instituídos a seu tempo.

Para este último objectivo a administração decidiu fazer um desconto nos salários de todos os seus empregados que, nos anos 30, já eram mais de 5000. Esse dinheiro era deduzido da «férias» e administrado pela própria empresa, sem qualquer restrição, constituindo uma importante fonte fornecedora de capital, utilizado livremente durante dezenas de anos, para fazer investimentos sem encargos do patrónato.

O Barreiro foi o maior centro operário do país. É importante sublinhar que apesar das «contradições e dos mitos», em plena ditadura do Estado Novo, a CUF implantou, dentro das suas instalações, um quartel da GNR com um

batalhão de militares, trimestralmente substituídos. Diariamente as forças repressivas da Guarda Nacional Republicana, dentro da Fábrica e nas ruas da vila, exibiam ostensivamente a sua força, cavalgando sempre aos pares, coincidindo com a saída e entrada dos turnos, numa demonstração de provocação e agressividade. Mesmo assim não conseguiram intimidar a força da resistência dos obreiros e da população. E foi essa coragem a condição suprema para que a luta de classe ganhasse força, capaz de impor a consciência social na Companhia União Fabril.

Com este livro, os autores têm ainda o mérito de desafiar historiadores, sociólogos e outros especialistas independentes a pesquisarem e aprofundarem o estudo da realidade sociológica do trabalho no Barreiro do século XX.

Com facilidade a sociedade de hoje tende a esquecer a memória daquilo que rejeita, muitas vezes por ignorância e até por má fé, também para evitar perturbar a «normalidade» da democracia, tornada actualmente bandeira indispensável da liberdade. Dizemos pouco sobre esses decénios





O trabalho significa e forma a consciência social

A CUF implantou dentro das suas instalações um quartel da GNR

difícil às novas gerações e a escola, que tem a obrigação de o fazer, não o faz. Também nós próprios, enquanto cidadãos, professores, investigadores e pais, nos demitimos, muitas vezes, desse dever.

Os autores assumem neste livro o desafio da recordação colectiva como uma obrigação cívica e, ao fazê-lo, ajudam a tornar a liberdade um bem natural. É meu entendimento que hoje, no século XXI, é ainda mais importante afirmar às novas gerações que a liberdade e os direitos individuais do Povo foram uma conquista alcançada com muito sofrimento e luta, travada heroicamente por várias gerações de portugueses e portuguesas. Somente a Revolução dos Cravos feita pelos militares de Abril veio permitir à Assembleia Constituinte plasmar estes direitos na Constituição da República Portuguesa.

Embora a paixão, o empenho, as opiniões possam ser consideradas por alguns leitores de «tendenciosas», deve-se

afirmar que são essas particularidades que dão maior interesse literário a esta obra, fazendo recordar muitas situações por mim vividas, enquanto jovem operária.

A civilização do século XXI é a razão da igualdade e do conhecimento dos cidadãos, obrigando o direito a ser aplicado a toda a humanidade.

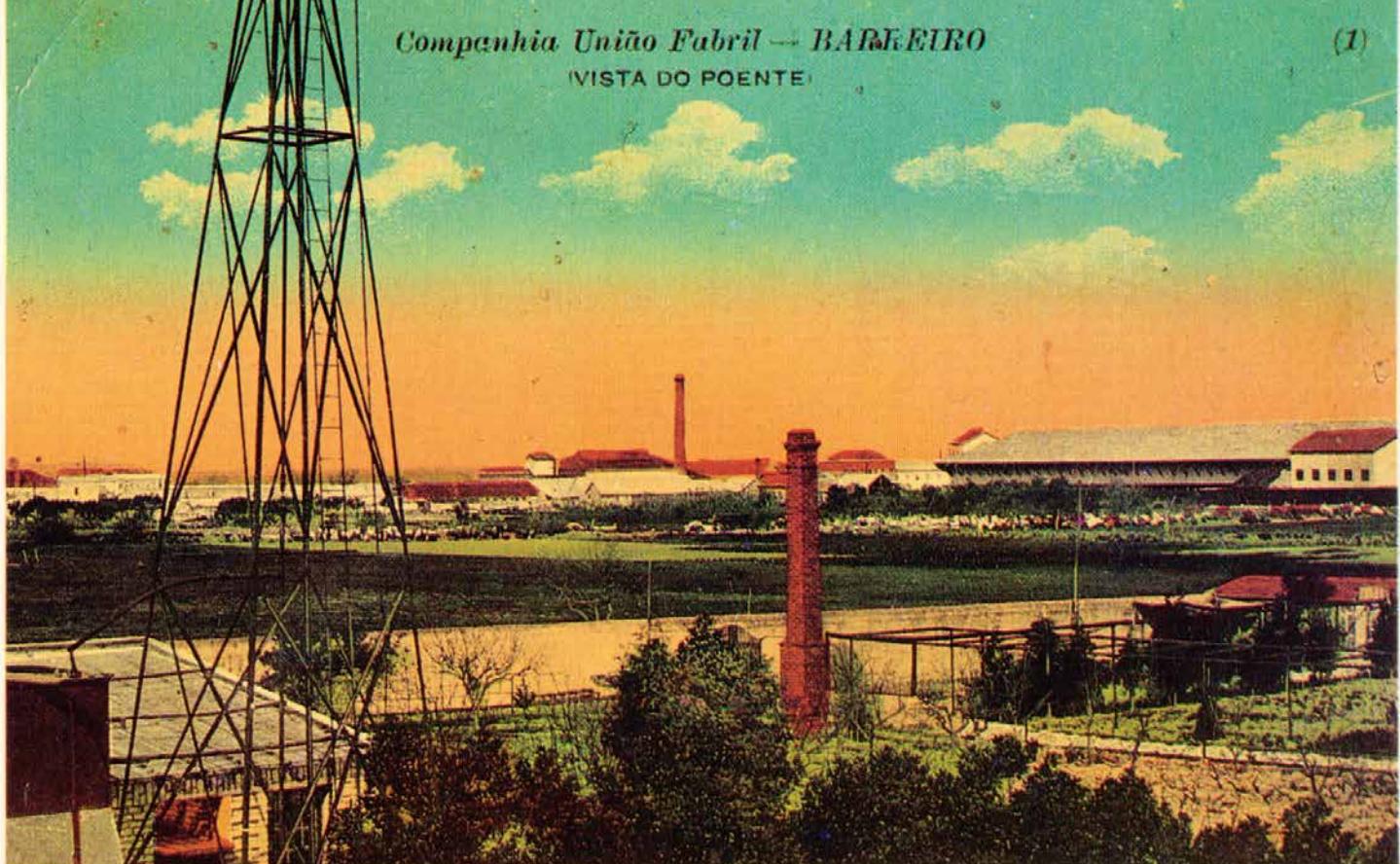
Porque as palavras vivem mais do que os feitos e por isso se transformam em memórias, porque a democracia e a cidadania aprendem-se, esta obra é um desafio para a comunidade educativa, para os pais, para os educadores e para os estudantes.

É sobretudo um tributo à luta, ao trabalho, à classe operária do século XX e à resistência antifascista no Barreiro.

*Setúbal, Fevereiro de 2011
Ercília Talhadas*

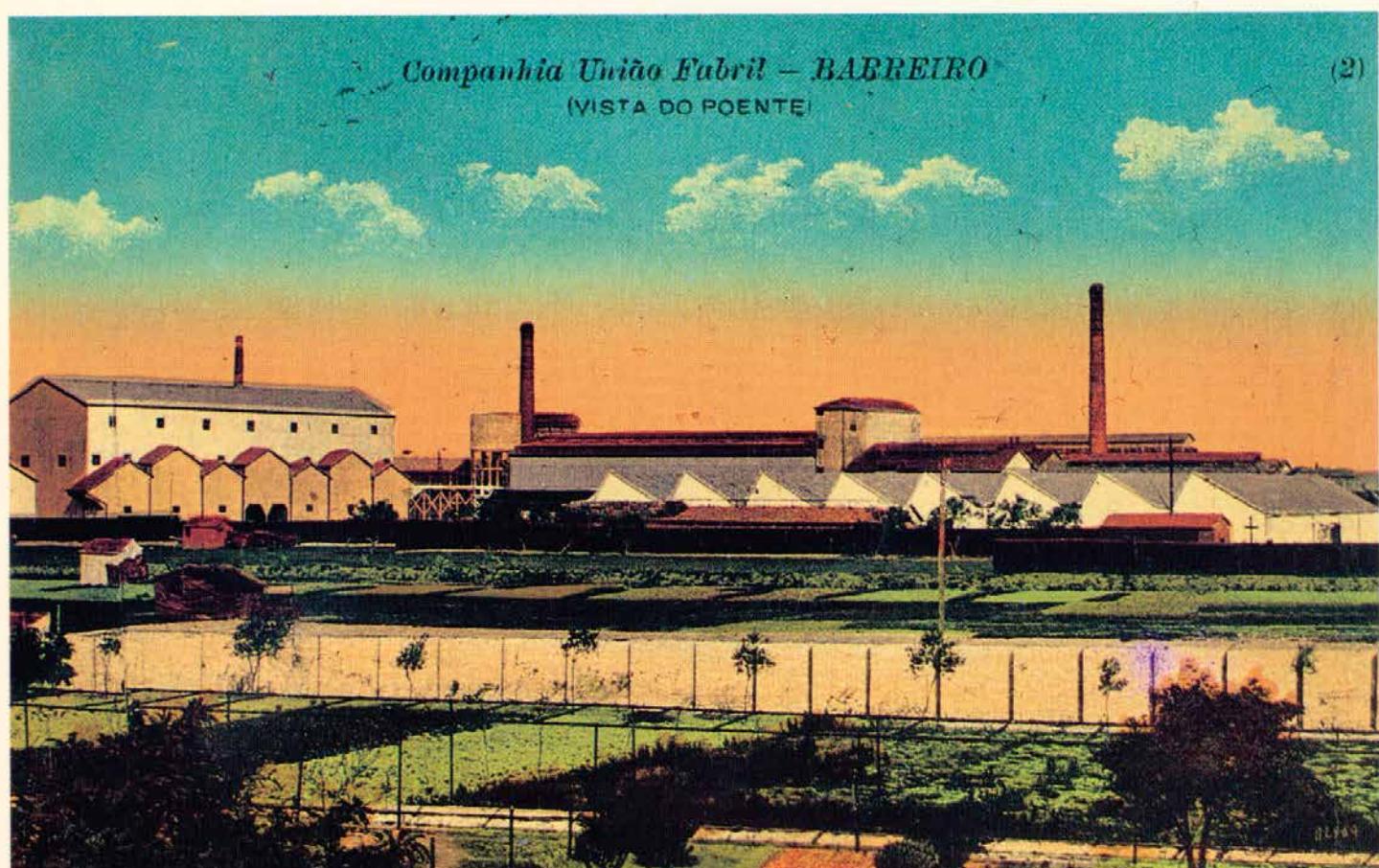
Companhia União Fabril — BARREIRO
(VISTA DO POENTE)

(1)



Companhia União Fabril — BARREIRO
(VISTA DO POENTE)

(2)





CARLOS ALBERTO OLIVEIRA
DE JESUS (CARLO)

Nasceu em Lisboa, mas com 6 meses de idade veio com os seus pais para o Barreiro, cidade onde ainda hoje reside, facto que o leva a dizer com orgulho «Considero-me um barreirense de alma e coração».

Fez a instrução primária na Escola da CUF, no Bairro Operário, e ingressou na CUF aos 15 anos como aprendiz de serralheiro nas Oficinas de Reparação Mecânica. Ao mesmo tempo frequentava o Curso Industrial na Escola Alfredo da Silva, tendo concluído mais tarde o 5.º ano do antigo Curso Geral dos Liceus.

Entrou para os quadros da CUF em 1952, ingressando no regresso da tropa nos escritórios do Departamento de Tráfego,

onde fez o resto da sua carreira profissional durante 39 anos, chegando a exercer as funções de subchefe de escritório.

Desde muito cedo se mostrou interessado pela actividade desportiva, iniciando a sua carreira no futebol aos 15 anos no GD 1.º de Maio, tendo depois optado pelo Grupo Desportivo da CUF, devido à oferta de emprego. Aí jogou durante 12 anos, tendo integrado a Selecção Nacional Militar e foi internacional na Selecção de Esperanças (com José Augusto e Mário Coluna, entre outros). Mais tarde foi treinador de futebol no Luso Futebol Clube, nas épocas de 1970-1972.

No período que se seguiu ao 25 de Abril foi membro da Comissão de Trabalhadores e foi presidente do Conselho Geral de Trabalhadores.

PARTE I

REALIDADES

As determinantes, para o desfecho desta obra, tiveram o propósito de proporcionar o equilíbrio na avalanche de homenagens estreitas à volta de um único paradigma.

Instituído um ano de centenário da CUF no Barreiro – ironicamente não coincidente com o calendário histórico – podemos concluir que uma variedade de opiniões e controversas análises fazem de uns heróis e de outros acólitos, sob a asa de uma grande águia.

A extensa lista de documentos e livros encomendados, remunerados de acordo com

a veneração proclamada, é porventura um carádápio volumoso de promoção benemérita.

Este livro, como alguns mais, percorre a rota insubmissa, sem curvaturas ao poderoso programa de homenagens elefantinas e fidelizadas a uma só personagem, entre milhares que no Barreiro construíram, no caminho-de-ferro, nas fábricas de cortiça e na CUF, uma poderosa vila/cidade industrial.

Sem pretensões de marcar ou demarcar posição quanto a querelas ou homenagens heróicas, sem afrontamentos ou lisuras melosas, sem cálculos velados de maledicência

Em 1976 foi eleito membro da Assembleia Municipal do Barreiro e entre 1983 e 1985 foi tesoureiro da Junta de Freguesia do Barreiro. Foi presidente da Assembleia de Freguesia do Alto do Seixalinho 1985 até 1994.

Como associativista foi fundador do GD 1.º de Maio, no Bairro das Palmeiras, foi tesoureiro no Clube Naval Barreirense e exerceu o lugar de secretário-geral no GD da Quimigal de 1978 a 1980.

A paixão pela escrita vem-lhe de muito novo e afirma com entusiasmo que «os meus primeiros poemas fazia-os

muitas vezes no trabalho e oferecia-os aos meus colegas». Tem seis livros editados: *Freguesia do Alto do Seixalinho e seus Topónimos*, em 1991; *Desportistas Ilustres*, em 1992; *O Meu Bairro*, em 1994; *Peões no Xadrez Imperial da CUF*, em 2001; *Monografia do Movimento Associativo do Alto do Seixalinho*, em 2003; e um segundo romance, *Julgamento da Memória*, publicado em 2009.

Colabora regularmente com os jornais *O Rio*, *Gazeta de Palmela*, *Jornal do Barreiro*, *Outra Banda* e nos jornais online Barreiroweb e *O Rio*.

bacoca, apenas para mostrar a outra face, com independência, equilíbrio de opinião, livre de subterfúgios. Neste livro parte-se de uma análise sem dramatismos, liberta de tutelas, tantas vezes presentes por entre parágrafos, no meio de frases ou até nas palavras escolhidas para servir interesses.

Os acontecimentos fazem história quando autores contemporâneos revelam os seus vários ângulos. Este livro tem importância elevada para a compreensão no futuro das qualidades e deformadas virtualidades, para detectar a verdade na pluralidade da informação. Permitirá, ultrapassada a contemporaneidade, quando as vozes e os olhos que, em directo, viveram paredes-meias com as fábricas, deixarem de estar presentes e escritores livres de medidas e reverências, confrontarem a história à distância, poderem, então, escalarpelizar visões

diversas e sem pressões desvendar a verdade. Historiadores do porvir poderão avaliar com olhar imparcial as várias faces da história do colosso industrial. Assim, fica claro a importância de registos dos factos que hoje se testemunham.

Reconheço que a história da CUF se confunde com uma parte da vida de Alfredo da Silva, mas também com a intervenção de imensa gente para que a iniciativa do industrial tivesse êxito.

A verdadeira história do homem é ele próprio que a faz. Contudo pode ser contada de forma arbitrária, encomendada por «quem pode paga», manipulada, programada e desenhada para resultado calculado por «quem pode manda».

Sabe-se que a verdadeira história do homem, repito, é feita por ele próprio contudo, mais



Bairros operários nasceram à volta da fábrica para terem os trabalhadores à mão

apto fica, para contar a verdade dos factos, quando livre de pressões e independente da fuligem de cultos, já que meias verdades e falsos relatos podem gerar confusa apreciação.

Quando o arrebatamento de um bom resultado ignora fracassos gerados com apressados lucros, a sucessão de equações deste tipo é bem conhecida. O êxito está para os ganhos de modo desigual, como o insucesso está para as perdas de todos menos de alguns. Este esquema estende-se pelos tempos e, sem se dar por isso, a equação agrava-se para os mesmos, ou seja; o fracasso onera todos, menos alguns e todos os prejuízos ficam para os mais fracos.

Assim se faz tradição, vitoriar o êxito pessoal, olvidando desaires, esquecendo revezes de repercussões nefastas e de duração perniciosa para a pluralidade de outros contributos.

O desenvolvimento desordenado do Barreiro, por via do alargamento da CUF, forneceu desigualdades e desequilíbrios que pesaram de forma diferente. O Barreiro ganhou e perdeu, o empresário ganhou sempre. O Barreiro ganhou emprego duradouro. Viu crescer a população. Ganhou cultura popular com a chegada de povo do país inteiro. Assistiu ao desenvolvimento associativo e cooperativo. Mas também perdeu e o seu principal dano foi a transformação ambiental, de terra limpa até então, de atmosfera pura, de marés claras e maresia de bons odores. Meio século passado a sua cara mudou, tornando-se doentia e farrusca, causa fabril que gerou falso progresso, com a estrutura urbana a crescer ao sabor da industrialização. Os barreirenses, por nascimento ou adopção, passaram a ter melhor casa, mais pão e transportes, mas viram a sua

CRONOLOGIA

Registo dos principais factos e acontecimentos ligados à actividade industrial no Barreiro, na segunda metade do século xix e no século xx, até ao 25 de Abril de 1974.

1854-1861 – Construção dos Caminhos-de-Ferro do Sul e Sueste. Inauguração por D. Pedro V (1859). Aberto à exploração o primeiro troço Barreiro/Vendas Novas em 1861. Inauguração das oficinas ferroviárias, nesse ano, consideradas excepcionais, com 500 postos de trabalho.

1860-1865 – Instalação das primeiras fábricas de cortiça no concelho, com tecnologia e profissionais oriundos do Alentejo e Algarve. Estes operários especializados trazem também hábitos associativos e ideias libertárias.

1865 – Fundação em Lisboa, da empresa União Fabril pelo Visconde da Junqueira, com o capital de duzentos mil réis. Construção de

fábricas em Alcântara. Produção primordial de velas de estearina, sabão e óleos.

1891 – Criação da primeira Associação de Classe dos Operários Corticeiros, no Barreiro, com sede na rua conselheiro Joaquim António de Aguiar.

1898 – Fusão da União Fabril, então propriedade do magnata belga Henry Burnay, com a Aliança Fabril, proprietária da Fábrica Sol, quase destruída por um incêndio no ano anterior. Toma assento na administração da novel Companhia União Fabril o jovem formado pelo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, Alfredo da Silva, que possuía acções herdadas da família.

1900 – O Barreiro tem um pouco mais de 8000 habitantes. Para além de uma dúzia de grandes e médias fábricas de cortiça a laborarem, tem estaleiros de construção naval, oficinas de aprestos navais, cordoarias, moagens e é claro, as grandes oficinas do Caminho de Ferro.

1903 – Formada a Associação de Classe Metalúrgica e Artes Anexas, sobretudo com operários ferroviários, dando origem mais tarde

terra definharia no meio da expansão industrial. Ganharam actividades desportivas e culturais mas, tiveram de respirar ar viciado, inimigo da saúde, impróprio para qualquer pulmão.

Da sentença fabril, o mergulho na água límpida do Tejo terminou. Na verdade, o Barreiro cresceu, conquistou o prestígio de vila operária, ganhou dinâmica política e social, mas perdeu quando o céu obscurecido pelos fumos da fábrica se fez hábito. E a seguir as fábricas e o parque habitacional degradaram-se.

A CUF, com a sua vocação industrial até então, compensava o Barreiro com o emprego a milhares dos seus habitantes. Contudo, nos anos Setenta toma outro rumo, o caminho da especulação financeira e imobiliária e ausenta-se paulatinamente para outras paragens e o Barreiro volta a perder. Com o

emprego a reduzir-se, a produção em queda, os custos industriais tornam-se excessivos e os negócios baixam de rentabilidade. O volume de investimento nas fábricas decresce drasticamente e estas envelhecem, deixando para trás a imagem de solo calcinado por tempestade marciana, perdendo população.

O Barreiro vê-se, de repente, volatilizado por um progresso enviesado, meio ambiente decaído, como se um jacto de areia rapasse o verde das estruturas arbóreas. E no seu lugar a carência de ambos, sem se saber até quando o ambiente e as actividades laborais regressariam de forma compatível. E o Barreiro ficou só a tratar de si.

A CUF serviu o Barreiro e serviu-se dele, do seu povo e tantos outros – um mundo operário – que do Algarve, passando pelo Alentejo, até ao cimo transmontano, foi chegando à

à Associação de Classe dos Ferroviários do Sul e Sueste (1914) e mais tarde ao Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste (1921).

1907 – Construção das fábricas da CUF no Barreiro, impulsionada pelo empresário Alfredo da Silva, em terrenos comprados da Fábrica de Cortiça Bensaúde e da Quinta do Nicola, na zona norte/nascente do concelho, abrangendo parte da praia ribeirinha Norte, local de veraneio da burguesia citadina no século xix.

1908-1909 – Arranque da primeira unidade fabril de extração de óleo de bagaço de azeitona para o fabrico de sabões. Início da fabricação de ácido sulfúrico em câmaras de chumbo, a partir das pirites alentejanas. Juntamente com as fosforites compradas em Marrocos, são a base para a produção de um produto químico por excelência da CUF, durante mais de 90 anos: adubos Superfosfatos em pó.

1910 – Inaugura-se o estilo de gestão social – paternalista com o início da construção das primeiras casas do Bairro Operário, a criação da Despensa, da Carvoaria, do Balneário e do Posto Médico. Nesta altura a CUF tem cerca de 100 operários e 25

técnicos e administrativos. Em finais de Setembro, vésperas da implantação da República, os operários da CUF solidarizam-se com a greve dos corticeiros e descarregadores contra o monopólio da exportação da cortiça em bruto.

1910-1912 – Em Dezembro de 1910, depois de implantada a República, visita de Brito Camacho, ministro do Governo Provisório, à CUF no Barreiro. Ouve as reclamações dos operários em luta por melhores salários e condições de trabalho (oito horas diárias). O regime republicano não cumpre as promessas e aprova a chamada «lei burla» (direito à greve dos operários e ao lock-out dos patrões). Primeira grande greve do pessoal da Companhia União Fabril, em Março de 1911, pela melhoria das remunerações. Ao fim de vários dias de luta, a repressão patronal fez-se sentir com despedimentos de grevistas. Entrada em laboração de novas fábricas: duas de produção de ácido sulfúrico pelo processo de câmaras de chumbo: uma de recuperação de cobre das cinzas de pirite; outra de ácido clorídrico e de sulfato de sódio, utilizando sal de origem nacional como matéria-prima (1912).

Terra dos Camarros⁽¹⁾ para alimentar esta nau de indústria pesada. E o Barreiro amontoou-se de casas para acolher mão-de-obra intensiva que a CUF necessitava.

Barreiro, desordenadamente construído ao sabor dos interesses da empresa. Bairros operários nasceram à sua volta para terem os trabalhadores à mão e assim mais produzirem. Os bairros das Palmeiras, o Lavradio, o «Xangai», o Alto dos Silveiros, o Largo das Obras completaram os ninhos de trabalhadores da grande empresa. Gente em catadupa para fazer da CUF a metrópole industrial portuguesa e a maior empresa da Península Ibérica.

(1) Povo antigo do Barreiro que terá vivido na zona da Senhora do Rosário. Segundo a história velada que Horácio Alves tentou desmentir, camarros teriam uma ligação aos termos câmara e barro. De que forma é um dado desconhecido. Ligações religiosas posteriores serão oportunistas e fora do tempo.

Facilmente se verifica que as honras da grande CUF não cabem na excelência de um só homem. E o Barreiro não homenageou ainda o outro grande obreiro da empresa.

Homens e mulheres que no Barreiro trabalharam, cantaram, dançaram, jogaram futebol, basquetebol, hóquei em patins, representaram peças de teatro, nas colectividades, liam e conviviam, criaram orquestras, organizaram e promoveram festas.

Imenso cordão humano que fez da vila operária a Cidade do Trabalho. Além da produção fabril, construiria uma das maiores escolas associativas, proliferando nela desportistas para todas as modalidades, artistas para todas as artes e culturas.

A análise de um tempo ainda contemporâneo, nas raias da história, é uma oportunidade para nos esclarecermos sobre aquele gigante



O porto dos primórdios num rio de águas calmas

industrial. Imagem da memória coeva, percorrendo com a objectividade, livre de pequenas ou grandes subserviências, deslinda as contradições que revestem os mitos formatados às ordens de poderoso empório.

Seguindo na esteira deste fio condutor, podemos constatar que, sendo consensual a importância do investimento inicial da direção e gestão da Companhia por Alfredo da Silva e descendentes, outra visão observa que o exército de trabalhadores de qualidade excelente, sem os quais o progresso nas fábricas e no Barreiro não teria existido, tem sido ofuscado de forma injusta.

As comemorações e homenagens aos grandes senhores foram sempre obra de perpétuos disfarces para desculpabilizar responsáveis por opressões, ocultar outros méritos e deixar para a posterioridade a meia verdade

que esconde contributos essenciais ao êxito alcançado.

É facto conhecido que, no ano de 1907, o vento do fim da monarquia varria o Barreiro. O cheiro da Revolta Republicana chegava nas ondas do Tejo vindas da capital e, no meio desta convulsão monárquica/republicana, Alfredo da Silva procurara lugar para a Companhia União Fabril, sedeadas em Lisboa, de que se tornara o administrador principal.

Encomendou a prospecção a vários locais deste lado do Tejo. Tirou ilações e escolheu a vila barreirense.

É interessante verificar que já havia iniciado a sua expansão industrial dois anos antes de chegar ao Barreiro, em 1906, em Alferrarede com uma fábrica de azeites. Daí que o Barreiro fora a segunda escolha para o crescimento da Companhia União Fabril.



O calor infernal das fornalhas

A posição face às acessibilidades pelos rios Coina e Tejo, o caminho-de-ferro e estradas de ligação com o exterior não lhe terão passado despercebidos e foram eles, por certo, que pesaram na sua decisão.

Não se pretende diminuir o talento industrial de Alfredo da Silva, porque o teve, no histórico arranque industrial português, mas interessa perceber como exerceu esses méritos e de todo não esquecer a muralha humana que deu corpo àquela envergadura.

Alfredo da Silva veio e o Barreiro deu-lhe o resto – terrenos quase de borla. Em cinco décadas, a conjugação do seu investimento de arranque com os milhares de pulsos assalariados construiu um império industrial que não coube no Barreiro, estendendo-se pelo país, por África e outros pontos do planeta.

É justo dizer que Alfredo da Silva, empresário dinâmico, gerindo a uma velocidade incrível, soube tirar partido dos factores de produção que o Barreiro lhe oferecia; a situação geográfica e gentes de capacidades distintas lançaram a CUF para o mundo em desenvolvimento, ombreando com as empresas da frente mundial.

Beneficiando do proteccionismo do regime e de um exército de operários abnegados, a CUF cresceu desenfreadamente, no início, à custa de uma intensa exploração dos trabalhadores.

No interior das unidades fabris, operários labutavam 10 e 12 horas diárias, enfrentando o calor infernal das fornalhas, o troante batuque dos equipamentos fabris rudimentares, respirando ar poeirento, denso e corrosivo, por entre fumos negros, tossindo venenos, fugindo



(I)

grupos financeiros e industriais portugueses

GRUPO C.U.F.

Considerada uma das 200 maiores empresas fora dos EUA, exercendo a sua actividade em vários sectores em Portugal, Angola, Guiné e Moçambique (e dentro em breve no Brasil): Bancos, Seguros, Transportes marítimos, Indústria do Tabaco, Celulose e Papel, Produtos Alimentares, Minas, Comércio Geral, Metalo-Mecânicas, Química, Indústrias Nucleares, Turismo, etc...

Emprego no total cerca de 30.000 pessoas. Valo-

res que dão uma ideia do poder financeiro do grupo:

ACTIVO — 655 milhões de dólares

VOLUME DE VENDAS — 281 milhões de dólares

LUCROS LÍQUIDOS — 12 milhões de dólares

O grupo CUF iniciou-se e cresceu com base na exploração da Guiné, Angola, etc... à sombra do protec-

cionismo aduaneiro e de situações de monopólio que facilitaram preços extraordinariamente lucrativos (exploração agrícola).

Com o empreendimento de Cabo - Bassa (em que participa o consórcio ZAMCO) estender-se-á decididamente a Moçambique.

O grupo CUF está intimamente ligado com o capital estrangeiro sobretudo em iniciativas mais recentes.

BANCOS:

Totta - Açores, Standard - Totta (Angola), Totta - Standard (Moçambique), — estes dois associados ao banco inglês Standard Etablissement Financier de Placements S.A.

COMPANHIAS DE SEGUROS

Império (a maior portuguesa), Sagres

CONSTRUÇÃO NAVAL

Lisnave (associada a capitais suecos holandes e outros interesses portugueses) E.N.I. (instalação de material electrónico e de precisão para a indústria e construção naval).

METALO-MECÂNICAS

C.U.F. (divisão metalo-mecânica), Companhia Portuguesa do Cobre, Trunfi (empresa formada por associação com a firma Ed. Ferreira, o melhor produtor de máquinas-ferramentas, para exploração conjunta da moderna Fundição de Trofa).

PLÁSTICOS E TINTAS

Losofane, Sotinco (associada à Imperial Chemical Industries).

TÊXTEIS

Ipetex (exporta para mercados americanos), Sitenor (associado à comp. americana Ludlow Corporation) Siga (Angola), Companhia Têxtil do Pugé (Moçambique), Companhia de Fiação de Torres Novas, Pro-têxtil, C.U.F. (divisão têxtil).

MINAS

- Sociedade Mineira de Santiago (pirites do Alentejo), Empresa do Cobre de Angola (associada a capital japonês), Sociedade Portuguesa de Lapidificação de Diamantes (participação não majoritária).

ADUBOS E PESTICIDAS

C.U.F., União Fabril do Azoto (ligada à Petroquímica), Companhia Industrial Portuguesa.

OUTRAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS

- Somadeil (detergentes), Sociedade Nacional de Sabões, Micafabril (antibióticos - associada a capital dos Países Baixos).

ENERGIA NUCLEAR

- Conjuntamente com a Empresa Termoeléctrica Portuguesa vai construir a primeira central nuclear portuguesa.

TRANSPORTES

- Sociedade Geral, Companhia Nacional de Navegação, Soponata (transporte de ramos petrolíferos - associada à Sacor e a capital estrangeira), Transfrip, Transnavi.





A estrela paternal que brilhava nos olhos dos miúdos dos pátios

Um grande grupo industrial e financeiro

aos espirros de matérias incandescentes expelidos pela bocarra dos fornos e de ameaças ocultas na maquinaria em louca produção... meses, anos a fio. No fim saíam com as mãos meio vazias.

Os filhos dos operários podiam nascer nas instalações da CUF; permanecer na creche enquanto bebé; aprender as letras na Escola Primária da CUF; conviver na Colónia de Férias; frequentar a Escola Industrial Alfredo da Silva; valorizar a sua formação profissional nas oficinas da empresa. Tudo isto a produtora química oferecia e o povo da fábrica agradecia, esquecidos os mortos por acidente de trabalho, as doenças profissionais, a invalidez permanente por acidentes na fábrica.

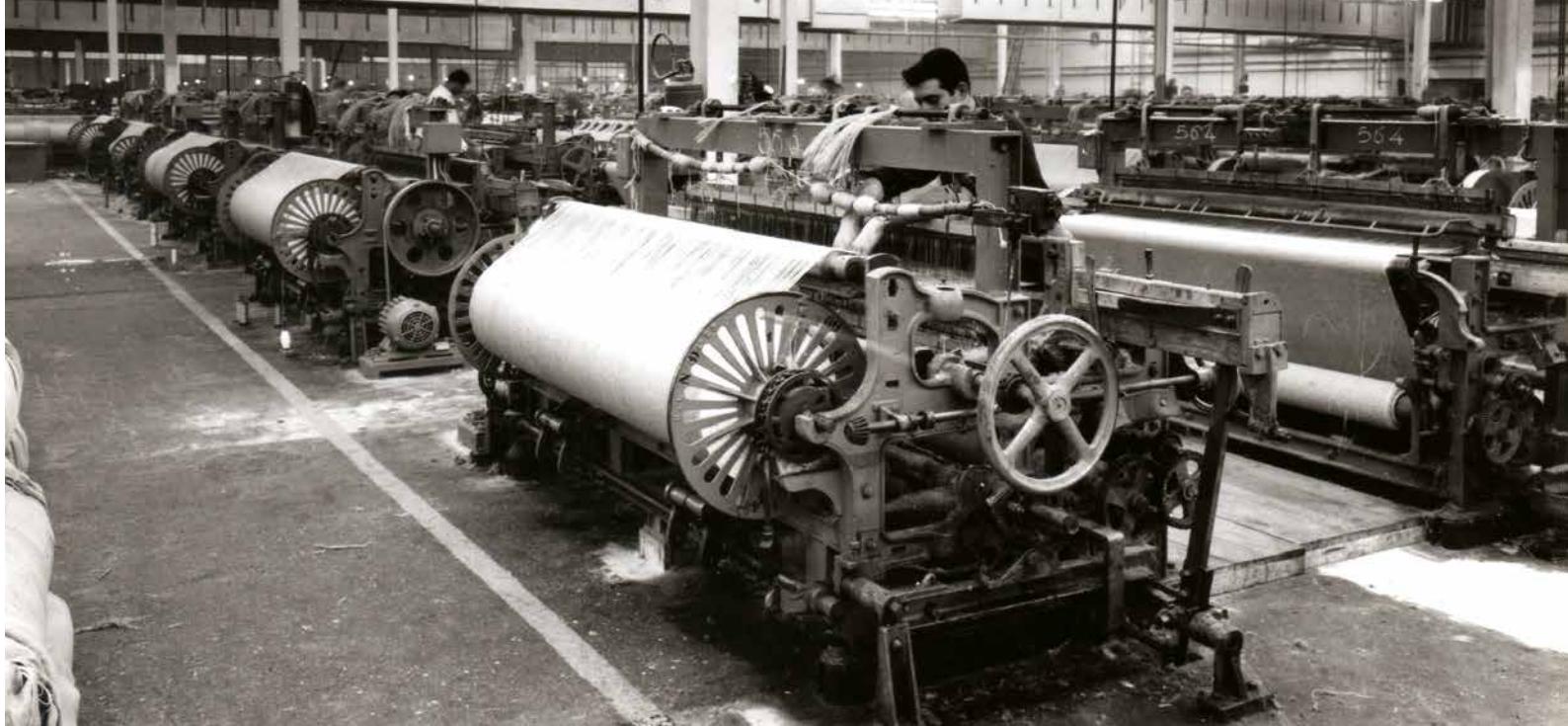
Em troca da entrega total dos trabalhadores, o dono da CUF colhia os benefícios de uma mais-valia qualificada em permanente

dedicação, que os trabalhadores traziam da nascença até ao crepúsculo etário fabril na tradição familiar de servidores da grande mãe protectora.

A fidelização a este sistema paternal funcionava na perfeição e, com a oferta de bens e serviços aos trabalhadores e a preparação dos filhos, futuros operários, gerava um contínuo processo de mão-de-obra qualificada, fazendo o capital percorrer a roleta de volta à CUF.

As festas de Natal eram peças de mecenato que promoviam o agradecimento eterno do operário à estrela paternal que brilhava aos olhos dos miúdos dos pátios, ficando neles a marca do deus terreno que os protegia dos medos do futuro.

A submissão dos trabalhadores começava por ser imposta pela prepotência de homens escolhidos entre os mais perversos subalter-



O ruído das máquinas era imagem de força que anuncia a produção

nos capatazes, pela forma desumana como exerciam a contratação de trabalhadores.

Qualquer observação ou protesto era suficiente para perder o emprego ou, como se dizia na época, ser colocado no balão.

Aqui encontramos um dos maiores contrastes na gestão da CUF. As benesses sociais e os duros capatazes, apoiados por uma rede de «bufos», às ordens de agentes da PIDE que vigavam o interior da fábrica, silenciando protestos.

A mocidade na fábrica era curta. As grandes festas do patrão eram esperadas na bruma dos dias cansados pelos trabalhos esforçados, poluentes e perigosos para a saúde e para a própria vida. O ruído das máquinas e o fumo negro das chaminés eram imagens de força que anunciam a produção ao mesmo tempo que destruíam vidas, umas vezes de forma violenta e rápida, outras, lenta e silenciosamente.

As jovens mulheres, glóbulos vivos da fábrica, produziam têxteis em quatro a dez tearés por sua conta, durante 8 horas sem parar a consertar o fio quebrado, atentas às falhas das máquinas, sob um chuvisco que caía do alto para humedecer o ambiente e dar maleabilidade ao fio. Também elas molhadas da cabeça aos pés. A chuvinha fazia bem ao fio e terrivelmente mal ao aparelho respiratório das operárias e o reumático chegava um pouco mais tarde. A asma e a falta de ar exauriam anos de trabalho em ambiente impróprio para o ser humano frequentar.

Quando Abril de 74 chega, os trabalhadores da CUF de Norte ao Sul do país soltam as amarras numa intensa e viva disposição para alterar o panorama social.

Representantes de todos os trabalhadores eleitos discutem a formação de órgãos de



Quando Abril chega...

representação de todas as categorias profissionais. Nasce em Outubro desse ano a Comissão de Trabalhadores.

Galgando o tempo de recuo ao passado século xx, direi que a nacionalização da CUF fora determinada pela sistemática destruição e abandono da administração pelas unidades fabris.

A sabotagem, o boicote no processo produtivo, as práticas corruptas na gestão da empresa, o desinvestimento na produção, a degradação e o abandono das fábricas, tornando-as deficitárias, foram acções diárias de coniventes chefias.

A nacionalização do anafado Grupo CUF, constituído por 187 empresas e participações maioritárias em mais 254, num total de 441 empresas espalhadas por Portugal, Europa, Brasil e ex-colónias, desencadeia-se por altura

do III Governo Provisório e viria a concretizar-se a 25 de Setembro de 1975.

Mais tarde, coloca-se como eficaz para o país a fusão de três grandes empresas do sector empresarial do Estado: a CUF, os Nitratos de Portugal e o Amoníaco Português. Em 1978, desta fusão resultou a Quimigal, Empresa Pública de Estado. O processo da criação do Parque Empresarial Quimiparque é de todos já conhecido.

Cada livro é como cada laranja colhida da árvore pelo aspecto, depois de a descascar-mos é que lhe tomamos o sabor e saberemos se é melhor que a outra que ontem provámos. Se não existisse esta e a outra ninguém ficaria a saber qual delas era a melhor.

Este livro é o outro sumo que pode não ser o mais doce, mas é, com muita probabilidade, mais sumarento e equilibrado na análise das reais virtudes e deméritos da CUF no Barreiro.

CONSELHO GERAL DE TRABALHADORES

COMISSÃO UNIDADE DE TRABALHADORES DA C.U.F.

A Comissão Unidade de Trabalhadores (CUT) é o organismo mandatário do Conselho Geral de Trabalhadores (CGT) da C.U.F./U.F.A. para os contactos com a Administração da Empresa e demais entidades com quem o pessoal tenha de dialogar.

A CUT (22 membros) foi eleita pelo CGT dentre os elementos que o integram. Estes, por sua vez, foram escolhidos pelos trabalhadores nos seus locais de trabalho, segundo normas definidas por eles próprios tendo em vista uma verdadeira representatividade e a maior eficiência de funcionamento.

O CGT é o órgão soberano dos trabalhadores da C.U.F./U.F.A. sendo composto por 190 delegados em representação do pessoal das Fábricas do Barreiro, Ansião, Delegações Comerciais, Lisboa, Sacavém e Sector Norte. Tem reunido frequentes vezes, utilizando para as suas reuniões o Refeitório N.º 3, no Barreiro.

A constituição da CUT e do CGT foram comunicados à Administração através do seguinte telegrama de 15 de Setembro:

«A CUT-Comissão Unidade de Trabalhadores da CUF livremente eleita por estes oferece colaboração e saúda.»

É de salientar o espírito de cooperação que anima os trabalhadores congregados na CUT e no CGT, pois assim se poderão ir analisando e resolvendo os muitos problemas inerentes a uma Companhia da dimensão e antiguidade da C.U.F.

Realce-se ainda o esforço desenvolvido pelo pessoal da C.U.F. para estruturar os seus órgãos representativos e os cuidados observados na elaboração de todo o processo, a demonstrar seriedade de propósitos e consciência das suas responsabilidades de membros de uma grande comunidade de trabalho.

A CUT, que teve já reuniões com a Administração em 20 de Setembro e 17 de Outubro, vem mantendo informados das suas actividades os trabalhadores da Companhia, através de «comunicados» amplamente difundidos nos locais de trabalho.

É a seguinte a constituição da Comissão Unidade de Trabalhadores:

Abílio Antunes <i>Barreiro/Armazéns</i>	
António C. M. Almeida <i>Barreiro/ZT</i>	
António José Alves dos Santos <i>Fábrica de Ansião</i>	
António Sousa Martins <i>Sede/DTL</i>	
Artur Escudeiro Dias <i>Barreiro/DCA</i>	
Artur Jesus <i>Deleg. Comercial Estremoz</i>	
Augusto Vidal <i>Barreiro/ZT</i>	
Belmiro Ponte Oliveira <i>Barreiro/ZPIP</i>	
Cardoso da Silva <i>Barreiro/DCEI</i>	
Carlos Alberto Monteiro <i>Fábrica União</i>	
Durval Próspero Salema <i>Barreiro/DCEI</i>	
Eduardo José da C. Guerreirinho <i>Barreiro/ZOO</i>	
Emídio Rosa Salvador <i>Barreiro/DCMC</i>	
Fernando Silva <i>Barreiro/ZAP</i>	
Francisco dos Santos Seixo <i>Barreiro/DT</i>	
Harrington Sena <i>Sede/DPQM</i>	
João Manuel Rocha <i>Sede/Contabilidade</i>	
Ló Ferreira <i>Deleg. Comercial Vila Real</i>	
Luís Manuel dos Santos <i>Barreiro/DCM</i>	
Manuel Rodrigues Duarte <i>Barreiro/ZOO</i>	
Maria Odete Cunha <i>Sacavém/C.E.A.</i>	
Rogério Frágua <i>Barreiro/UFA</i>	



ANTÓNIO JOSÉ CARVALHO FERREIRA

Nasceu no Barreiro, mais concretamente no Bairro das Palmeiras, em 21 de Junho de 1956. Em 1959 a sua família muda-se para o centro da então vila.

Frequenta a Escola Primária do Patronato D. Pedro V e a Escola da CUF. Inicia o curso liceal no Liceu Nacional de Gil Vicente, na Graça, em Lisboa, pois ainda não existia ensino liceal público no Barreiro. Vem para a Secção do Barreiro do Liceu Nacional de Setúbal e volta a Lisboa, ao Liceu de D. João de Castro no Alto de Santo Amaro, desta feita por não ter aberto ainda a sua via de estudos no Barreiro. Conclui o ensino secundário no entretanto inaugurado Liceu Nacional do Barreiro.

Licencia-se em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1979, onde faz também o Curso de Especialização em Ética e Política.

É professor do Ensino Secundário Público desde o ano lectivo de 1976-1977. Exerce actualmente na Escola Secundária de Santo André no Barreiro, de cujo Conselho Geral é presidente.

Fundou a Secção do Partido Socialista no Barreiro em 29 de Abril de 1974. Foi membro efectivo da Assembleia Municipal do Barreiro de 1989 a 2009. Foi membro da Direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa de 2000 a 2009.

Reside actualmente no Barreiro.

A formação do CGT e da Comissão Unidade de Trabalhadores da CUF

PARTE II

MITOS

Nasci no já relativamente longínquo ano de 1956, na Rua 1.º de Maio, em pleno Bairro das Palmeiras. Os meus pais tinham casado cerca de um ano antes, tudo nos «conformes» com a moral da época, e tinham começado por ir viver para uma pequena moradia no Lavradio de onde é natural a minha mãe e toda a sua família materna.

Ambos trabalhavam em Lisboa. A minha mãe na sede de uma empresa do Grupo CUF – a UFA – e o meu pai nos Armazéns do Chiado, de saudosa memória. O que lá está só terá que ver com eles a coincidência da localização e do nome.

Os meus avós, ambos trabalhadores da CUF (o meu avô era conhecido por Agostinho «Maneta») moravam no Bairro Operário de Santa Bárbara, na Rua dos Óleos.

A minha avó, menina prendada do Lavradio de origem camponesa de um lado e piscatória do outro, nunca «engoliu» bem o papel de operária dos «tecidos» e por isso conseguiu ser precocemente reformada ao fim de apenas 18 anos de serviço. Podendo ficar comigo, os meus pais optaram por vir morar para mais perto deles.

O meu irmão, três anos mais novo, já foi para a «Creche» da CUF.



O comboio da «pouca-terra» na passagem da Escavadeira

O meu avô, nascido em 1913, foi para a CUF com 8 anos. Dizia ter sido simpatizante anarco-sindicalista na juventude. Contou-me ter assistido, em miúdo, à preparação das célebres bombas usadas em atentados. Os seus pais tinham vindo da Beira Baixa (eram os denominados «ratinhos») trabalhar para a CUF, logo praticamente no início, fixando-se perto do Asilo D. Pedro V, na zona nascente do que chamamos «Barreiro Velho», numa casinha onde ainda mora a minha tia, tia-avó Adélia, a menina Adélia, pois nunca se casou e já dobrou o «cabo» dos 90 anos.

Nessa pequena casa sem janelas, apenas com um postigo na porta e um poial de pedra branca, que, apesar de tudo, com o tempo foi ganhando algumas condições (casa de banho e luz eléctrica), viveram e criaram-se o meu avô e os irmãos, o meu tio António e a minha tia.

Vieram para a fábrica e aqui ficaram, o meu bisavô, José «Ferrão», e a minha bisavó, Antónia «Faia», que me disseram ser descendente da Maria «Faia» de S. Miguel de Acha – uma «mulher de armas» – cantada por Zeca Afonso.

O meu bisavô José Valente, «Ferrão» de «nome de guerra», tinha estado em Lisboa na tropa e assistira ao Regicídio, pois incorporava a guarda de honra ao rei D. Carlos. Contou-me, com riqueza de pormenores, como morreram o Rei, o Príncipe-Real, o Buíça e o Costa.

O meu avô ficou maneta. Nesse tempo ainda os havia, tal como coxos e marrecos. Hoje é que já não há nada disso! Que o diga o Saramago com os cegos americanos... Na fábrica uma máquina «comera-lhe» um braço. Talvez isso explique em parte o seu

1913 – Início da actividade dos «chumboiros», vindos da zona de Alverca, especialistas de soldadura a chumbo, fundamental na conservação das câmaras onde se produz o ácido sulfúrico.

Entrada em funcionamento da fábrica de produção de sulfato de cobre, pesticida preparado a partir do cobre recuperado das cinzas de pirite.

1914-1918 – Primeira grande acumulação de capital na CUF, devido à estratégia de asfixia de pequenas empresas familiares e à ulterior especulação de preços durante a Primeira Grande Guerra. Aplicação da lei da concentração capitalista, potenciando o enriquecimento e a reformulação dos estatutos da Companhia com o aumento do capital social para 2000 contos de réis.

1916-1917 – Aquisição pela CUF da Fábrica de Têxteis do Rato, responsável pela introdução em Portugal da tecelagem de juta, tecido fundamental para a fabricação de sacos para os fertilizantes em pó.

Continuação do processo de expansão das fábricas que ocupam 200 hectares e empregam agora 2000 operários (1917). Apesar da escassez de matérias-primas devido à guerra, a laboração no Barreiro não fica comprometida, devido à «impertinência» de Alfredo da Silva que bate o pé aos fornecedores ingleses.

1919 – O «grande patrão» concebe o espaço industrial segundo um modelo inspirado na Inglaterra e na Alemanha da segunda metade do século xix: constroem-se casas para os trabalhadores ao lado da fábrica; cria-se a despensa para o seu abastecimento, proporcionando à empresa o retorno de parte dos magros salários; institui-se a escola primária para garantir operários mais qualificados nas futuras gerações.

Criação em Abril da Associação de Classe dos Operários da Companhia União Fabril.

Greve desencadeada em Julho com duração de cerca de 45 dias, contra os despedimentos arbitrários e pela recusa da aplicação do horário de 8 horas de trabalho diário.

«realinhamento» político. Basta olharmos para o actual elenco governativo e encontraremos, *mutatis mutandis*, exemplos em que a «sobrevivência» aliada, sem dúvida, a alguma falta de carácter, acabou por «falar mais alto».

É por estas e por outras que, às vezes, me dá ganas de gritar:

– Honra aos «burros», aos que nunca mudaram de ideias!

Mas a vida é mesmo assim: o homem e as suas circunstâncias...

Do conjunto dos meus bisavós, conheci dois dos homens e as quatro mulheres. O meu bisavô «Ferrão» tinha («tinha» é como quem diz) uma horta na Escavadeira, num barranco que dava para o Alto Seixalinho. Uma das primeiras recordações que guardo, devia ter os meus 3 ou 4 anos, é atravessar pela sua mão a ponte pedonal que ainda está lá, por

quanto tempo?... Sobre a linha do comboio o velhote dizia-me carinhosamente, quando passava algum, daqueles ainda do tipo *pouca-terra, pouca-terra*:

– Olha, Tozé! Lá vem o «quiimbório»!

E eu, doce pequenino «sabichão», complacente, emendava-o:

– É comboio, avô, comboio!

Entretanto, mesmo com o arranque dos autocarros no Barreiro, um certo «aburguesamento», com a eminência dos anos 60, ditou a necessidade de estar perto dos equipamentos mais necessários e toda a minha família próxima se mudou para o centro do Barreiro, para a «Vila» como se dizia na altura. A minha avó faleceu recentemente, à beira dos 90 anos e a minha mãe mora há mais de 40 na mesma casa, depois de se ter mudado meia dúzia de vezes, num perímetro entre o Posto da antiga Caixa

Esta acção é violentamente reprimida pela tropa e pela guarda, depois de decretado o lock-out patronal. Contabilizam-se dois mortos, muitos feridos e dezenas de despedimentos arbitrários.

1919-1921 – Exílio voluntário de Alfredo da Silva em Espanha, perseguido e alvo de dois atentados devido ao seu apoio empenhado ao sidonismo (foi senador durante a ditadura).

De Madrid continuará a dirigir os negócios da CUF até ao regresso em 1927, já depois do golpe militar reaccionário.

1920-1921 – Alargamento da actividade com a fundação da Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes (SG) que inicia o transporte de matérias-primas das Colónias. O comércio e a exploração colonial serão o segundo grande factor de enriquecimento da empresa.

A SG entra na constituição da Sociedade António da Silva Gouvêa que monopoliza a comercialização de produtos da Guiné-Bissau: madeiras, arroz e oleaginosas.

Fusão entre o capital industrial e o financeiro, com a entrada da CUF na gerência da casa bancária José Henriques Totta.

1922-1925 – Dinamização de novas unidades produtivas, graças aos lucros do comércio colonial e aos novos investimentos com capital financeiro-industrial: conquista de espaço ao rio Tejo, com aterros de resíduos industriais; construção da Moagem de Enxofre (1923); ampliação das Oficinas de Fundição e Caldeiraria (1925), para apoio às fábricas e assistência à frota da SG, a operar com seis navios desde 1922; fundação da Metalurgia do Cobre por fusão e refinação (1925).

1926-1929 – Instalação no Barreiro da primeira unidade de Cloruração e de Sinterização de cinzas de pirite, para a produção de ferro (1926).

Inauguração da Tabaqueira em Albarraque, Sintra (1927).

Remodelação das Fábricas de Superfosfatos e de Ácido Sulfúrico, entrando em laboração duas novas unidades pelo processo de câmaras de chumbo (1928). Nova instalação de sulfato de cobre, duplicando a produção.

de Previdência e a Câmara Municipal. Vejam lá como era fácil arrendar casas!

O meu avô reformou-se da CUF e tornou-se o cliente n.º 1 do «Manel da Galega». Até lhe chamavam o «sócio-gerente», tendo chegado a «doutorar-se» em «Alcoólicas e Petisqueiras» que, como é do conhecimento geral, é um ramo do saber próximo, mas menos radical, das «Alcoólicas e Bagaceiras» que conduzem a um desgaste mais rápido. Mesmo assim consegui morrer cedo, no Verão de 1979, contrariando o perfil genético da família.

Um colega do meu avô e parceiro no «Manel da Galega», o «Ti» Zé, tendo-se reformado da CUF uns pares de anos antes dos 70 – a empresa estava a renovar a força de trabalho – foi para o Estado, para funcionário auxiliar no Liceu do Barreiro. Nesse tempo chamavam-se «contínuos».

Como diz Ary dos Santos:

O contínuo presente

O contínuo passado:

Permit-me

Permit Vossa Celebridade

O limite,

O limite,

O limite de idade.

Pelos anos 80 atingiu o dito «limite de idade» e reformou-se da Função Pública. No Liceu fizeram-lhe uma festa de merecida homenagem a que me associei.

Perguntei-lhe então:

– «Ti» Zé, o senhor que ainda está aí «para as curvas», cheio de força, não se vai aborrecer de andar para aí sem fazer nada?



A segregação «classista» premiada

O homem tranquilamente – parece que estou a vê-lo – respondeu-me:

– Ó homem, eu nunca fiz nada!

A minha infância e juventude estiveram ligadas ao universo CUF por evidentes razões familiares. Toda a minha família materna trabalhou no Grupo CUF (UFA, Tabaqueira, etc.). Nasci e comecei a ser criado praticamente dentro das fábricas. Cresci ao som da «buzina».

Lembro-me muito bem das «chapas» de várias cores com a roda dentada, como *ex libris*, que identificavam por categorias profissionais os trabalhadores. Recordo-me perfeitamente da segregação classista que elas representavam, com uma cor por zona e sinal de função, diferente para os operários, para os empregados de escritório e para as várias categorias de técnicos, até à «fidalguia» da Empresa, os engenheiros.

Uma colega minha de profissão, filha de um engenheiro da CUF, chegou a verbalizar isso mesmo, dizendo:

– Na falta de melhor, os engenheiros eram o sangue azul desta terra.

Todos os operários tinham que levar as chapas ao peito. Os outros podiam levá-las no bolso e mostrar só quando eram solicitados pelos fiscais, habitualmente com fama de «esbirros» e, em muitos casos, com proveito. Lembro igualmente das cabines das «apaladeiras» e das «revistas», sistema de verificação de quem saía, para evitar roubos de materiais da empresa, impostas muitíssimo mais aos de «baixo» (pessoal operário) do que aos de «cima» (técnicos e administrativos), ainda que, por vezes e em virtude (e especialmente por falta dela) de sórdidos antagonismos, rivalidades e vinganças, tivesse havido exceções.





A discriminação «classista» era a regra nas festas do patrão

Na Colónia de Férias a divisão era por cores e proveniência social

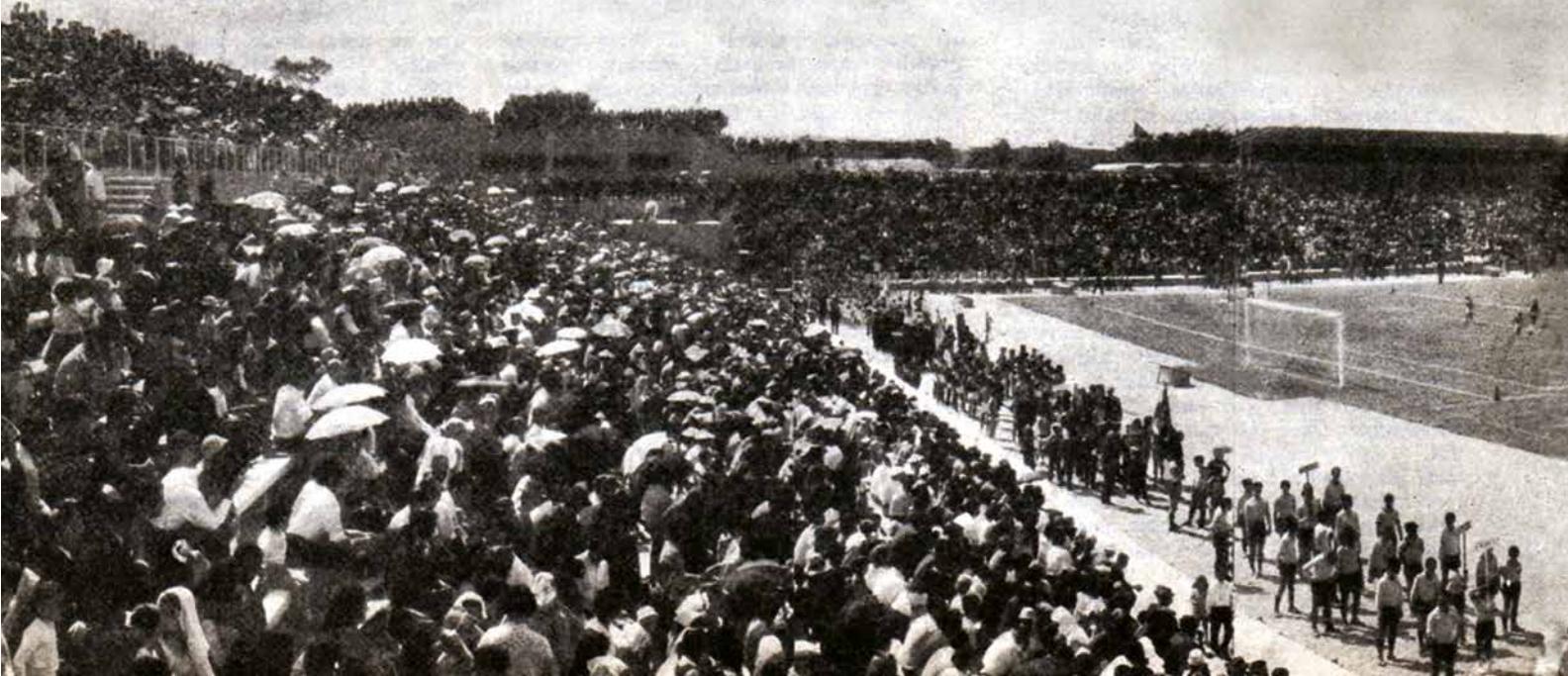
Aliás, a CUF, como todos os universos concentraçãorios, era terreno fértil para a exibição mesquinha do poder por mais «pindérico» que fosse. Por isso, os jogos de dominação eram moeda corrente e levavam ao acumular de ódios e ressentimentos e à devolução dos «mimos», fazendo-se pagar os agravos sempre que possível na mesma moeda e com juros, logo à primeira oportunidade, na «volta do correio». Estes «jogos» criavam um muito mau ambiente de trabalho. Contudo, forjaram-se laços de objectiva solidariedade entre os que se sentiam no mesmo barco.

A discriminação «classista» era regra na CUF. Aliás, nem poderia ter sido de outra maneira pois, também o era e ainda o é, embora de forma mais «sonsá», na sociedade portuguesa que teve sempre o condão de recuperar em cada passo histórico o que simbolicamente

havia de mais reaccionário e atávico no estádio anterior.

Foi assim com os títulos, com os viscondes e barões do liberalismo, com os doutores, engenheiros e arquitectos da CUF e continua a ser assim, como canta Vitorino: «de colarinho engomado, povoando os Ministérios, és dono dos homens sérios, ninguém te vai aos costados».

Na Colónia de Férias da CUF, por exemplo, a divisão era por cores o que determinava uma certa homogeneidade selectiva entre as proveniências geográficas e socio-laborais das crianças e dos jovens. Assim, os «verdes» e os «castanhos» marcavam a proveniência operária, originária do Barreiro ou dos outros centros fabris mais pequenos pertencentes à Empresa. Da sua memória resta o nome dos Blocos do Bairro Novo da CUF (Alferrarede, Soure e



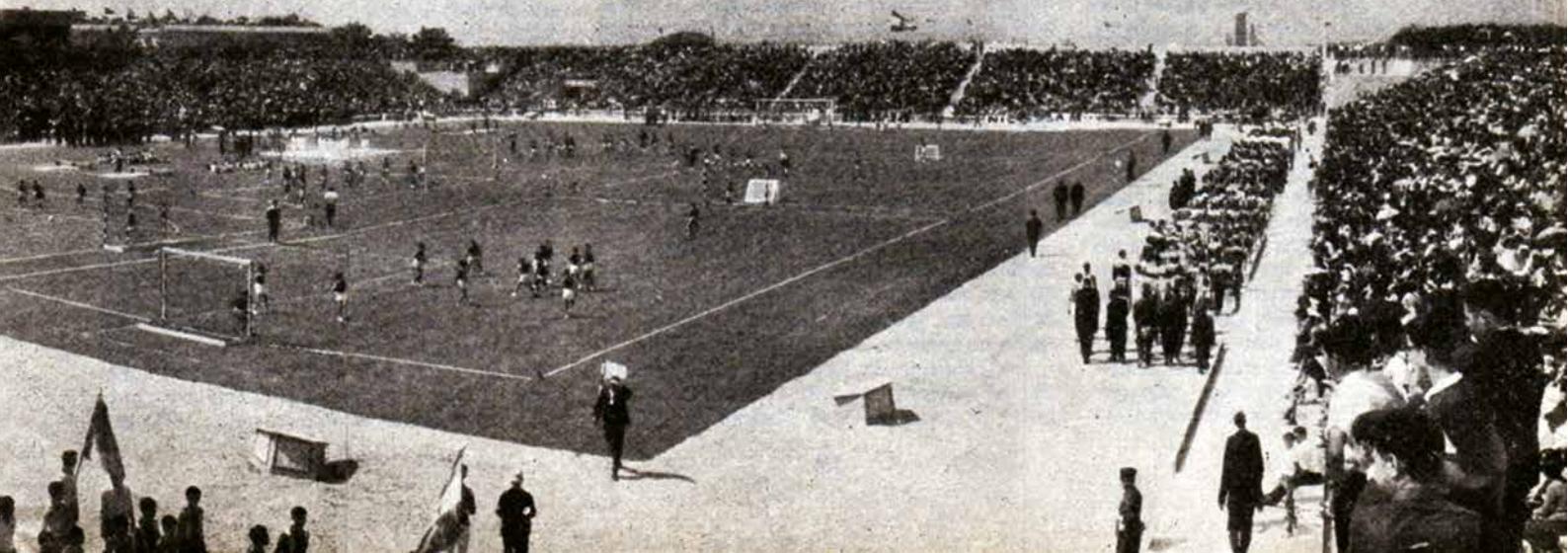
A inauguração do Estádio Alfredo da Silva em Junho de 1965

Canas de Senhorim); os «amarelos» – dos quais fiz parte – eram geralmente filhos dos administrativos; os «encarnados» (nesse tempo nem o Benfica era vermelho!) e os «azuis» (*finezas das finezas*) eram, em geral, filhos dos quadros da Empresa e Associadas ou do, menos numeroso, pessoal do Norte (da delegação do Porto ou de outras).

A CUF tinha também um Grupo Desportivo, cuja equipa de futebol, formada por escrutários, fiéis de armazém ou trabalhadores afins (que o eram pelo menos nominalmente), disputava a 1.^a Divisão Nacional, tendo mesmo ido, que me lembre, por duas vezes a uma das competições europeias da altura, a Taça das Cidades com Feira.

Praticavam-se várias outras modalidades com os seus jogadores sempre na crista da onda pelos seus bons resultados. Estou a lem-

brar-me da equipa do hóquei em patins, em que jogaram o meu tio Valdemar e o meu primo Germinal, bem como os «craques» Leonel, Vítor Domingos e José António da Seleção Nacional que foi campeã do Mundo; do basquetebol, recordo o «Zé Grande», um dos primeiros, senão o primeiro jogador português com 2 metros de altura e o Jim Jones, irmão do Kit Jones do Sporting (o meu outro e principal clube verde). Estes dois jogadores norte-americanos foram dos primeiros a aparecer por cá e, ainda por cima, com um simpático ar de *hippies*; do remo, o campeoníssimo, insubstituível e, até hoje, imbatível Carlos «Bóia», que esteve nos célebres Jogos Olímpicos do «Setembro Negro» de 72 em Munique; do atletismo; do *rugby* e do judo, o saudoso Mestre Joaquim Barata, para quem a modalidade era uma autêntica religião.



Do Grupo Desportivo da CUF, cuja sede frequentei na minha juventude e do qual guardo grata memória, recordo o Jeremias, um então jovem de transbordante simpatia que atendia público e atletas para tratar de questões administrativas. Pratiquei basquetebol sob a orientação do sempre jovem treinador e nosso amigo, Carlos Cecília; *rugby* com os treinadores Luís Lince e José Bento dos Santos – actual excelente gastrónomo e enólogo (sempre dói um bocado menos, não é?!) e *judo* com os Mestres Joaquim Barata, Luís Filipe Nunes (meu colega e amigo) e José Pinto Gomes (grande lutador!).

Assisti à inauguração do Estádio Alfredo da Silva e do Pavilhão, onde no primeiro treinei e joguei *rugby*, bem como no posteriormente designado «Campo 13 de Agosto» (nessa altura raros eram os clubes portugueses com 2 campos relvados). No Pavilhão treinei e joguei

basket, treinei *judo* e combati quer no *dojo* do Pavilhão, quer anteriormente no do «velho» Refeitório 3.

Em 1965, estaria nos meus 9 anos, assisti à inauguração da Estátua de Alfredo da Silva, actualmente descida do pedestal. A Câmara da altura mandou cair apenas duas das empenas da Praça, a Sul e a Poente, se não me engano, para que o velho Almirante «corta-fitas», o então Presidente da República, não visse mazelas a mais.

Recordo-me que o Presidente da Câmara de turno era da CUF, o Eng. Bento Louro. Na presidência da Câmara a CUF costumava alternar com a CP e tinha mesmo «repetências» como a do Eng. Técnico Adragão, com uma excepção «civil» pelo meio, a do Dr. França, um médico que era boa pessoa e não vinha nem de qualquer dos «dados».



A pujança da CUF, a «Despensa» em que se vendia de tudo

Assisti à pujança da CUF e do Barreiro que foram concomitantes. A Vila fervilhava de gente, de vida e de actividade. Na pastelaria *Tico-Tico*, por exemplo, entre as 7 e as 8 horas da manhã, era muito difícil chegar ao balcão e os cafés só fechavam às 2 da madrugada.

Lembro-me das Sociedades Penicheiros e Franceses e dos seus grandes bailes, do meu querido 22 de Novembro e da sua pequena-grande Sala, como um mini S. Carlos, da sua Companhia residente, o TEB (Teatro de Ensaio do Barreiro), dos Carnavais, da SFAL no Lavradio e dos seus pioneiros concertos de *rock*.

Com o declínio da CUF/Quimigal iniciou-se também o declínio do Barreiro, enquanto capital clássica do trabalho, no paradigma daquilo a que Toffler chamou a 2.^a Vaga e que consistiu num modelo de desenvolvimento assente no *kombinat* industrial: o conglomerado fabril

que juntava em seu redor toda a mão-de-obra e todos os serviços possíveis em vários círculos e anéis físicos e simbólicos: desde os bairros operários (Santa Bárbara e Bairro Novo da CUF), aos precários (Palmeiras e Baixa da Banheira o «Xangaio») e aos dos «engenheiros» (Santa Bárbara e Quinta da Fonte), aos Refeitórios para operários e Messes para quadros. A «pequena burguesia» dos Serviços ia tomar as refeições a casa, na altura ainda havia tempo e horários para isso.

Recordo-me da Padaria e Armazém primeiro e o Supermercado depois, a «Despensa» em que se vendia de tudo, desde latas de atum até automóveis, já com o sistema de auto-abastecimento em carrinho, na altura sem moeda, e pagamento na Caixa, já nos idos de 60 e princípios de 70; o Posto Médico no Barreiro e o Hospital, na Pampulha em Lisboa; o



Com o declínio da CUF/Quimigal iniciou-se também o declínio do Barreiro

Cinema e o Clube Desportivo; a Escola Primária e a Colónia de Férias; do patrocínio de uma Escola Secundária «dedicada» – a Comercial e Industrial Alfredo da Silva, fornecedora de administrativos e operários especializados à CUF, mas também à CP, o duopólio dominante cá no burgo.

Será até curioso reparar na proximidade das efemérides: a CUF perfez um século no Barreiro (1908) em 2008 e em 2009 comemoraram-se os 150 anos da inauguração dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste (1859).

Também não será despiciendo considerar a magnitude do «Empório/Império» CUF cujas actividades, protegidas sem dúvida pelo regime e por ele policiadas (PIDE infiltrada, GNR domiciliada, etc.), tendo fontes de matérias-primas e mercados cativos (Portugal e Colónias), praticamente sem concorrência, o

que dava para um gigantismo laboral e ritmos de produção hoje impensáveis.

Sem grandes preocupações de gestão, os administradores da CUF eram engenheiros, economistas e juristas, mas também chegou a haver obstetras e veterinários cuja ligação à Empresa radicava no núcleo familiar possidente. Permitia uma distribuição de «tachos» em jeito de «Albergue Espanhol» com «todos ao molho e Fé em Deus». Era necessário provar que se casara de papel passado pela Santa Madre Igreja para se candidatar a uma casita de renda acessível.

Em suma, a CUF, não tendo fundado o Barreiro, constitui, para o bem e para o mal e até para além de um e de outro, a marca indelével da sua modernidade e do lugar central que ocupou durante mais de sete décadas na economia, na sociedade e na vivência política, social e cultural no nosso velho país.



As ligações ao núcleo familiar possidente

Na CUF nem tudo, longe disso, foram rosas, mas criaram-se situações inovadoras até então inexistentes ou muito raras no nosso país: protecção social, pensões de reforma, cuidados materno-infantis, assistência médica e medicamentosa, um sistema de saúde próprio e formação profissional.

Situações que depois se vieram a generalizar nalguns casos e que noutras estão ainda por se fazer ou estão mesmo a ser desmanteladas neste mundo global em que o colapso da União Soviética permitiu o actual «regabofe» da ordem unipolar e do capitalismo de «casino», com os resultados que estão à vista e «ainda a procissão vai no adro».

Foi em proveito próprio? É claro que foi em proveito próprio, nunca houve almoços

grátis. Mas quantos de nós, enquanto sujeitos individuais e todos nós, enquanto colectividade, não fomos enriquecidos com essa realidade que também nos envenenou o ar e o rio, mas que nos trouxe pão e prosperidade?

Possa o Barreiro encontrar a breve trecho um caminho para se reencontrar com a sua própria História.

Na CUF para singrar era preciso «ir à missa», sem dúvida que era. Mas a quantas «missas» não é preciso ir agora com resultados muito mais incertos?!

A CUF não seria propriamente a Santa Casa da Misericórdia, pois não! Mas nem a Santa Casa da Misericórdia já é, propriamente, a Santa Casa da Misericórdia (se é que alguma vez o foi!).



ARMANDO SOUSA TEIXEIRA

Nasceu no Barreiro em 1949, numa família operária e num tempo marcado pela ocupação opressiva da GNR/PIDE e pelos laços de solidariedade tecidos entre as gentes trabalhadoras da vila velha. Fez o curso industrial de Química na Escola Comercial e Industrial Alfredo da Silva (1960-1965), onde mais tarde seria professor, nos anos lectivos de 1975-1980.

No Instituto Industrial de Lisboa presidiu à Associação de Estudantes nos anos de 1969-1971, tempo de luta contra o regime da ditadura, pela democratização do ensino, pela liberdade, contra a guerra colonial.

No Serviço Militar foi afastado do COM e preso em Novembro de 1972, em Moçambique, em pleno teatro de guerra. Torturado pela PIDE em Caxias, foi julgado no Tribunal Plenário da Boa Hora, em Maio de 1973.

Reincorporado posteriormente e feito prisioneiro militar no Forte da Trafaria, foi despromovido e remobilizado para Moçambique, onde permaneceria com uma comissão agravada de três anos, interrompida pela gloriosa revolução de 25 de Abril de 1974.

Autarca na década de 80, tem três filhos, plantou muitas árvores e terminou em 2010 a carreira profissional de mais de 30 anos como engenheiro químico-industrial na ADP/ex-CUF/ex-QUIMIGAL.

PARTE III

CONTRADIÇÕES

1. Visão messiânica de um homem providencial? O Barreiro não nasceu com a CUF!

O Barreiro cresceu numa zona com características especiais para a produção organizada. A proto-indústria está referenciada desde o século xv, na Carta de Foral do concelho, concedida por D. Manuel I, em 16 de Janeiro de 1521: moinhos de vento e de maré, fornos de cerâmica e de panificação. Nos séculos seguintes registam-se as pescas, a produção de sal, a construção naval, o fabrico de vidro, as moagens, os fornos de cal, as cordoarias, assentes

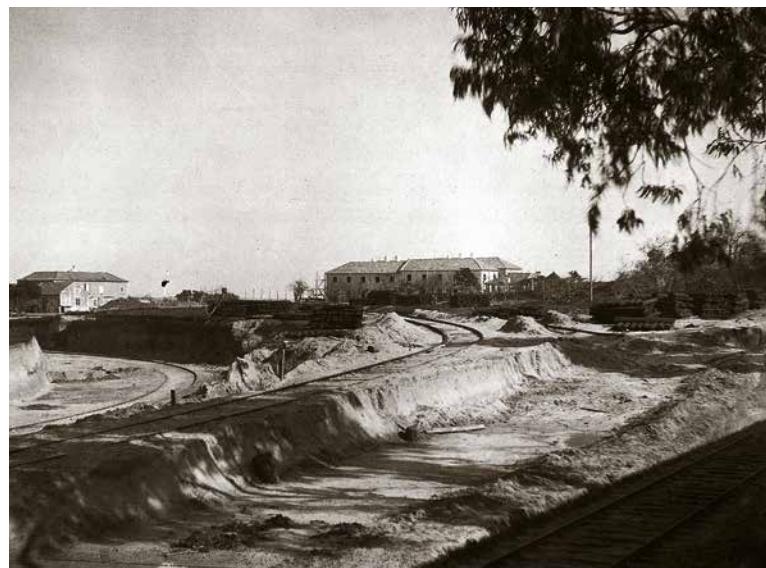
no trabalho especializado de artífices, pescadores e operários que fazem progredir a vila.

O transporte ferroviário é o paradigma do século xix: a construção da linha dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste desde 1854; as Oficinas «excepcionais» em 1859; o primeiro troço Barreiro-Vendas Novas em 1861; a gare marítima de Miguel Paes em 1884.

João Augusto Pimenta escreveu na sua Monografia em 1888: «A abertura do caminho-de-ferro foi para esta povoação o braço vigoroso do atleta que veio rasgar o véu de tristeza e miséria que a envolvia».

O sonho de juventude, perfilhado pela vida fora como militante comunista, de transformação da sociedade e de construção de um futuro sem exploração e de maior dignidade da condição humana, inspirou a feitura de seis livros sobre o Trabalho, a Resistência e a Luta no Barreiro, o último dos quais com o título *A I República e o Movimento Operário no Barreiro*, editado em Setembro de 2013 pelas Edições «Avantel».

Em 2010 publicou na mesma editora *Guerra Colonial – A Memória Maior Que o Pensamento*, um livro de memórias que é um romance de muitas vidas, e prepara a edição de uma sequela, *Da Guerra Nunca se Volta*.



As fábricas nasceram a Sul

O fundador visita a «obra»

Relevando o exagero comprehensível da afirmação, com o comboio veio o trigo, o azeite, a madeira, a carne, o vinho do Alentejo para a capital. E veio a cortiça, um produto nacional de excelência, e com ela chegam de Silves, de S. Bartolomeu, de S. Brás, de Faro, de Santiago de Cacém, de Grândola os homens e as mulheres que a sabiam trabalhar. Os migrantes do Algarve e do Alentejo ajudaram a construir as ideias solidárias do associativismo, a consciência nova das lutas reivindicativas, o sonho utópico das teorias libertárias.

As primeiras corticeiras instalaram-se na pequena vila da margem esquerda do Tejo por volta de 1865. No fim do século XIX já eram mais de dez, de grande e média dimensão.

Os autóctones dedicavam-se até então à pesca sazonal, à agricultura pobre, à produção do sal, com salários muito baixos e levando

uma vida ruim. Por isso foi relativamente fácil a adesão aos novos processos produtivos e a miscigenação com os vindouros.

Em 1900 o Barreiro tem cerca de 8000 habitantes e é uma vila progressiva, princípio e fim do além-Tejo, interface ferroviário e fluvial com a capital, na margem do rio de águas limpas e praias de veraneio com areias douradas, ricas em peixe e mariscos.

A indústria química de fertilizantes existia na Europa desde meados do século XIX. Lawes introduziu a produção de adubos em larga escala em Inglaterra, por volta de 1860.

Alfredo da Silva emergiu como industrial no início do século XX, num país miserável de agricultura atrasada, aproveitando a «Lei da Fome», publicada pelo governo de João Franco, em 1898. Depois de anos de penúria de cereais e fome dos portugueses, a produ-



1929-1930 – A influência do Partido Comunista Português estende-se às grandes concentrações operárias na CUF e nos Caminhos-de-Ferro, quando aumenta o número de trabalhadores industriais (34% da população activa em 1930) e à medida que diminui o ascendente político anarco-sindicalista dos anos anteriores.

Enérgicos protestos da população rural contra os gases que queimam as culturas. Sem qualquer preocupação ambiental e sem restrições oficiais, as promessas de melhorias tecnológicas e de indemnizações pelo patrão da CUF raramente são cumpridas.

Risco de falência da Casa Bancária Totta, em plena Grande Depressão (1929). Alfredo da Silva consegue empréstimos do Banco de Portugal e da Caixa Nacional de Crédito, com os bons ofícios do então Ministro das Finanças, Oliveira Salazar.

1930-1933 – Modernização e ampliação da Companhia União Fabril, mercê dos proteccionismos de que goza com o advento do Salazarismo (1932).

Concentração no Barreiro de toda a actividade têxtil. Ampliação da Fundição em apoio à fabricação de ácido sulfúrico.

Construção de uma Central Diesel de 6100 cv, elevando o consumo de energia para 3 milhões de kWh.

1933 – Alfredo da Silva assume o cargo de procurador à Câmara Corporativa no governo de Salazar (fora senador na Monarquia e deputado na República).

1934 – Janeiro de 1934, tentativa de greve geral revolucionária de operários corticeiros, da CUF e da CP, no Barreiro, organizados no PCP ou ligados ao anarco-sindicalismo. Como expressão da luta e da resistência ao regime de ditadura implantado em 1926, a greve não teve adesão dentro das fábricas e seria gorada a nível nacional.

1935 – Espancamento selvático pela polícia política (PVDE) a inúmeros operários da CUF e da CP, presos na sequência das acções de agitação contra o regime salazarista levadas a cabo em finais de Fevereiro.

Em Abril, manifestação com cerca de 3000 participantes, entre os quais muitas operárias da Zona Têxtil, exigindo a libertação dos presos. A Polícia, vinda de Setúbal, dispersa a multi-

Um horizonte de fábricas em produção



dão a tiro na Praça da República (Largo de Sta. Cruz), fazendo dois feridos graves.

1937 – Adjudicada à CUF a exploração das docas e oficinas do Porto de Lisboa e a concessão do Estaleiro Naval do Cais da Rocha do Conde de Óbidos.

Nos Estaleiros Navais da CUF de Lisboa fazem-se as reparações da frota da Sociedade Geral, então já com 18 unidades a operar com as colónias.

Ampliação do Porto Fluvial do Barreiro por exigência do acréscimo da actividade fabril.

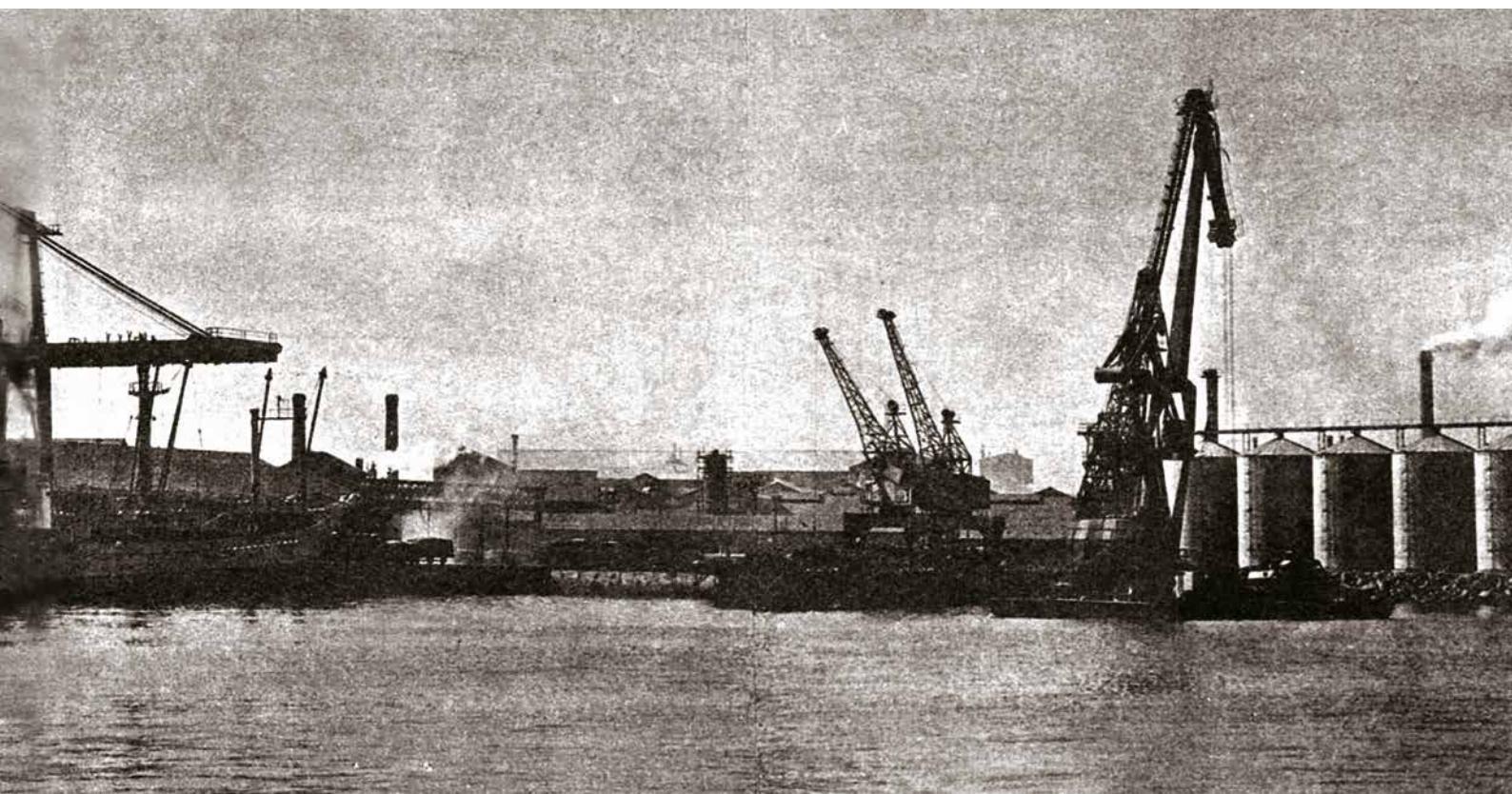
1938 – Primeiras lutas organizadas pelo PCP no interior das fábricas: na Caldeiraria (1938); na Fábrica de Sabão (1938); na Zona Têxtil (1940) e novamente na Caldeiraria (1942). Contra as baixas remunerações, as más condições de trabalho e de segurança. A repressão é feita pela polícia política, com prisões sem julgamento e com espancamentos nos interrogatórios. Por orientação patronal, os ex-detidos são despedidos, mesmo os não pronunciados.

1939 – No final do ano, na Fábrica de Sabão, são pintados nas caixas os símbolos da esperança num mundo novo – a foice e o martelo.

O *Avante!* denuncia o apoio material e o financiamento aos falangistas de Franco por Alfredo da Silva, durante a Guerra Civil de Espanha (1936/1939), tal como o fez Salazar, impondo o racionamento de géneros ao povo português.

Imposto por lei o desconto obrigatório das quotizações para os Sindicatos Nacionais Corporativos, garantido pela entidade patronal. Como, apesar disso, a filiação não é obrigatória os trabalhadores furtam-se a fazê-lo.

1940 – Fundação da Caixa de Previdência do Pessoal da CUF e Empresas Associadas, suprindo a falta de providência estatal (não existem pensões, subsídio de desemprego ou de doença, para a maioria dos trabalhadores portugueses). Os gestores da Caixa são da confiança da administração, e os fundos são geridos no interesse da própria empresa que os utiliza como capital para investimentos.



Ou FÁBRICA OU COUVES!

Quando as fábricas de produção de ácido sulfúrico e de adubos fosfatados arrancam em 1909-1910, sob a supervisão dos técnicos franceses Stinville e Castará, avisadamente contratados por Alfredo da Silva, o número total de trabalhadores pouco passa dos cem. Os gases efluentes, produzidos em grande quantidade nos processos químicos fabris e sem qualquer tratamento, começam a destruir as culturas que, no primeiro quartel do século xx, abundavam nas quintas e quintais do Alto do Seixalinho, Alto da Paiva, Verderena, Quinta Pequena, Quinta Grande e outras.

Houve protestos dos pequenos e médios agricultores que constituíam ainda parte significativa da economia da vila. Cenas de revolta à porta das fábricas são descritas em periódicos da época, consubstancialmente em acções que se radicalizam e se tornam por vezes violentas. Com as hortas queimadas pelos gases da CUF, os camponeses protestam também junto do presidente da Câmara Municipal que lhes responde ser esse o preço do progresso:

«Ou fábricas ou couves, têm de escolher!» – arroga o edil.

Por esses tempos, um pequeno lavrador arruinado, em desespero de causa, encosta uma faca ao pescoço de um director. O grande patrono, Alfredo da Silva, intervém, prometendo indemnizações pelos prejuízos, que se foram protelando e quase nunca chegaram. No desânimo da actividade agrícola destruída, houve pelo menos um suicídio e muita miséria da gente que vivia do campo.

Perante o avanço do capitalismo industrial, com promessas de emprego insuficientes e sem preocupações de ordem ambiental, o Barreiro vai mudando de fisionomia, tornando-se na terra símbolo da poluição atmosférica e hídrica. Porém as questões ambientais, num processo precursor de futuras preocupações ecológicas, serão sujeito de reivindicações e lutas ao longo dos anos.

ção de adubos é a «janela de oportunidade» do empresário e deputado do «franquismo», já no período de estertor da monarquia.

Em 1907 chega finalmente a «revolução industrial», atrasada 50 anos em Portugal, com halos de sebastianismo, capitaneada por um «salvador da Pátria», como lhe chama a imprensa afecta. A partir da construção das fábricas da CUF dão-se profundas alterações na vila ribeirinha. Para o bem e para o mal nada ficará como dantes, mas o Barreiro não nasceu com a CUF!

O engenho do empreendedor foi ter substituído, a nível nacional, a filosofia comercial tradicional (só se produzia em pequenas fabriquetas o que garantidamente se vendia), pelo princípio da produção em larga escala. Incentivando as vendas a preços mais baixos, aumentando o consumo, arrasando a concorrência e

arrastando os preços de sabões, óleos, azeites, estearina, fertilizantes, leva à ruína as pequenas empresas de produção familiar posteriormente compradas por «tuta-e-meia» e encerradas. A imprensa da época chama-o de «açambarcador».

Trata-se afinal da aplicação da «lei» da concentração capitalista, já antes identificada e caracterizada por Marx, típica do sistema económico baseado no mercado e no lucro, tal como continua a ser aplicada nos nossos dias.

Os tubarões engolem sem piedade nem dó os peixes mais pequenos e engordam.

Foi isto que o patrão dos patrões protagonizou nas primeiras décadas do século xx, depois da sua entrada para a administração verificada em 1898, quando da fusão da Companhia União Fabril com a Aliança Fabril.

Ti GODINHO

Nasceu e cresceu nas terras alentejanas de Ponte de Sôr, fez-se homem vivendo do trabalho escasso em tempos de sol-a-sol, na tradição medieva que só a luta de décadas iria quebrar, quase meio século depois.

Casou com uma patrícia, mulher desempoeirada, mas, à medida que a família crescia, minguava o pão. Em desespero ancestral ouviu falar das fábricas novas lá onde o comboio parava e pôs os pés a caminho, porque bolsos rotos não permitem luxos de «pouca-terra». Curioso este eufemismo do comboio a vapor, espalhando fumos e fuligem na «terra-pouca», terrível drama do Alentejo na mão de meia dúzia de latifundiários.

Uma semana calcorreando montes e vales com as botas já sem solas, tirocínio para o duríssimo trabalho à espera no cais da fábrica prometida, recrutado no dia-a-dia do desespero:

– «Anda cá tu, anda cá tu, anda cá tu! O resto... desandarem!».

Quem não trabalha não come, a «praça de jorna» ditava a sorte do almoço da família, que jantar nunca havia!

Quando fica sozinho no novel mercado da química industrial, aumenta os preços e a CUF começa a enriquecer (primeiro grande factor de enriquecimento).



A carga de azeite em ânforas de barro, no porão do barco da exploração, dava um prejuízo tremendo à Companhia, pois muitas partiam-se quando levantadas pelo guindaste. José Godinho, conhecedor das lides com o azeite na terra natal, propôs ao capataz a adopção de um suporte em madeira cruzada e articulada que o monstro mecânico levantava sem destruição das bilhas.

A boa notícia correu o cais e Alfredo da Silva, informado do sucesso, veio verificar com os próprios olhos:

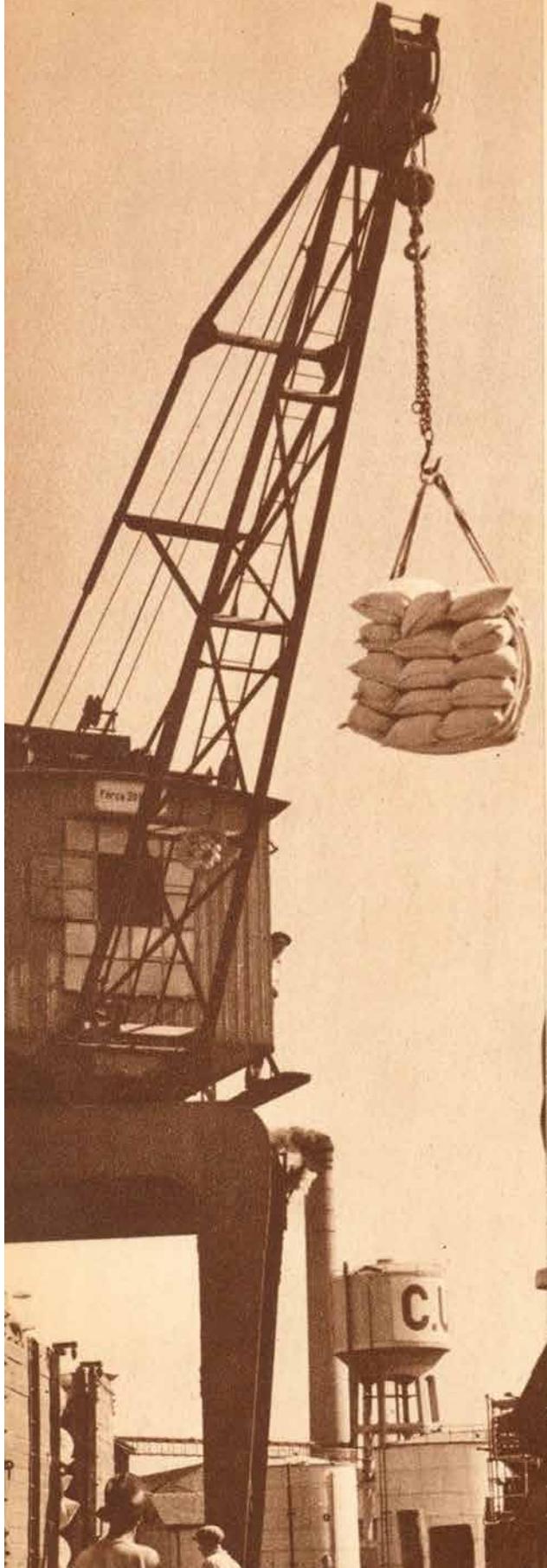
– Quem foi o autor da ideia?

O capataz hesitava, tão perto de ganhar uma promoção se assumisse a autoria, mas uma voz com forte sotaque alentejano antecipou-se:

– Fui eu, patrão! – avançou timidamente o rústico baixote a trabalhar «à contrata».

– A partir de hoje passa a ganhar mais um escudo por dia!

Não houve milagres, nem messias, nem homens providenciais, simples gestão capitalista e proteccionismo estatal do regime republicano.



Dez tostões mal davam para um pão casqueiro, e eram tantas as bocas lá em casa... «Quantos milhares de escudos pusera o patrão ao bolso?» – pensava José Godinho, calado, no âmago da sua revolta imprecisa, sufocada na angústia da família numerosa, vivendo ao moitão na Travessa do Prior.

Com o seu salário insuficiente, sem trabalho certo e fora do quadro da Companhia, nem podia concorrer às casas do bairro operário, só para (alguns) efectivos. Sentia-se dividido entre o agradecimento e a insatisfação, entre a veneração e a revolta. Qual seria o seu futuro?

Baixou a cabeça, o grande patrão já partia para outra, ufano da sua gestão paternalista, constatando no entanto que o trabalhador não lhe agradecera. No fundo eram uns ingratos, pensava.

Trabalho no cais primordial, a «lufa-lufa» das cargas e descargas e a ilusão da fábrica prometida



A CUF compra os teares da Fábrica Aliança logo em 1910

2. Amigo dos operários e inimigo dos sindicatos? Alfredo da Silva dava-se bem com Salazar!

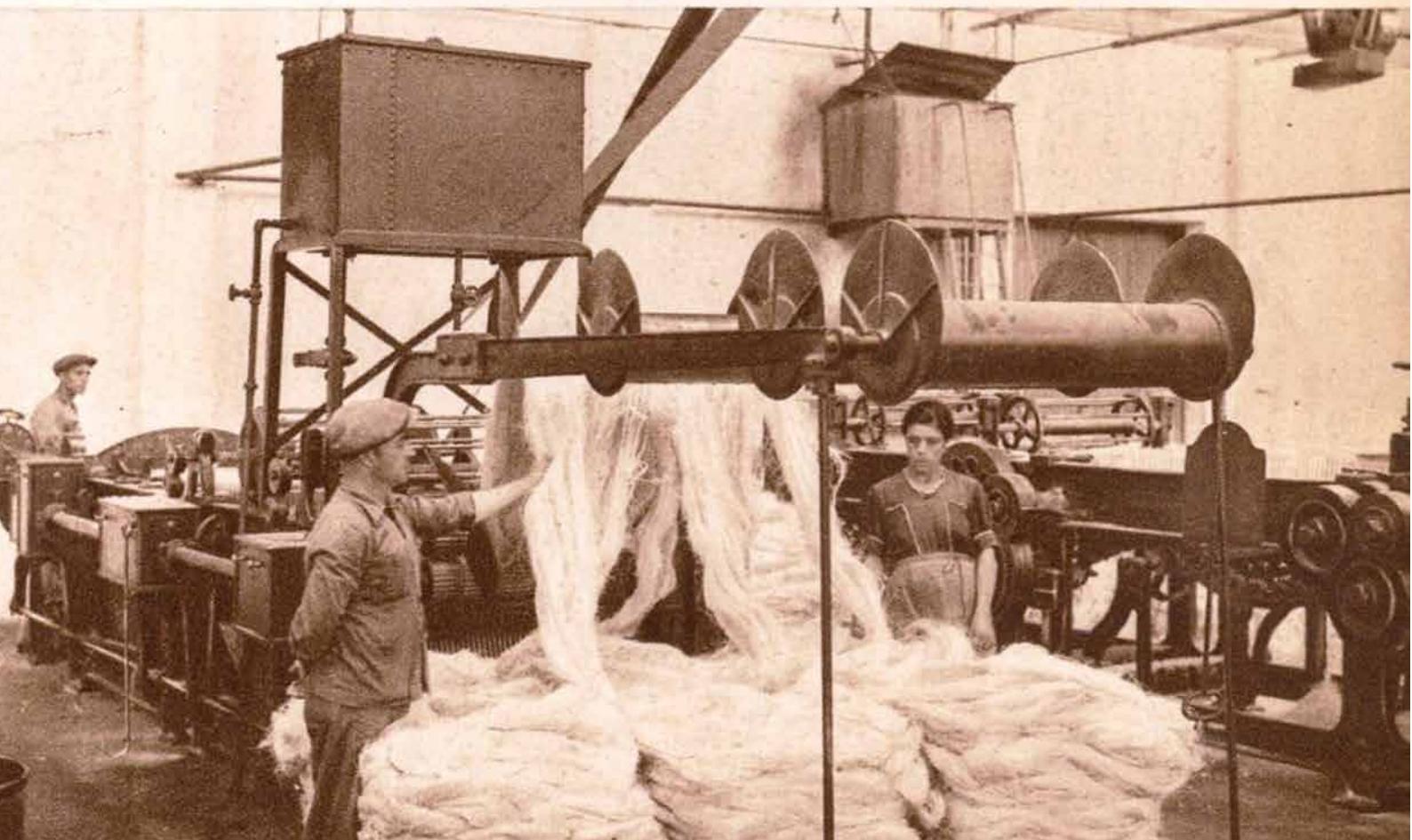
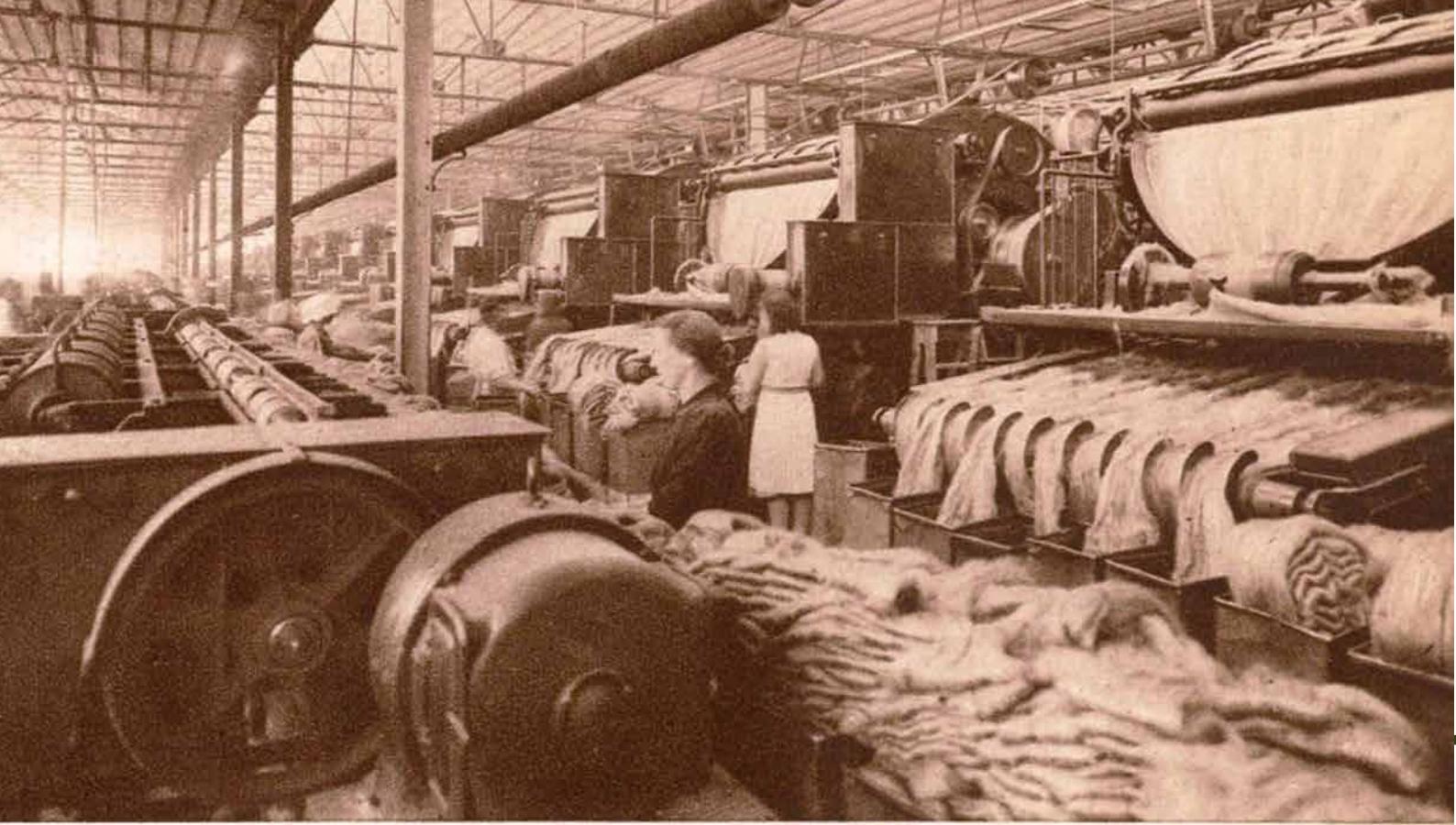
Desde os primórdios das grandes fábricas da CUF no Barreiro regista-se a dualidade exploração/paternalismo. O trabalho é duro e muito mal pago, mas logo em 1910 erguem-se as primeiras casas para os operários (só para alguns distinguidos). A política patronal irá ser sempre de baixos salários ao longo dos tempos, mas constroem-se balneários, lavadouros, a carvoaria, a despensa. Boa parte do salário retorna à empresa!

A acção assume a maior contradição quando se procura incutir o espírito paternalista do «bom patrão» e, simultaneamente, se recusa a lei das 8 horas de trabalho diário, uma lei da República de 1919.

A primeira luta dos trabalhadores da CUF, em 1910, é uma paralisação de solidariedade com os corticeiros e os descarregadores barreirenses em greve. Trata-se das primordiais acções grevistas no Barreiro. Já no ano transacto houvera uma movimentação dos corticeiros com apoio do pequeno patronato, contra a exportação da cortiça em bruto.

As mulheres são chamadas muito cedo ao mercado de trabalho na indústria têxtil/química. Logo em 1910, a CUF compra os teares da fábrica Aliança para confeccionar a sacaria para os adubos. Com vencimentos inferiores aos dos homens, (sempre!), as trabalhadoras dentro de algum tempo terão o infantário, a creche, o posto médico, a acção social vinculativa, pretendendo elidir a exploração.

Quando rebenta a grande luta em Junho de 1919, com a paralisação das fábricas do Bar-



ASSOCIAÇÕES DE CLASSE

O movimento associativo sindical estava há muito arreigado no Barreiro com a criação da Associação de Classe dos Corticeiros (1891), dos Metalúrgicos (1903), depois Associação do Pessoal dos Caminhos de Ferro (1914) e dos Descarregadores de Mar e Terra (1911).

Na Companhia União Fabril também havia entusiastas, gente influenciada pelo radicalismo anarco-sindicalista, mas o ambiente nas fábricas é austero e opressivo, debaixo da vigilância das chefias directas e prepotentes, sob o manto paternalista e autocrático do «grande patrão».

A Associação de Classe dos Operários da CUF, criada em Abril de 1919, sediada no coração tardo-medieval da vila operária, na esquina da rua da Amoreira, tem inicialmente uma estrutura fraca, sobrando em voluntarismo o que faltava em organização. Mas terá um papel importante quando a luta pelas oito horas for desencadeada com determinação pelos trabalhadores em Junho desse ano (a lei das 8 horas de trabalho diário fora aprovada em Maio, no governo de António Maria Baptista, com a participação dos socialistas).

As mulheres são chamadas cedo ao mercado de trabalho (zona têxtil)

reiro pela aplicação da lei das 8 horas, a Associação de Classe dos Operários da CUF era muito recente. Fora constituída em Abril desse ano e, devido às pressões internas da hierarquia intermédia, muito servil do ideário patronal, tinha uma estrutura débil. Todavia as ideias reivindicativas libertárias eram muito fortes entre o operariado e a luta foi rija e prolongada. Dura cerca de 45 dias e o excelso patrão decreta o *lock-out* e chama a tropa que faz dois mortos e muitos feridos. Contou com uma greve de solidariedade da União Operária Nacional.

A vertente empreendedora cultivada com apoios políticos oportunistas (Alfredo da Silva foi deputado na Monarquia, senador na República e procurador à Câmara Corporativa de Salazar), bem como a imagem paternalista do «bom patrão», mitificada para se tornar exemplar no republicanismo conservador e

A tremenda repressão patronal, com o encerramento ordenado dos portões das fábricas (permitido pela «lei-burla» de 1910, proposta por Brito Camacho, depois de ouvir Alfredo da Silva e outros patrões), a invasão e cargas da Polícia e da Guarda Republicana (fazendo dois mortos e dezenas de feridos), mais as centenas de despedimentos a posteriori, acaba por dar à justa luta uma dimensão inesperada com a paralisação a prolongar-se durante mais de 40 dias.

Dizia posteriormente o relatório da administração de Alfredo da Silva, à época: «A indisciplina político-social consecutiva ao termo da conflagração europeia é causa de nova greve nas fábricas do Barreiro. Esta greve foi obra do sindicalismo e ficou restrita àquelas fábricas».

Sindicato não havia. A Associação de Classe era recente e débil. A reacção do «grande amigo dos operários», não foi por ódio aos sindicalistas, mas sim por ódio aos seus trabalhadores em luta!

emblemática no fascismo do «Estado Novo», esboroam-se nos exemplos violentos de repressão feroz e de autoritarismo implacável e na exploração pura e dura da mão-de-obra carenciada e pouco qualificada.

O mito do patrão amigo dos operários, embora resistiu no obscurantismo político e cultural da ditadura de 48 anos, e subsistiu até para além, não resistirá à tomada de consciência sindical e operária da exploração do trabalho mal pago, nem sobreviverá às contradições perenes entre o trabalho e o capital, próprias do sistema capitalista, clarificadas após o 25 de Abril.

A repressão violenta em 1919 irá repetir-se anos adiante, pondo em evidência a verdadeira natureza do regime fascista, alimentada pelo grande patronato reaccionário de que Alfredo da Silva foi presidente e mentor.

LIBERTINO DIAS, GUARDADOR DE GADO E DE ESPERANÇAS

Libertino nasceu em Coina no seio de uma numerosa família migrante que, por hábito ancestral, porfiava em cuidar de pequenas courelas alugadas. O seu progenitor arranjou trabalho nas cargas e descargas no cais da CUF, calcorreando diariamente a pé, os vinte quilómetros do caminho de ida e volta.

Com seis anos apenas Libertino foi guardar borregos na herdade de Manuel Martins Júnior, o «Martins de Coina». Não havia tempo para a escola, embora aprendesse muito cedo a contar e a fazer as operações aritméticas que a «tarefa» exigia. As letras só muito mais tarde as aprenderia na tropa.

Aos oito anos trazia sozinho gado de Coina até ao matadouro no Barreiro. Ganhava então dois escudos e cinquenta centavos por dia, imprescindíveis para ajudar o escasso orçamento da família com cinco irmãos.

O pequeno salário do pai, no mester duro mas com o dinheirinho certo, era abençoado pela bondade do patrão que, «dava trabalho

a quem queria trabalhar!», como dizia o humilde beirão, senhor Dias, respeitador da ordem e das ideias do patrício de Santa Comba, doutor Oliveira Salazar. O senhor presidente do Conselho ensinava que quanto mais se trabalhasse melhor as empresas poderiam tratar os seus funcionários. «O interesse era comum, o benefício de todos», propagandeava António Ferro, director do Secretariado Nacional de Informação da ditadura.

Um dia, no frenesim das cargas-descargas, o balde do guindaste esmagou-lhe os ossos da perna, logo acima do joelho, deixando-o coxo e inválido para o resto da vida. O senhor Dias foi chamado ao Serviço de Pessoal, para lhe dizerem que já não servia para a Companhia, mas que lhe dariam uma pensão de 50 escudos por mês se se demitisse «voluntariamente» da empresa. Era pegar ou largar!

Naqueles tempos os acidentes de trabalho eram muito frequentes, os operários labutavam sem regras de higiene e segurança, sem seguros e sem protecção social. Restava o engodo de uma pensão miserável do benemérito patrão!

O grande empresário foi contemporâneo da implantação e emergência do regime republicano, mas nunca morreu de amores por ele. Tal como os políticos republicanos não nutriam especial simpatia pelos trabalhadores, apesar de estes lhes terem dado o seu apoio primordial.

A certa altura os governos republicanos começam a reprimir violentamente as lutas e manifestações operárias, como aconteceu com os ferroviários barreirenses (e de todo o Sul) em 1919 e 1920, quando aparece o famigerado «vagão fantasma». Em 1918 tinha sido criada por Sidónio Pais a primeira polícia política organizada no século xx em Portugal, a Polícia Preventiva, que em 1922 virá a dar lugar à Policia Preventiva e de Segurança do Estado.

Alfredo da Silva, que desempenhou o cargo de deputado em 1906, pelo Partido Regene-

rador-Liberal, durante o consulado monárquico de João Franco, viria a ser um fervoroso adepto da ditadura sidonista, tendo sido senador em 1918. Quando o caudilho Sidónio Pais foi eliminado num atentado em Dezembro de 1918, o industrial também sofre represálias, consubstanciadas em dois atentados em 1919 e 1921. Resolve então fugir para Espanha, onde permanece até 1927.

Só regressa a Portugal após o golpe militar reaccionário de 28 de Maio de 1926 e, a partir de então, estará intimamente ligado à instauração da ditadura militar e à posterior construção do regime salazarista, do qual o seu grupo económico – a CUF – será um dos principais sustentáculos e beneficiários.

O regime fascista ditado por Salazar, eufemisticamente chamado de Estado Novo, avança nos anos 30 de braço dado com os

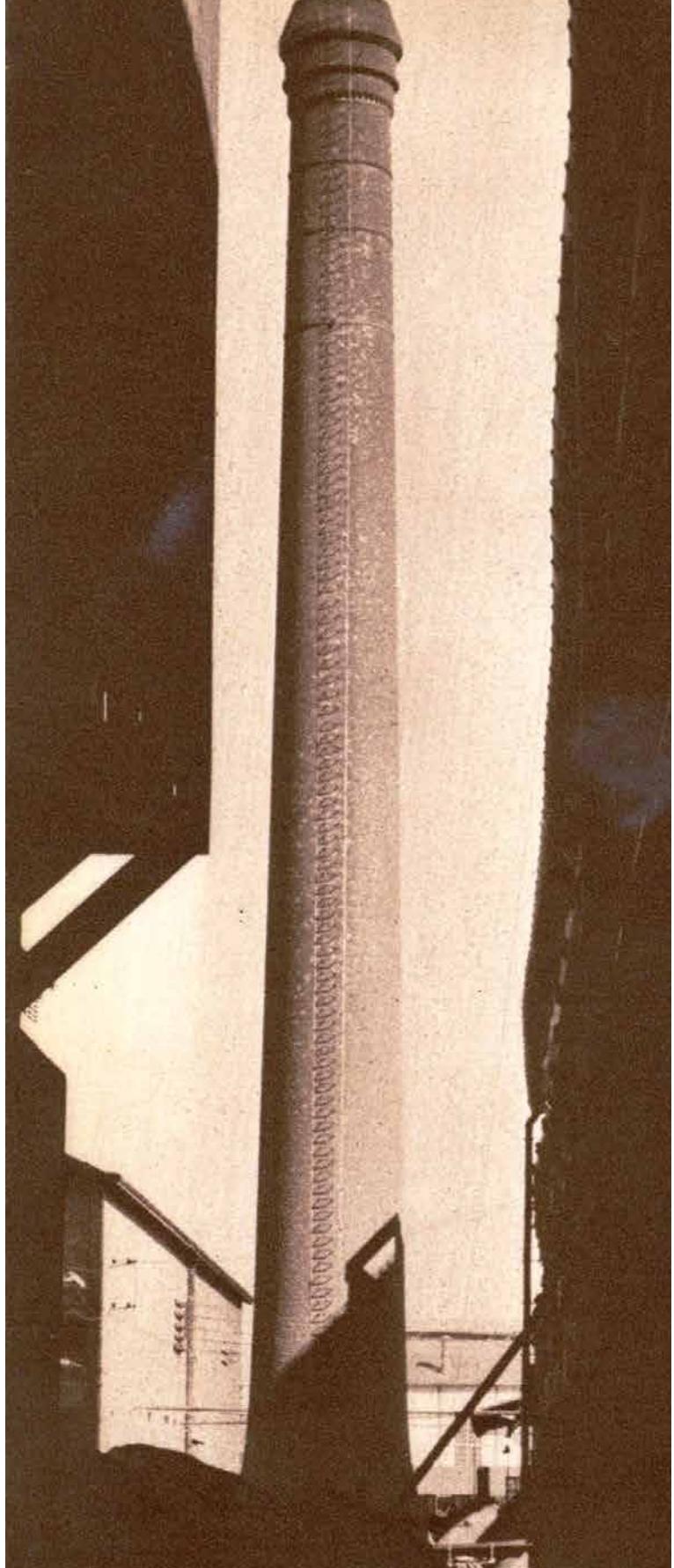
Decorria o ano de 1935, o regime fascista esfusiava em bandeiras de glorificação e de opressão. Salazar era o «pai da Pátria», Alfredo da Silva o «pai dos trabalhadores».

Na casa da família de Libertino Dias, em Caina, como em centenas de outras na vila, se já eram grandes as necessidades agora pioravam.

– Comíamos uma vez por dia, quando havia... O que valeu foi a fruta roubada nas quintas. E já trabalhávamos todos! – lembrava o miúdo-homem-operário, muitos anos mais tarde.

Libertino Dias não renegou nunca as memórias da infância, assumindo com dignidade a sua condição e consciência de classe, na luta por um mundo melhor.

Chaminé sem fumo? A fábrica não pode parar!



1942 – Morte de Alfredo da Silva, deixando o império CUF sedimentado, com dezenas de empresas associadas num grupo tentacular e monopolista.

Formada a Companhia de Seguros Império.

Recuperação de ouro e de prata, provenientes do fabrico de sulfato de cobre, produzido a partir do cobre das pirites alentejanas e de minérios auríferos da Lousã.

1943 – No Barreiro são desencadeados protestos, lutas e greves organizados pelos comunistas e com uma forte adesão de milhares de trabalhadores, aos quais se junta grande parte da população. A luta mais significativa é a «Paralisação de Braços Caídos» – greve total em todas as fábricas da CUF durante 15 dias; lock-out patronal com a ocupação pela Tropa e GNR; repressão brutal pelas forças militares e militarizadas, com centenas de presos; afastamento de profissionais através de vergonhosos processos persecutórios a posteriori.

1944 – Fundação da Empresa de Cobre de Angola pela CUF, com a concessão exclusiva da extração desse metal em solo angolano (em milhões de quilómetros quadrados). Iniciada nos princípios do século xx, a exploração das matérias-primas coloniais, alargada na década de 40, com a participação de grandes grupos económicos portugueses (Mellos, Champalimaud, BNU/Vinhas, Espírito Santo), associados ou dependentes de capitais transnacionais.

1945 – Inauguração do Hospital da CUF, na Pampulha, em Lisboa, da responsabilidade da Caixa de Previdência, seguindo uma linha de auto-suficiência e de economia de escala dentro do grupo. Na Companhia já existem milhares de operários e empregados.

1946 – Começo da produção de aços inoxidáveis e refractários, importantes para a nova Fábrica de Ácido Sulfúrico. Mobilização dos operários metalúrgicos da CUF para as eleições do Sindicato Corporativo dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal, seguindo a nova orientação apontada pelo PCP no seu IV Congresso (1946). A lista unitária apresentada pelos trabalhadores, com uma votação maioritária, nunca será homologada pelo Ministério das Corporações.

A cortiça declina, as fábricas químicas avançam



1947 – Início da actividade do grupo CUF no ramo dos produtos farmacêuticos, culmina com a criação da UNIFA em 1951.

Concentração de centenas de operários à porta da sede do Grupo Desportivo, no Bairro Operário, obrigando a direcção da Caixa de Previdência aí reunida, a validar as baixas a partir do 3.º dia, norma que pretendiam piorar.

Greve geral nos Estaleiros Navais da CUF de Lisboa, originando a paralisação total das instalações. É decretado o lock-out patronal e detidos centenas de trabalhadores pela PSP que invade as docas. Muitos grevistas não serão readmitidos.

1948 – Crescimento acentuado da CUF no Barreiro, caracterizado pela sectorização das actividades e pela introdução da «organização científica do trabalho» com vista ao aumento da produtividade. Cresce o número de funcionários para cerca de 8000.

Inauguração de uma nova Fábrica de Ácido Sulfúrico e iniciada a produção de silicato de sódio.

1949 – Novo complexo de produção e concentração de ácido fosfórico e nova unidade de moagem de fosforites (pósito de Marrocos), na maior área de negócios da Companhia – a Zona Adubos.

Construção de novas instalações portuárias, pelo grande incremento da frota da Sociedade Geral, ao serviço da importação de matérias-primas e da exportação de produtos acabados da empresa.

1950 – Instalação da primeira fábrica de ácido sulfúrico pelo processo de contacto, a partir da matéria-prima nacional: as pirites alentejanas.

Criada a primeira Unidade de Granulação de Adubos e uma nova Fábrica de Superfosfatos Triplos (TSP), utilizando o ácido fosfórico.

Protestos na Zona Têxtil contra a acção divisionista do patronato, impondo os «prémios» de produção que fomentam a competição individualista e favorecem primordialmente as chefias directas.





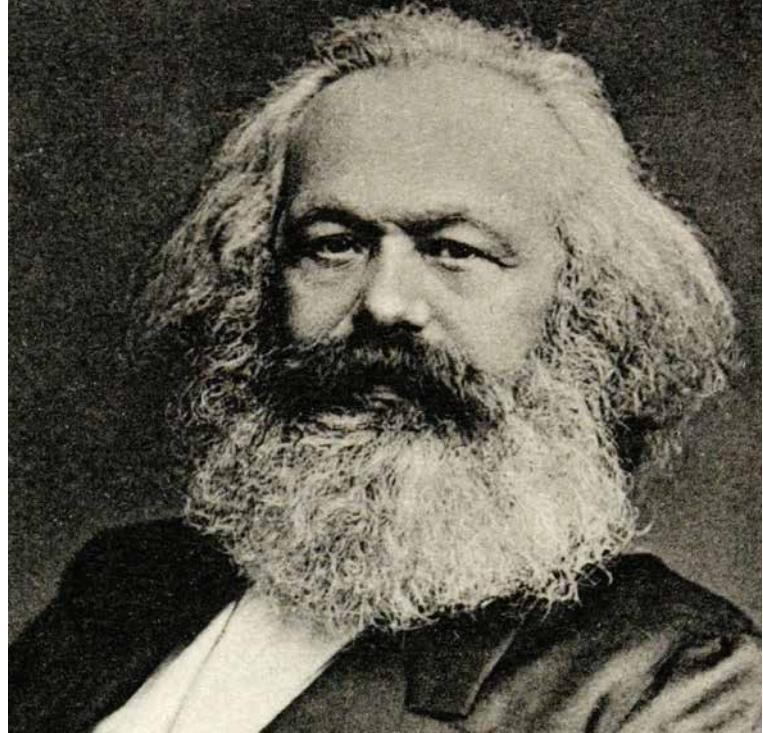
monopólios capitalistas de que a Companhia União Fabril é um expoente maior. Alfredo da Silva será, nessa época, procurador à Câmara Corporativa.

Salazar apadrinha a exploração colonial (predação de matérias primas e exclusivo dos transportes marítimos), segundo grande factor histórico de enriquecimento da CUF. O primeiro factor tinha sido a asfixia de pequenas empresas do ramo químico e a subsequente especulação com o aumento de preços durante a Primeira Grande Guerra.

Entretanto a República autoriza e facilita a centralização de capitais e a fusão do capital industrial com o financeiro, como acontece com a absorção na CUF da casa

bancária José Henriques Totta, em 1921. Este banco quase entra em insolvência na depressão económica de 1929 e o grande industrial recorre a um empréstimo da Caixa Geral de Crédito, sob os bons ofícios de Salazar, então ministro da Fazenda. Com a necessária hipoteca de bens e estabelecimentos fabris nasce o mito do empresário «pobrezinho» que dormia com um pijama remendado e calçava umas pantufas coçadas.

Alfredo da Silva e Oliveira Salazar caminham de braço dado. São suporte um do outro, verdadeiros fautores do fascismo em ascensão. Têm feitos diferentes, maneiras de estar distintas, mas estão unidos no essencial da política do regime.



A prática capitalista e a filosofia marxista

3. Imigração, trabalho, exploração e a nova ideologia emancipadora

A partir da acção revolucionária de 18 de Janeiro de 1934, globalmente fracassada a nível nacional e gorada também no Barreiro (em que toda a mobilização preparatória foi exterior às fábricas e a única acção bombista em desespero foi pretexto para a repressão feroz consecutiva), o ideário radical libertário e anarco-sindicalista entra em perda, dando lugar a uma nova filosofia revolucionária.

Tal concepção assentava na necessidade de organização da classe operária nos locais de trabalho, com a clara separação da luta sindical da luta política e na orientação unitária para as grandes lutas de massas, na perspectiva do derrube do regime.

A mudança de paradigma ideológico está presente em Fevereiro de 1935 quando é organizada pela CIS (Comissão Inter-Sindical) a Semana de Agitação e Luta, com o empenho do Partido Comunista Português, já estruturado em células nas fábricas da CUF e nas oficinas dos Caminhos de Ferro. Desenvolvem-se então múltiplas acções contra a ascensão do fascismo, das quais a mais significativa foi a colocação de uma bandeira vermelha na chaminé da Fundição da CP.

A prisão subsequente pela PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) de dezenas de activistas, e os espancamentos selváticos no posto da Polícia de Segurança Pública e na prisão do «Olho-de-Boi», levantam o protesto da população. São milhares os familiares, amigos, populares, mas também muitas operárias têxteis, organizadas à saída das fábricas da CUF,



JOAQUIM CRAVEIRO, ANARQUISTA, COMUNISTA

Na Caldeiraria e na Fundição não são concedidos tempos para comer a «bucha». O trabalho duro é sempre a esgalhar, sem intervalos, que a chefia directa omnipresente e autoritária não autoriza a bem da sacrosanta produtividade.

Joaquim Craveiro, operário voluntarioso de ideias radicais, resolve encabeçar uma reivindicação pelas pausas e por isso é admoestado e ameaçado pela hierarquia.

Decorre o ano de 1938, tempos áureos do regime de ditadura de Salazar e do monopólio industrial do «bom patrão» que recusam aos trabalhadores portugueses o que mandam para o amigo Franco, amplamente apoiado pelo eixo fascista (Portugal, Itália, Alemanha...) no esmagamento da república espanhola.

Craveiro indignado com a situação insiste na condução da acção pelas pausas para a bucha e, porfiando na luta, é considerado um mau exemplo para os outros trabalhadores. O patrão manda despedi-lo. É um homem obstinado, convicto de que poderia mudar o mundo e de que o

capitalismo explorador seria derrotado pela luta económica e política dos obreiros. Porém, depois de muitos anos a tentar pôr em prática as formas radicais e as mais das vezes inconsequentes, de concretização da sua filosofia, começara ultimamente a admitir que os «comunas» eram capazes de ter razão. Havia reivindicações concretas e imediatas que podiam mobilizar muita gente e transformar-se em importantes lutas de massas com objectivos específicos.

Na altura já havia trabalho organizado dos comunistas, constituídos em células e organismos, corajosamente determinados na animação e mobilização para as lutas inevitáveis.

Toda a Caldeiraria parou solidariamente durante dois dias e Joaquim Craveiro foi readmitido sem represálias, em resultado da unidade exemplar.

Como tal deve ter custado aos «mandões» e ao patronato!... Pela primeira vez desde há muitos anos, os trabalhadores constroem na unidade a sua grande força, dentro da própria fábrica, no coração da CUF de Alfredo da Silva!

As ligações precoces do poder económico ao poder político ditatorial

às 17,30 horas, que participam na grande concentração de revolta e exigência de libertação, na Praça de St.^a Cruz, no dia 12 de Abril de 1935.

Estas lutas não são ainda «dentro» das fábricas. Só nos finais da década de 30, início dos anos 40, se travam as primeiras lutas na Caldeiraria, na Fábrica de Sabão, na Zona Têxtil, por melhores condições de trabalho e de remuneração, contra a opressão patronal e a correlacionada repressão policial e as prisões arbitrárias.

A grande luta de 1943, nesta linha reivindicativa, organizada por um comité de greve e sustentada no trabalho estruturado do PCP, é a maior acção de massas na memória barreirense, com paralisação geral das fábricas da CUF, *lock-out* dos patrões, greve quase total (excepto a CP) e manifestações em forma de

marchas nas ruas da vila. A repressão por militares, vindos de Lisboa e de Évora e pela cavalaria da GNR, as cinco centenas de prisões e os inúmeros despedimentos são a imagem distintiva do Barreiro operário, resistente e insubmissa, que atravessa todo o século xx.

A «represália» patronal e administrativa (com base na requisição militar) condensa à miséria centenas de bons profissionais, com o argumento calunioso (mil vezes repetido) de que a culpa era dos comunistas e da sua «ideologia importada, a soldo do inimigo estrangeiro». O capitalismo fascista, ou qualquer outro, nunca perceberá a raiz profunda da luta dos trabalhadores e dos povos por melhores condições de vida e pela transformação do mundo.

Na década de 50, o acréscimo ainda assim débil e a crédito do regime salazarista, da

JOÃO DOS REIS, LUTADOR

Como muitos outros, veio do Sul com a vontade idiossincrática de mudar de vida e com a convicção herdada de gerações de ser preciso muito sacrifício para conseguir um futuro melhor para a filha, entretanto nascida na vila operária. O trabalho na Companhia como carpinteiro assegura a dignidade e o pão escasso, mas certo, que a vida pobre nos campos algarvios de origem não possibilitaria.

A experiência associativa no clube do bairro, «Os Leças» (de grandes tradições culturais e democráticas), o convívio e a comunicação com outros homens e mulheres esclarecidos, abrem o horizonte para a compreensão da realidade que alguns fazem por esconder – a existência de uma ditadura obscurantista que sufocava a grande maioria dos portugueses.

Na Fábrica ganhou a consciência da exploração, da força colectiva da unidade e do desejo de mudar o mundo. Activista do MUD Juvenil, comunista militante, despertou a sanha persecutória dos esbirros de Salazar e acabou preso no próprio local de trabalho pela polícia política, com a aquiescência da hierarquia.

maquinaria agrícola no Alentejo dos latifúndios e da fome extensa, faz aumentar o desemprego e o êxodo migratório para o litoral, no rastro de promessas e ilusões de emprego certo na indústria química fluorescente.

Mas as «Campanhas» do adubo são muito duras, só alguns alentejanos mais robustos e com familiares na zona se vão fixando na Baixa da Banheira (a Sul da estrada nacional), na Quinta da Lomba, no Bairro das Palmeiras, no Alto do Seixalinho e no Bairro Alentejano (limite com Palmela).

Do Norte, das Beiras e do Minho, vêm os «ratinhos», pequenos camponeses de terra-pouca, arruinados, que o Brasil já não era tentador e a França e a Alemanha ainda não tinham aberto as portas. Amigos e familiares chamam parentes e vizinhos de Viseu, de Castro Daire, de S. Pedro do Sul, de Braga,

Nos meados da década de 50, como antes e também depois, a PIDE tinha rédea solta na CUF. O agente Coelho da polícia política chega a ter um gabinete junto ao quartel da GNR, na Rua da União, dentro das instalações da empresa. Por lá passaram muitos trabalhadores por delação ou suspeita vigiada, para um «apertão pedagógico», ou em trânsito para a sede, na António Maria Cardoso, quando o assunto era mais sério.

Detido, interrogado e seviciado durante seis meses, no ano de 1956, acaba por ser libertado sem culpa formada e no regresso ao Barreiro, procura retomar o seu lugar na oficina de carpintaria. Correu «Seca e Meca», entre olhares de sossaias e respostas acintosas das chefias: «Ah! Esteve preso político? Bom, nada feito!»

Não foi readmitido na empresa! Era assim a adicional punição patrimonial, à prisão e aos maus-tratos da polícia terrorista, juntavam os patrões a fome para tentar dobrar os antifascistas. João dos Reis e muitos outros resistiram!

de Arcos de Valdevez, instalando-se precariamente no Alto do Seixalinho, na Baixa da Banheira (Norte), no Bairro da Folha, no Barreiro Velho.

Nas campanhas sazonais de fertilizantes, de Outubro a Janeiro, o ritmo é infernal e a vigilância feroz. Os migrantes dormem em barracões ao moitão, em condições higiénicas deficientes, muitos adoecem e regressam mais pobres do que partiram.

Trabalham no cais com sacos de 100 quilos, nos fornos de pirite com um calor infernal, no pó de enxofre que queima os alvéolos pulmonares, na metalurgia do chumbo que dá o saturnismo e a impotência sexual, nas fábricas de gasearias medonhas que cegam precocemente. Só os mais fortes resistem. O sistema capitalista, predador de homens, faz a seleção natural.



Alguns serão grandes campeões de remo, de atletismo, de futebol

Alguns serão grandes campeões de remo, de atletismo, de futebol, modalidades apoiadas onde a empresa investe a sua imagem social e corporativa. Irão para tarefas melhoradas, criando com os sectores das chefias intermédias, as camadas tampão, onde a família Mello, que sucedeu a Alfredo da Silva (falecido em 1942), apostava na divisão estratificante, estimulando a reverência ao patronato capitalista e benfazejo e iludindo a exploração e a deficiente subsistência de milhares.

Na grande Fábrica de trabalho colectivo e de produção socializada, os migrantes vivem a condição de proletários, aprendem a honradez de produtores, ganham a consciência de explorados. Misceginam-se com os precursores e em conjunto organizam-se, conspiram, revoltam-se, lutam por um sistema económico e social mais justo e um futuro equânime de

dignidade humana, como defende o Partido Comunista a que muitos aderem, incentivados pela leitura do *Avante!* que circula na clandestinidade de forma dinâmica e corajosa.

Amam a sua fábrica, factor de dignificação profissional e humana, razão de existência como homens e mulheres honrados que vendem a sua força de trabalho. Vivendo exclusivamente do salário certo, mas insuficiente, aquém do que lhes é devido pela riqueza produzida, aprendem que só lutando conseguem melhorar as condições de vida e de futuro.

Nos anos 40 e 50, porém, o trabalho certo é um mito. Lá estão as «praças de jorna» do capataz Zé Abrantes, a contar na boçalidade analfabeta, «Três e três, seis, e três, dez. Já sobra um». Ganha-se ao dia e quem não trabalha não come!

1951-1952 – Início da laboração da segunda e terceira fábricas de ácido sulfúrico por contacto e das fábricas da União Fabril do Azoto (UFA), em Alferrarede.

Começo da extração contínua por hexana na Fábrica de Óleos Alimentares, no Barreiro.

Protestos, concentrações, paralisações, greves pelas operárias têxteis por melhores condições de remuneração e de trabalho, pela integração dos prémios nos salários contra a discriminação nos aumentos (ao longo de toda a década de 50).

1953 – Início da produção de oleum sulfúrico e da laboração da Unidade de Sinterização de produtos cupríferos. Instalação da electrólise de chumbo e de uma nova central para a produção de energia eléctrica e vapor. A Casa Bancária do Grupo CUF é transformada em Banco José Henriques Totta.

Um grupo de quadros técnicos apresenta em reunião com o Ministro das Corporações, numa reivindicação quase

inédita na classe, a melhoria das remunerações, a eliminação de excessivos escalões e o pagamento correcto das horas extras.

1954 – Comemoração do 1.º de Maio pelos operários da Fábrica Sol, em Lisboa, faltando ao serviço em apoio às suas reivindicações, já apresentadas e sem resposta como era norma patronal. O Ministro das Corporações manda encerrar a fábrica, reaberta mais tarde por pressão dos patrões Mello junto de Salazar. Em consequência foram despedidos cerca de 200 trabalhadores. Remodelação da metalurgia do cobre e modernização da fiação de juta, com a introdução dos primeiros teares circulares de tecelagem, nas fábricas do Barreiro.

1955 – Recusa de 500 trabalhadoras de laborar durante dois dias e protesto junto da direcção da Zona Têxtil, até à revogação da imposição de novos ritmos de trabalho (4 teares por operária). Generalizado o prémio no trabalho como forma de aumentar a produtividade, mas o sistema revela-se iníquo, criando grande descontentamento e protestos.

O Barreiro cresce nos princípios dos anos 60, com as fábricas em expansão



Constituição da Sociedade Fabril de Tintas de Construção – Tinco e da Sonadel. Em poucos anos, o grupo CUF torna-se o maior potentado industrial português.

1956 – Ampliação das instalações portuárias para suporte da expansão industrial. Remodelação das fábricas de sulfato de cobre e de ácido clorídrico; abertura de nova fábrica de ácido sulfúrico por contacto; instalação da electrólise do cobre.

Paralisação do trabalho, por centenas de trabalhadores da metalo-mecânica, aquando de uma visita à Fundição do administrador Jorge de Mello, reclamando o aumento de salários, a revisão de categorias e a utilização de material de segurança adequado. Conseguidas parte das reivindicações.

1957 – A expansão do Grupo CUF assenta em três direcções principais: o incremento da produção de fertilizantes, com as «Campanhas do Adubo», de Setembro a Janeiro, envolvendo centenas de migrantes alentejanos precários; o alargamento dos laços com multinacionais alemãs, no âmbito

da Empresa de Celulose do Guadiana, em parceria com a CELBI; o aprofundamento da exploração colonial com a criação da Companhia Têxtil do Pungué em Moçambique, da Induve (Industrias Angolanas de Óleos Vegetais), e a ampliação do foro geomineiro da Empresa de Cobre de Angola.

1958 – A ampliação da área fabril do Barreiro faz-se à custa de aterros no rio Tejo, utilizando milhares de toneladas de cinzas de pirite e outros resíduos industriais. Por não haver qualquer tipo de tratamento de efluentes, o rio é agredido continuadamente com poluentes inorgânicos (arsénio, mercúrio e chumbo), e orgânicos (resíduos de óleos, por exemplo).

No auge da força empregadora (10 500 é o número máximo de trabalhadores), é tecida nas fábricas uma tenebrosa teia de medos e perseguições, sustentada por uma rede de denunciantes, informadores e «bufos», constituída por arregimentados da PIDE, da Legião Portuguesa, da Mocidade Portuguesa, da Brigada Naval e apadrinhados do patronato.





O patronato e o regime fascista sempre de braço-dado

Quando o trabalho escasseia, vêm os «balões», despedimentos em massa recorrentes, uma artimanha da administração para manter um exército de desempregados e níveis salariais baixos. Quem protesta e é apanhado

nas malhas da repressão feroz é preso e já não é readmitido na empresa. O patronato e o regime fascista querem vergar os mais esclarecidos, pelo desemprego, pela fome. Regra geral não o conseguiram!



Salazar, Carmona e António Ferro: a tese da conciliação de classes do regime corporativo

4. Obra comum para benefício de alguns: o mito da família CUF

A tese da harmonia de classes e da conciliação de interesses entre patrões e trabalhadores, muito querida do Estado Novo Corporativo e do seu Secretariado Nacional de Propaganda, foi adoptada pela família dirigente da CUF que nos anos 50 cria a imagem da «Obra Comum» a todos beneficiando.

Por esses tempos, foi instituído o trabalho a «prémio», visando o aumento da produtividade, o grande desiderato patronal. Os prémios criam forte tensão entre os operários e as chefias, fomentando a injustiça, a divisão e a revolta. Durante muitos anos, até serem integrados no salário, em 1965, nunca serão bem aceites e são motivo de lutas permanentes.

Por outro lado, mantêm-se e agrava-se a discriminação da mulher operária, que ganha sempre menos pelo mesmo mester. Ao longo da década de 50, as operárias têxteis estão na vanguarda das lutas, fazendo paralisações, greves, concentrações, contra as condições de trabalho e por aumentos salariais. Duas grandes paragens de protesto, em 1955 e 1956, marcam o ritmo das reivindicações na Zona Têxtil.

Em meados da década, os operários, regra geral, andam mal vestidos, alguns andam mesmo andrajosos e os acidentes graves de trabalho multiplicam-se. Entretanto, há já três anos que os salários e as promoções estão congelados. Tendo estes motivos ponderosos como pano de fundo, mais as atribiliárias questões do dia-a-dia, na Fundição, na Caldeiraria e na Oficina Mecânica, concretiza-se uma grande paralisação dos trabalhadores da CUF/Barreiro, por melhores



A ETERNA EXPLORAÇÃO FEMININA

Chamadas ao trabalho na Companhia União Fabril desde os primórdios das fábricas, as mulheres operárias foram sempre fortemente discriminadas no salário, nas funções, nos prémios, nas promoções e nas retribuições de mérito.

Nas décadas de 50 e 60, trabalham mais de mil obreiras na Zona Têxtil, sujeitas a deficientes condições de higiene e salubridade, ganhando em geral menos um terço que os homens na execução de tarefas iguais. Por isso se agitam, discutem organizadamente e lutam com a célebre palavra de ordem: «Salário igual para trabalho igual!».

A imposição dos «prémios» fora da remuneração normal, associando falaciosamente o aumento da produtividade ao aumento do ritmo de trabalho, faz eclodir a revolta:

– Não aceitamos mais teares! Querem matar-nos com este ritmo infernal!

– Os prémios só beneficiam os capatazes! É só para nos dividirem!

– Vamos para a luta!

O poder político e o poder económico sempre muito chegados
condições de higiene e segurança e pela actualização dos salários e das promoções.

Em 1956, em duas ocasiões, o administrador-delegado da empresa, doutor Jorge de Mello, vê-se rodeado pelas trabalhadoras têxteis e pelos operários das oficinas e da fundição, que lhe expõem com firmeza as necessidades mais sentidas. Entre justificações arrogantes e reprimendas públicas aos quadros superiores «desatentos», vai-se diluindo a propaganda paternalista do mito «da família CUF» e a demagogia das benesses sociais para todos.

Na Companhia existia uma fortíssima estratificação social e uma acentuada divisão de classes, majorada pela promoção de sectores intermédios para servirem de classe-tampão (quadros, dirigentes sindicais e corporativos, etc.). Entretanto a família patronal enriquece e as altas camadas dirigentes são muito bem pagas,

A Rosa, a Ana, a Mariana, a Ema, a Maria Augusta são das mais aguerridas num universo de mulheres corajosas, trabalhando 10 e 12 horas, e fazendo depois em casa, regra geral, toda a lida doméstica.

A repressão farejava por todos os cantos com a rede de denunciantes sempre muito activa. Mas, em reuniões unitárias à socapa, na célula comunista em segredo, em contactos conspirativos, dezenas de mulheres determinadas preparam o protesto necessário, urgente e justo.

No dia 27 de Maio de 1955, mais de quinhentas operárias paralisam o trabalho e avançam para a direcção dos Tecidos, como também se chamava à Zona Têxtil, gritando:

– Mais teares por operária, não! Quatro já chegam!

A hierarquia recua em relação ao número de teares distribuídos e promete estudar a questão dos prémios. Sem qualquer convicção, é claro, porque só dez anos mais tarde, em 1965, resolveria essa discordia cadente.

Por ora as trabalhadoras unidas venceram! No ano seguinte voltariam à luta, pois os benefícios da «obra comum» afinal não eram equânimes.

existindo um gritante fosso remuneratório na empresa, característico do sistema capitalista monopolista vigente. Afinal a «obra» era de todos mas só alguns beneficiam verdadeiramente.

No Portugal da ditadura não são permitidos sindicatos livres, toda a actividade política é rigorosamente vigiada por uma extensa rede de informadores (os bufos) e ferozmente reprimida pela polícia política, tantas vezes com a aquiescência/collaboração do patronato e das hierarquias das empresas. Os trabalhadores da CUF, não podendo organizar-se à luz do dia, reúnem-se às escondidas, nos pinhais ou em casas emprestadas dos arredores e, sempre com grande risco, decidem a formação de Comissões de Unidade, representando todas as fábricas e sectores.

Foi esta base organizativa unitária, estruturada e animada pelo trabalho clandestino

A HORA DO ALMOÇO

A corrida desenfreada de centenas de operários à hora do almoço tem algo de impressivamente épico. Os autocarros a abarrotar, partindo do Largo dos Tecidos e do Largo das Obras, as bicicletas a ziguezaguear entre os peões, dirigindo-se à pressa em todas as direcções para os quatro cantos da vila constituem cenas de um filme neo-realista, infelizmente ainda não realizado.

Significa que nem todos tinham lugar nos refeitórios, ou então preferiam ir a casa comer com a família, fazendo economia de escala. Onde comia um, comiam todos, era a divisa de muitos lares operários.

Mas uma hora para a refeição era tempo escasso, por vezes havia «espigas» com as hierarquias no regresso tardio ao posto de trabalho, se não mesmo represálias ao portão, quando o transporte se atrasava.

Parece mal às altas instâncias aquela correria louca. O reverendo Costa, muito próximo da hierarquia, resolve interceder «em favor» da causa dos trabalhadores, que há muito reivindicam mais meia hora para

dos comunistas que recolheu, no ano de 1960, mais de três mil assinaturas em poucos dias, exigindo nomeadamente um aumento geral de dez escudos diárias. Este abaixo-assinado histórico foi entregue à gerência em Lisboa por uma comissão *ad-hoc*, especialmente criada para o efeito.

A administração responde rápida e positivamente, com receio da radicalização da luta (o medo da greve!), mas no rescaldo prepara-se nos gabinetes alcatifados, uma manobra de envolvimento e de «recuperação», copiada da França capitalista e desenvolvida no pós Segunda Guerra Mundial.

Em finais de 1962, foi constituída a Comissão Interna da Empresa (CIE), onde se juntam deliberadamente patrão, administradores, quadros técnicos, empregados, encarregados e operários. Como ensinava a «velha e querida» propa-

a refeição. Exultam os crentes com a boa acção, mas desconfiam os mais cépticos que já conhecem o pároco da freguesia.

O prior Costa, familiar de um conhecido ministro de Salazar, é um homem de hábitos e ideias muito conservadoras, fiel espelho dos compromissos que naquele tempo a Igreja e o seu chefe hierárquico máximo, o cardeal Cerejeira, têm com o ditador pio.

Finalmente percebeu-se que o pedido do senhor padre, de meia hora a mais no almoço, tão elogiado pelos superiores da CUF, era para compensar à tarde, aumentando a jornada de trabalho. A caridade evidenciada pelo pároco não era às custas do patrão, era às custas dos trabalhadores?!... Ninguém aceitou!

ganda do SNI, de António Ferro e de Moreira Baptista, transcrita no boletim «Informação Interna»: «*Todos irmados no objectivo comum de engrandecer a empresa, constituindo uma grande família – a família CUF!*»

Mas a família tem filhos e enteados, a empresa é mãe para alguns, mas é madrasta para muitos. A redistribuição da grande riqueza produzida colectivamente (esta é a verdadeira pedra de toque!), numa época de expansão da indústria química, é socialmente injusta e profissionalmente inadequada. O fosso salarial dentro das fábricas é de um para dez e nalguns casos de um para vinte, entre operários e directores. Na CUF, um administrador pode ganhar centenas de contos, um operário não especializado pouco mais de mil escudos por mês!

Os «prémios» primeiro e depois as «remunerações de mérito», elidindo e procurando



O mito da família CUF

substituir a tradicional política de baixos salários, envenenam as relações de trabalho. A propaganda não ilude a realidade.

Ao longo da década de sessenta, os operários e operárias reivindicam novos aumentos gerais, o fim do trabalho a prémio, o princípio do salário igual para função igual. Recolhem por duas vezes mais, em 1962 e em 1964, milhares de assinaturas de apoio às reivindicações, que entregam à gerência com diversos estratagemas para fugir às represálias.

Numa das ocasiões, o trabalhador António Vales, eleito na Comissão Interna, relata no início da reunião da CIE que um grupo que não conhecia o «obrigou», sob ameaças, a trazer as listas com assinaturas para entregar ao doutor Jorge de Mello. As respostas tardam, insuficientes e discriminatórias. O descontentamento aumenta!

Em 1965, acabam os «prémios», mas começam as remunerações e as promoções por «mérito». Acentua-se o mal-estar e os obreiros voltam ao protesto. No entanto, utilizando meios poderosos, o paternalismo patronal espalha ilusões e discrimina benesses, nesse ano são inaugurados o Bairro Novo da CUF e o Estádio Alfredo da Silva.

Acentua-se a estratificação e a discriminação social na empresa e na vila operária. O Bairro é só para casados na Igreja católica e aos Jogos Juvenis do Barreiro, uma grande iniciativa desportiva popular de massas, não é permitido utilizar o novel estádio!

O sistema capitalista espalha migalhas, mas não resolve o fundamental da injustiça social, inerente à sua essência. O mito da «família CUF» desmorona-se!



Recepção ao Chefe do Estado
em 19/8/1964

Vale uma viagem de ida e volta
entre Barreiro - Cuf e Lisboa
Terreiro do Paço





A Igreja ao lado do capitalismo poderoso

O mito da família CUF desmorona-se

5. A catequização na Companhia União Fabril e as ligações políticas em abono do sistema

A Constituição de 1933, mandada aprovar por Salazar (com as abstenções a contarem como votos favoráveis), definia o Estado português como laico e não confessional. É conhecida todavia a ligação estreita do regime fascista à hierarquia da igreja católica. Num país com mais de 40% de analfabetos, a ignorância e o obscurantismo são utilizados como meios de alienação pelo sagrado, facilitadores da opressão e da exploração do povo esforçado e ignaro.

A adesão ao catolicismo praticante (tantas vezes por mero oportunismo) é factor de preferência na entrada na Companhia, nas promoções, nas benesses e prebendas.

Nos anos 30 são conhecidas as missas dos «homens bons» na igreja da padroeira, a de N. Sr.^a do Rosário. A ordem hierárquica é reproduzida na nave: os directores, com as suas excelentíssimas famílias, sentados nas primeiras filas, com direito a banco e a genuflexório. Os restantes acólitos distribuem-se de acordo com as suas categorias, sendo relegados para os lugares mais afastados do altar os que não ocupam funções de relevo.

Na Companhia União Fabril, o compadrio religioso foi desde sempre um factor de privilégios e discriminação. Um pedido de padre dava lugar certo ou determinado favorecimento na empresa. Mas católicos ou não, os trabalhadores têm que dar de comer às famílias, a maior parte das vezes numerosas.

Os salários insuficientes, uma estratégia perene dos patrões da CUF, geram o des-



O «SANTO» ANTONINHO

Na aldeia natal, ao Sul, terra de frutos secos e laranja doce (negócio de uns poucos senhorios, num universo de agricultura ruínosa), António ganhara o gosto de ajudar ao ofício da santa missa, numa juventude onde a fé e as práticas religiosas preenchiam o espaço e o tempo sem futuro.

Na grande vila operária, terra de destino da migração, onde tais hábitos não são tão arreigados, pode praticar a sua vocação sem constrangimentos, depois de ter entrado na grande Fábrica de trabalho certo, mas remuneração escassa.

À missa de domingo vêm os senhores directores, gente influente da Companhia, cujo conhecimento sempre dá um certo jeito para pedidos e empenhos. Nisso o senhor prior nunca se fizera rogado, fosse para o óbulo ou para os afilhados, persistindo no expediente a que o sacristão já recorrera também quando desembarcara na terra fim-da-linha, proveniente dos Algarves.

Por essa razão certamente, o senhor director das fábricas ficou muito surpreendido quando o viu à frente da petição, apresentando o caderno

de reivindicações dos operários da CUF, em Junho de 1943, num período de grande falta de géneros alimentares e de carência de trabalho.

O reparo não tarda por via «confessional». O senhor padre Mendes fez a interpelação com ar conspícuo:

– Então agora andas metido com os comunistas? Vê lá o que andas a fazer!

O Antoninho, pequeno de estatura mas sagaz na língua, não se deu por achado:

– Senhor Prior, dou-me bem com toda a gente que me respeita, aqui na igreja ou no meu local de trabalho.

O pároco Mendes comprehende as dificuldades das gentes de trabalho, exerce até uma acção solidária, mas tem de dar seguimento às «observações» dos que dão generosas contribuições à sua Igreja católica apostólica romana, tão chegada ao sistema dominante.

– Olha que tens uma família para sustentar! Não te metas em comissões que isso ainda acaba mal!

A dura vida no cais, na estiva de sacos de 100 quilos

contentamento consequente do trabalho mal pago e da riqueza criada mal distribuída. Por isso os operários lutam em unidade, independentemente de credos e ideologias e a comissão representativa, que iniciou a grande luta de 1943, é maioritariamente constituída por conhecidos católicos praticantes, para grande surpresa da hierarquia.

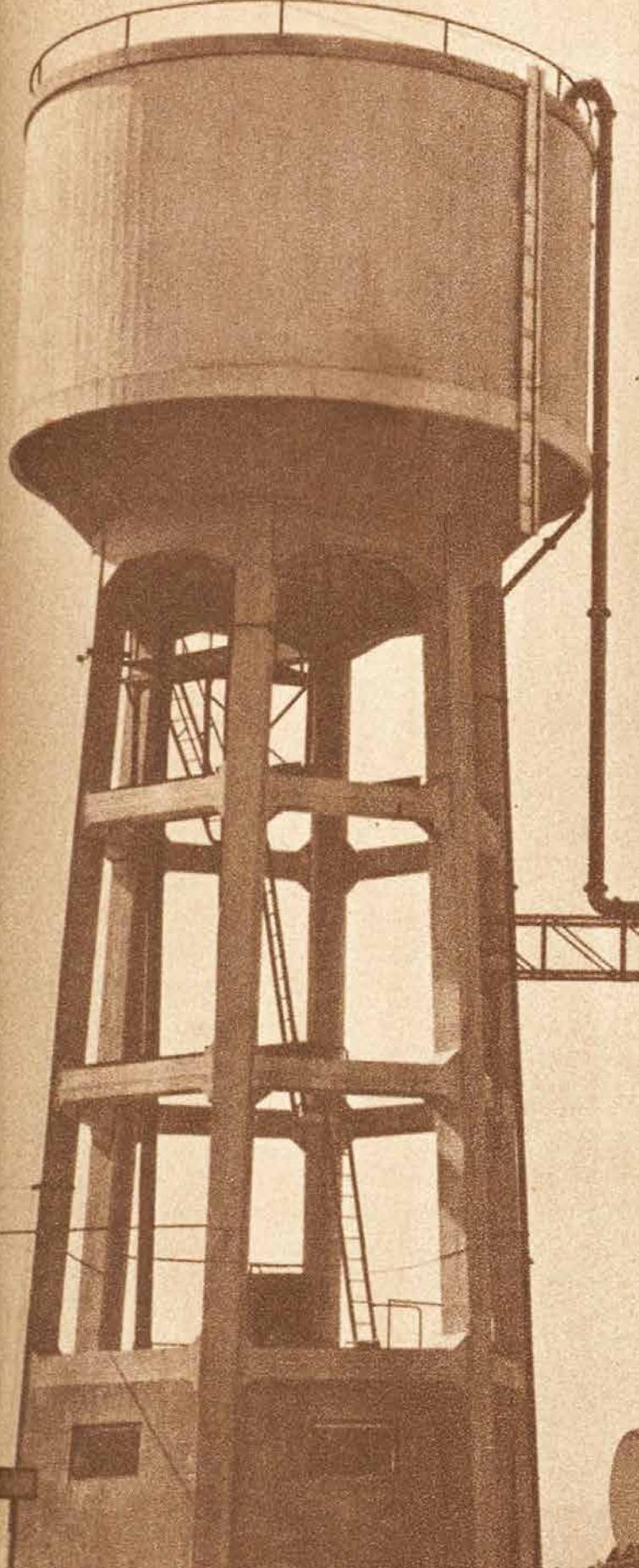
Os favorecimentos confessionais acentuam-se nos anos 50, emergindo como elucidativo exemplo a obrigatoriedade do casamento pela Igreja católica para o acesso a benesses sociais, nomeadamente às casas do novel Bairro Novo da CUF.

A promiscuidade entre a religião e a hierarquia da empresa vem a ter um período crucial nos anos 60, quando começam a ser organizados os «Cursilhos de Cristandade», nas instalações da empresa em Almoçageme. Regra geral

os «voluntários» tiram vantagens no regresso (promoções, méritos ou nomeações). Alguns quadros intermédios, seleccionados para a frequência, mas renitentes na aceitação dos Cursilhos, são oficiosamente pressionados e/ou preteridos na carreira profissional.

A catequização obrigatória torna-se extensiva a muitos sectores da vida da empresa e a prática confessional uma quase imposição oficial. Na Colónia de Férias as missas semanais são obrigatórias para os pequenos frequentadores, no âmbito duma autêntica catolização forçada, independentemente da vontade dos visados ou dos seus progenitores.

Já nos finais da década, os patrões mandam preparar uma capela privativa numa dependência do primeiro andar do Refeitório 3, o mesmo onde almoça «de borla» o destacamento ocupante da Guarda Nacional Republi-



O algarvio, há alguns anos radicado no Barreiro, operário nas oficinas mecânicas, a quem os colegas por chiste, mas sem maldade, chamavam «Santo Antoninho», percebeu o alcance do recado e não deixou o troco em mãos alheias:

— Sabe, senhor padre, é por ter uma família numerosa e sobretudo porque os salários são demasiado escassos, que fiz parte da comissão.

O António Nazário tinha respeito e consideração pelos colegas de trabalho que sabia afectos à política mais radical. Quando o Nicolau Caselas o convidou, não hesitou em colaborar em unidade com eles. Tinha cinco filhos para dar de comer em casa!

A direcção das fábricas, apesar da promessa, nunca deu resposta ao pedido dos trabalhadores que iriam porfiar na luta.

O característico depósito de água, vital para as fábricas e para os homens

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS

Na Companhia União Fabril, ao ambiente de catolização forçada e oportunista, de favorecimentos e escolhas preferenciais, baseadas no credo ou na ideologia de seguidores do regime, soma-se a coacção pidesca exercida por uma legião de bufos (denunciantes), informadores, legionários, situacionistas e lacaios afilhados. Compadrio, nepotismo, proteccionismos vários, discriminações, perseguições, uma prática repressiva e paternalista que condiciona a inteligência, castra a participação criativa, espezinha a verticalidade, castiga a revolta generosa.

Em meados da década de 60, o País vive ainda o histerismo e a alienação provocada pelo rebentamento da guerra em Angola a partir de 4 de Fevereiro de 1961 e sobretudo depois do Levantamento da UPA – União dos Povos de Angola – em Março desse ano.

As imagens, mil vezes repetidas nos meios de comunicação, dos fazendeiros brancos barbaramente mortos pela fúria nacionalista dos negros da UPA de Holden Roberto, apoiado pelos EUA de John Kennedy, servem a campanha salazarista contra a luta de libertação.

Esta revolta do povo angolano, oprimido durante 400 anos, foi oficialmente deturpada e minimizada, ao mesmo tempo que a tropa massacra dezenas de milhares de naturais no Norte de Angola, como depois continuou a fazer quando a guerra colonial se generalizou a todo o território.

A administração do Grupo CUF, intimamente ligada à exploração colonialista e ao esforço de guerra, mantém a funcionar as minas de cobre e a vastíssima área de prospecção associada, no Norte de Angola, criando um corpo de segurança próprio que vigia a exploração e reprime os trabalhadores negros, sem direitos e com baixíssimos salários, sujeitos a constantes castigos corporais. O grupo económico imperial CUF é um dos principais sustentáculos do regime fascista.

Depois do susto nas eleições presidenciais em 1958, e da imensa fraude eleitoral que «derrotou» o General Humberto Delgado, alvo de grandes manifestações populares de apoio, Salazar «ajeita» a reeleição do almirante títere do regime, feita pela própria Assembleia Nacional.

cana. Também a Messe chega a ser utilizada para o mesmo efeito. O senhor prior da freguesia vai celebrar aí missa de forma recatada para quadros superiores e alguns «eleitos» convidados. Estas relações privilegiadas mantiveram nepotismos e tráfico de influências até à revolução emancipadora de Abril.



Não são apenas relevantes as ligações ao «sagrado» dentro da «família CUF». As ligações ao poder político da ditadura são íntimas e profundas desde sempre e reforçam-se no início da década de 60, em que se regista uma acentuada expansão do Grupo.

Nesse período é constituída a Lisnave – Estaleiros Navais de Lisboa (1961); arranca a laboração da União Fabril do Azoto – UFA, no

Lavrário (1961); dá-se a fusão do Banco Totta com o Banco Aliança (1961); é constituída a Microfábril – Sociedade Industrial de Bioquímica (1961); é fundada com outros industriais nortenhos a Sitenor – Sociedade de Indústrias Têxteis do Norte (1962); é inaugurada a nova fábrica da Tabaqueira (1962).

Este crescimento sem similar no panorama económico nacional e as ligações do gigantesco grupo económico ao salazarismo, suscitaram o seguinte artigo no *Avante!*, de Setembro de 1961, sob o título «Os Monopólios contra a Nação»:

«A CUF, hoje talvez o maior monopólio da Península Ibérica, é um exemplo vivo da verdadeira obra da ditadura [...]. Além de dezenas de fábricas próprias, no Barreiro, em Lisboa, no Porto e noutras localidades, a CUF possui ou controla dezenas de gran-

De seguida será preciso fazer uma operação de marketing para dar uma aparência de apoio popular.



No dia 19 de Agosto de 1964, os operários da CUF recebem ordens para participar na manifestação «espontânea» de apoio ao chefe de estado recém-empossado.

– Então, tio Zé, não foi para Lisboa?

– Chiu! Cala-te! Escapei-me da bicha para o autocarro, disse que vinha urinar!

José Torres, operário serralheiro especializado, recebera ordem, como todos os outros, para arrumar a ferramenta depois do almoço, naquela tarde quente de Verão. Do Largo das Obras saíam autocarros e camionetas de carreira, cheias de trabalhadores arregimentados para irem prestar homenagem ao almirante fascista no Terreiro

do Paço. Uma manifestação nacional, com transporte e alimentação pagos, enche a grande praça para a televisão mostrar ao país amordaçado.

Percorrendo demoradamente a muralha da margem do Tejo, onde muitos pescadores desportivos ocupam o tempo de férias, mostrando um interesse pormenorizado para «matar» as horas, Zé «Carocha», operário culto e com consciência social, antifascista convicto, superando a angústia do medo atávico que tolhia tantos portugueses íntegros, tivera um rasgo de coragem. Não eram muitos os que se tinham escapado à viagem paga para Lisboa.

– Tio! Não tem receio de ser descoberto? – o adolescente surpreendido pela presença do familiar àquela hora da tarde, avalia na sua consciência em construção o grau de rebeldia do acto.

– No meio de tantos não devem dar pela minha falta. A questão é não regressar a casa antes da hora normal, há bufos lá na rua! – responde em surdina à curiosidade do sobrinho por afinidade.

des empresas no País e nas colónias [...] Dominando a indústria química, a construção naval, os transportes, o comércio de matérias-primas coloniais e algumas indústrias alimentares, a CUF constitui um outro estado dentro do Estado e apoia activamente a ditadura fascista e colonialista do governo de Salazar».

A família Mello participa nas recepções oficiais, multiplicam-se os laços com o ditador e com o presidente da República. Repetem-se as luzidias e benzidas inaugurações, onde Américo Tomás, o presidente «corta-fitas», como o

povo o celebrizou, ia «pela primeira vez, desde a última em que lá tinha estado»!

Estreitam-se os contactos oficiais interessados onde se negoceiam isenções e proteccionismos, somam-se as recepções «brilhantes», onde não faltam as condecorações (... não há Pátria assim, pequena e com tantos peitos!). As imagens recolhidas na época, em que tudo parecia correr no melhor dos mundos, ilustram as palavras escritas e apelam à compreensão das «malhas que o império teceu», hoje tecidas por outros impérios com o mesmo objectivo de perpetuação.

Na aprendizagem da vida no Portugal dos anos 60, na zona antiga e solidária da vila velha, a estruturação da mente juvenil, naturalmente moldada pelas questões de classe social e pelas vivências e experiências adquiridas, é um processo complexo e contraditório embora cheio de encantamento. Não faltam os exemplos inspiradores de coragem e honradez intrínseca, basta ter «olhos de ver e ouvidos atentos».

Gaivotas no Cais da Fábrica, sinais do tempo de trabalho



1959 – Abertura de uma nova fábrica de ácido sulfúrico por contacto e do 2.º grupo de neutralização contínua, na Fábrica de Óleos Alimentares.

A criação do Centro de Investigação Agronómico e Industrial e do Centro de Projectos consagra uma dinâmica interna assinalável de investigação e desenvolvimento. Na Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva (criada em 1947) os cursos técnicos são fortemente apoiados pela Companhia União Fabril.

1960 – Ano de grande impulso industrial: produção de adubos compostos granulados e de pesticidas com base orgânica. Início da construção do complexo fabril da União Fabril do Azoto (UFA), no Lavradio.

Entrega à administração de um abaixo-assinado com centenas de assinaturas de trabalhadores, reclamando aumentos salariais. Com receio de que a luta se agudize o patronato apressa-se a aumentar oito escudos/dia.

1961 – O Grupo CUF diversifica-se e amplia-se: constituição da Lisnave – Estaleiros Navais de Lisboa; fusão do Banco Totta com o

Banco Aliança; constituição da Microfabril – Sociedade Industrial de Bioquímica.

Perante o agravamento da situação política nacional, o Avante! denuncia num artigo, «Os Monopólios Contra a Nação», que «a CUF constitui um outro estado dentro do Estado e apoia activamente a ditadura fascista e colonialista do governo de Salazar».

1962 – Além das fábricas no Barreiro, Lisboa e Porto, a CUF possui ou controla dezenas de grandes empresas no País e nas Colónias: na banca e seguros, nos transportes; na construção naval, na indústria química e farmacêutica, no tabaco, nas oleaginosas, na extração do cobre e outros metais.

Apresentação de um abaixo-assinado de 4000 trabalhadores, recolhido em poucos dias, reivindicando aumentos de 10\$00/dia, a extinção dos prémios e a aplicação do princípio trabalho igual, salário igual. A administração confundida pela envergadura do movimento satisfaz algumas exigências com celeridade, acompanhada de manobras de cariz intimidatório.

Gaiotas do Tejo no horizonte da vila operária



1963 – Criação da Comissão Interna da Empresa (CIE) pela Administração, ciente da capacidade de mobilização e de luta dos trabalhadores. A CIE pretende ser a imagem da «família CUF», com patrões e empregados discutindo os problemas de todos e procurando satisfazer o bem comum, seguindo a filosofia corporativa-salazarista. Diverso será o entendimento dos trabalhadores, para quem a falsa ideia da harmonia de classes visa aplacar os protestos e facilitar o sistema de exploração.

1964 – Impulso no desenvolvimento com investimentos financiados do exterior: nova fábrica de alimentos granulados para animais – CUF Sanders; arranque da Fábrica de Amoníaco no Lavradio (a partir da nafta); novas unidades de moagem de pirite, de superfosfatos concentrados e de concentração de ácido fosfórico. Lançado o primeiro ordenador no Centro de Mecanografia.

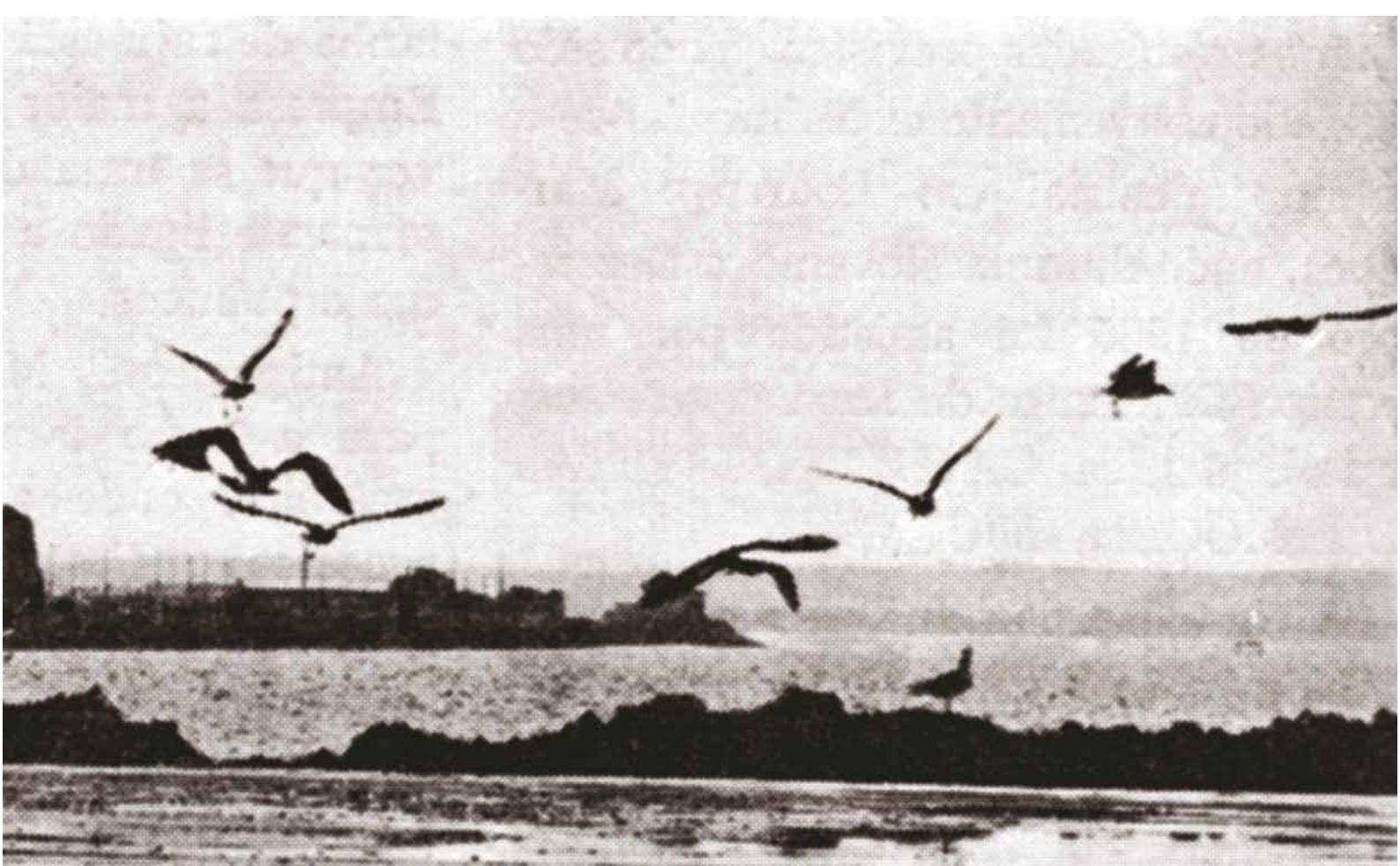
Nos finais do ano nova apresentação de um abaixo-assinado de quase 5000 assinaturas, recolhidas em pouco mais de vinte e quatro horas, por um aumento geral de dez escudos/dia e pelo pagamento do 7.º dia.

As lutas sectoriais alargam-se, nos Têxteis, nos Metalúrgicos, na Conservação: a greve de zelo ou «cera» ganha uma inusitada importância por a administração não ter respondido às reivindicações e por ter avançado com um sistema desigual de promoções.

1965 – No Barreiro trabalham 8300 pessoas – uma redução de 2000 postos de trabalho em menos de 10 anos!

Novos empreendimentos: Fábrica de Ácido Sulfúrico (Contacto 5); remodelação da Fábrica de Ácido Clorídrico; construção da Fábrica de Sulfato de Sódio e da Fábrica de Zinebe (pesticidas).

Nova reivindicação de um aumento geral de 15 escudos por dia, apresentadas à CIE pelos trabalhadores organizados nas Comissões de Unidade, a funcionarem na ilegalidade recorrente. Como resposta, três meses mais tarde, a administração cria as discriminatórias «promoções de mérito», nas vésperas da comemoração do centenário da empresa, gerando uma onda de protestos no mês de Julho.







O presidente corta-fitas com o séquito de forças vivas

Uma Pátria assim, pequena e com tantos peitos...

6. Os «anos de ouro» do capitalismo em Portugal: a «Primavera» e a demagogia marcelista

O Barreiro engalanado para receber o presidente da República «corta-fitas» é a mesma terra ocupada militarmente desde 1943. A cerimónia de inauguração da estátua a Alfredo da Silva, em 30 de Junho de 1965, com pompa e circunstância, é rigorosamente vigiada pela PIDE.

A homenagem ao fundador do império CUF é uma manobra política do regime ditatorial de Oliveira Salazar/Américo Tomás, de braço dado com a família patronal intimamente ligada ao regime.

É também uma jogada de auto-promoção dos dirigentes locais da União Nacional que repartem entre si tachos e prebendas, no município local e na grande empresa industrial.

O presidente da Câmara que faz o discurso oficial, com loas ao regime, é um alto dirigente da Companhia União Fabril.

Ainda assim não calam a revolta reprimida na vila operária e corajosa. Centenas de tarjetas, espalhadas por um petardo despoletado perto do palanque, na hora dos discursos, protestam contra a falta de liberdade e denunciam a repressão militarizada da GNR (a quartelada e aboletada há 22 anos dentro da própria CUF!) e da PIDE que mantém presos vários filhos da terra.

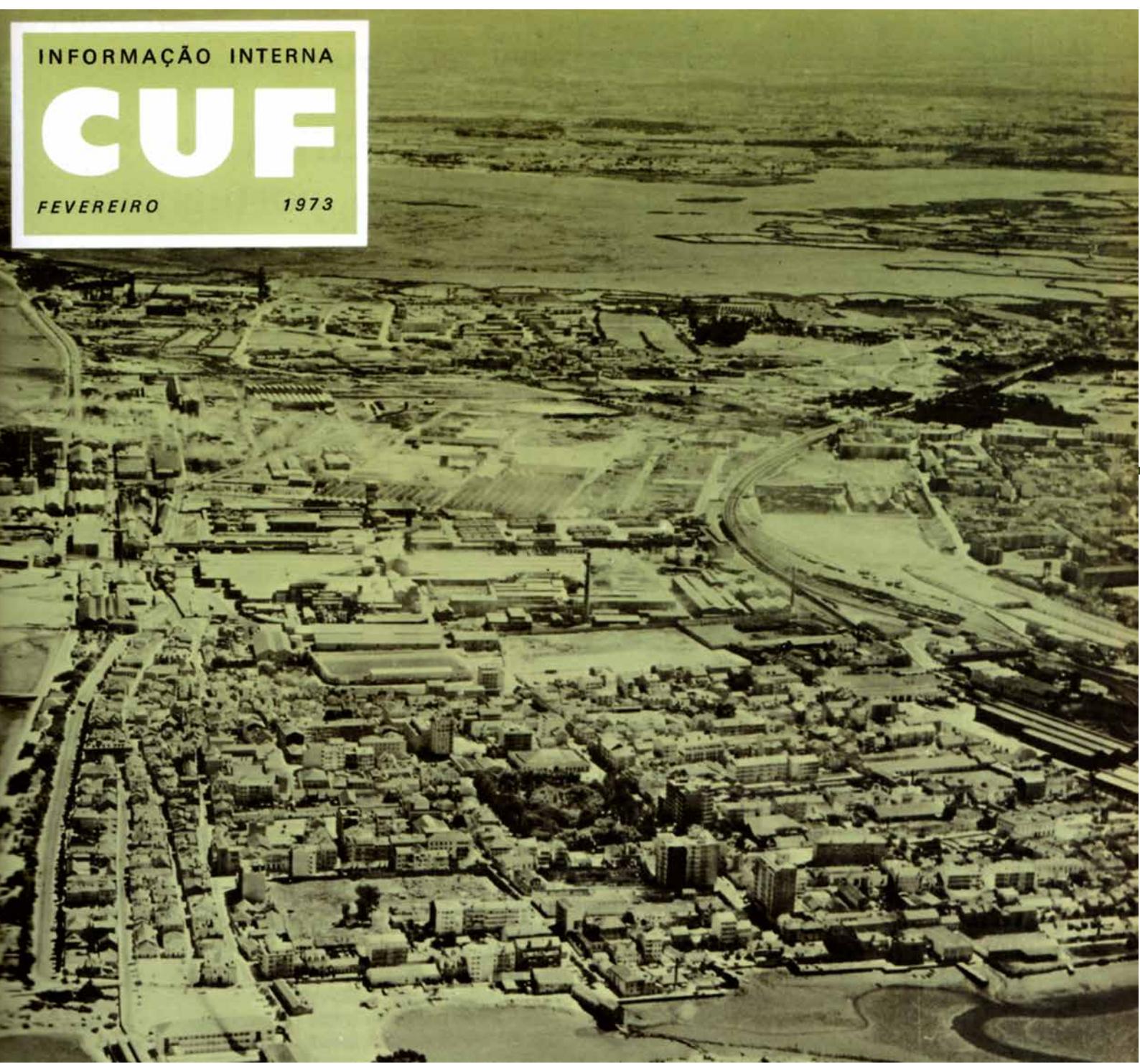
Entretanto, nesse mesmo dia, trabalhadores de turno da Zona Têxtil, da Mecânica, da Caldeiraria, reclamam contra a decisão, transmitida na véspera pela administração, de aumentos discricionários (negando o aumento geral reivindicado) e contra a inovação das «promoções por mérito». Paralisações parciais,

INFORMAÇÃO INTERNA

CUF

FEVEREIRO

1973



A FUNDição FERREIRINHA

Nos meados da década de 60, num período em que os monopólios capitalistas ganham muito dinheiro em Portugal, as pequenas e médias empresas estiolam a braços com dificuldades financeiras. A Fundição Ferreirinha, uma empresa com tradições no sector da metalurgia, pede um empréstimo de setecentos mil contos ao Banco de Fomento Industrial, para saneamento das suas contas e para a aquisição de novos equipamentos de tecnologia moderna.

A Companhia União Fabril possui uma posição destacada no Banco de Fomento, na intrincada teia de interesses fabricada pelo poder político comandado pelo poder económico monopolista. A CUF está sempre à espreita para «engordar», os seus representantes manobram e influenciam a tutela governamental, de modo que o empréstimo é inviabilizado.

Na consequente falência da Fundição Ferreirinha, a CUF adquire a empresa falida em leilão a baixo custo, criando uma nova associada, a Ferruni. Transfere depois parte do equipamento mais moderno para a sua

fundição no Barreiro, a precisar de investimentos para a adequação tecnológica.

O escândalo económico-financeiro é abafado como todos os outros, muitos, ocorridos no «reinado» de Salazar. A alta burguesia monopolista fazia funcionar uma vez mais a lei da centralização capitalista: O tubarão comia o peixe pequeno, engordava e o regime apadrinhava.

Economistas «isentos» ainda hoje referem este período, mostrando com ênfase alguns indicadores, como o de maior desenvolvimento do capitalismo em Portugal. Puro embuste! De facto o sistema económico capitalista sempre se deu bem com o regime político-ideológico fascista, sua expressão radical e terrorista.

Como parece dar-se bem no presente com a democracia burguesa e liberal. Mas, ontem como hoje, o capitalismo não resolve os problemas dos povos e da Humanidade.

Um grande complexo químico-industrial

protestos junto das chefias prolongam-se pelos dias seguintes. A luta contra as remunerações de mérito secretas e intransmissíveis (as surdas) irá durar todo o tempo da luta pela emancipação e pela liberdade.

A Companhia União Fabril nos meados de 60 é um grande império monopolista, com um total de 441 empresas (em que 254 são de participação maioritária) em Portugal, nas Colónias, na Europa e em breve também no Brasil, explorando cerca de quatro dezenas de milhares de trabalhadores em três continentes.

Considerada uma das duzentas maiores empresas fora dos EUA, exerce a sua actividade em vários sectores, tais como: Química, Têxteis, Banca, Seguros, Construção Naval, Transportes Marítimos, Tabacos, Celulose e Papel, Produtos Alimentares, Minas, Comércio Geral, Metalo-Mecânica, Turismo, etc.

Em 1970, movimenta os seguintes valores, muito significativos para a época:

- Activos financeiros – 655 milhões de dólares
- Volume de venda – 281 milhões de dólares
- Lucros líquidos – 12 milhões de dólares

Por outro lado o grupo CUF está crescentemente ligado ao capital estrangeiro, como mostra a recente participação no consórcio ZAMCO, construtor do empreendimento de Cabo-Bassa, concebido por Oliveira Salazar para colocar um milhão de colonos na Zambézia e assim travar a guerra crescente em Moçambique.

Trata-se de colaboração objectiva no esforço de guerra colonialista em África, onde de resto o Grupo tinha mui antigas e múltiplas presenças predatórias de matérias-primas e na

A MANCARRA (AMENDOIM)

No princípio da década de 60, o governo de Salazar, prosseguindo a sua política colonial de protecção aos negócios dos monopólios, como no caso da CUF, que desfrutavam das matérias-primas e sustentavam a guerra em África, concede um solicitado subsídio à compra de amendoim na Guiné-Bissau, também conhecido por mancarra ou mendobi.

A participação é de um escudo e cinquenta centavos por quilo, sob a argumentação económica interesseira dos industriais importadores, de ser mais barata a matéria-prima adquirida no mercado internacional.

A Companhia União Fabril extrai da mancarra guineense um excelente óleo vegetal, comprada em regime de exclusividade comercial pela sua afiliada, a Casa Gouvêa, em Bissau. Mete assim ao bolso milhões de escudos suplementares do subsídio estatal.

Com o início da luta de libertação na Guiné, em 1963, os campos de cultivo transformam-se em campos de batalha e quase desaparece o negócio da mancarra. A Companhia tem de recorrer ao mercado estrangeiro, sobretudo comprando a Commoditi na Nigéria, com menor preço

de custo por quilo e portanto com maiores lucros. Mas o subsídio de 1,50 escudos mantém-se!

A «bronca» rebenta em 1969, já com Marcelo Caetano no poder, pela voz desalinhada de um deputado na Assembleia Nacional fascista. Caetano, muito próximo da família proprietária da CUF, a família Caetano Mello, como de resto fora Salazar, manda abafar o escândalo, tal como este fizera com outros semelhantes.

Números redondos, em oito anos, os subsídios montam a mais de doze milhões de contos, o que naquele tempo era muito dinheiro, espoliado ao miserável bolso dos portugueses.

O amendoim (mancarra) vindo da Guiné era descarregado no cais

O Grupo CUF esteve ligado à exploração colonialista e apoiou o esforço militarista de guerra de exploração de outros negócios exclusivos, em Angola, na Guiné e em Moçambique.

Em Portugal nos finais da década de 60, é sobretudo o negócio da guerra que dinamiza a frágil e dependente economia nacional, custando o sangue de milhares de jovens portugueses e africanos, sujando as mãos de uma dúzia de grandes grupos económicos.

Por outro lado, a emigração de um milhão de portugueses para a Europa e para as Américas, fugindo à guerra colonial, à miséria e ao obscurantismo, permite a entrada de consideráveis remessas que equilibram o Orçamento de Estado (em 1970, 42% são para despesas militares com a guerra).

Neste cenário, com um acentuado aumento do custo de vida e da inflação interna, num regime político fechado, isolado e condenado

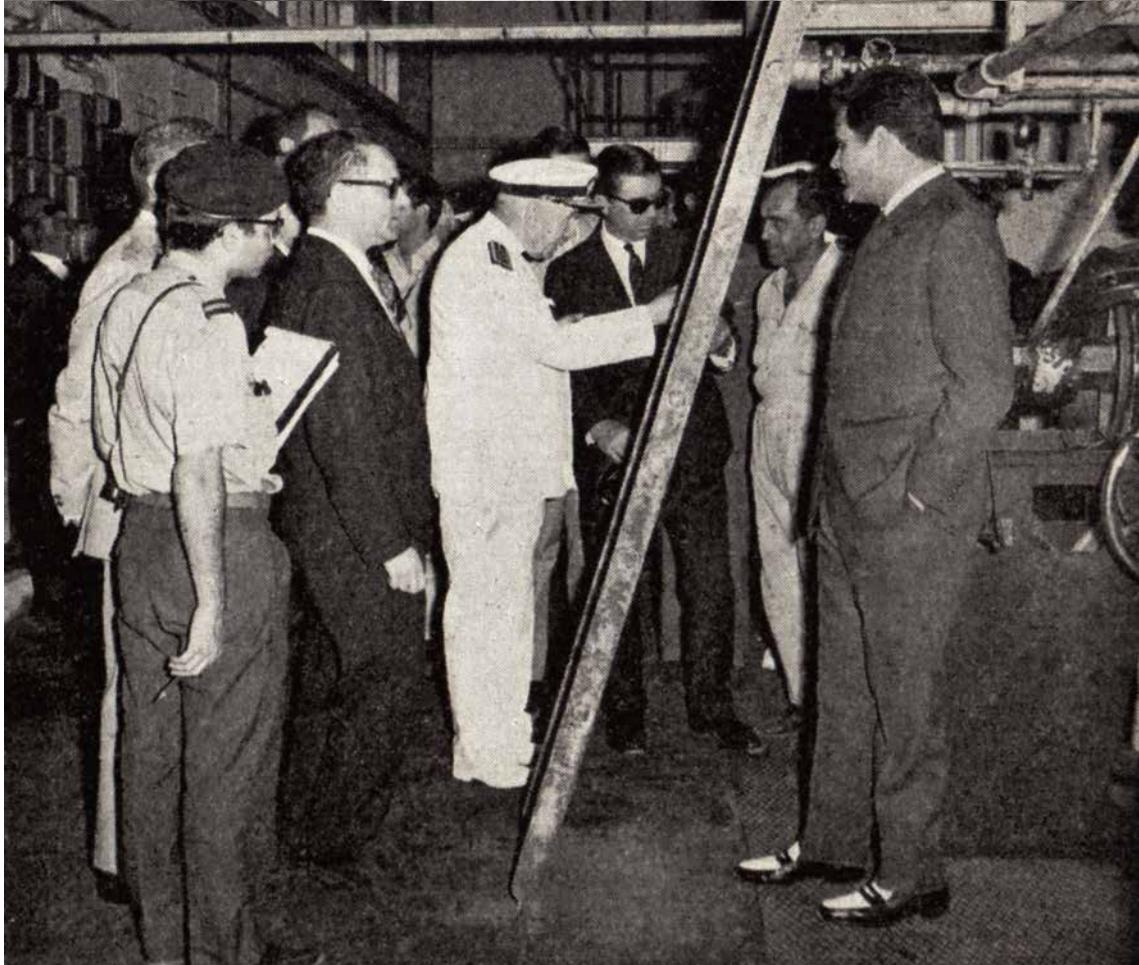
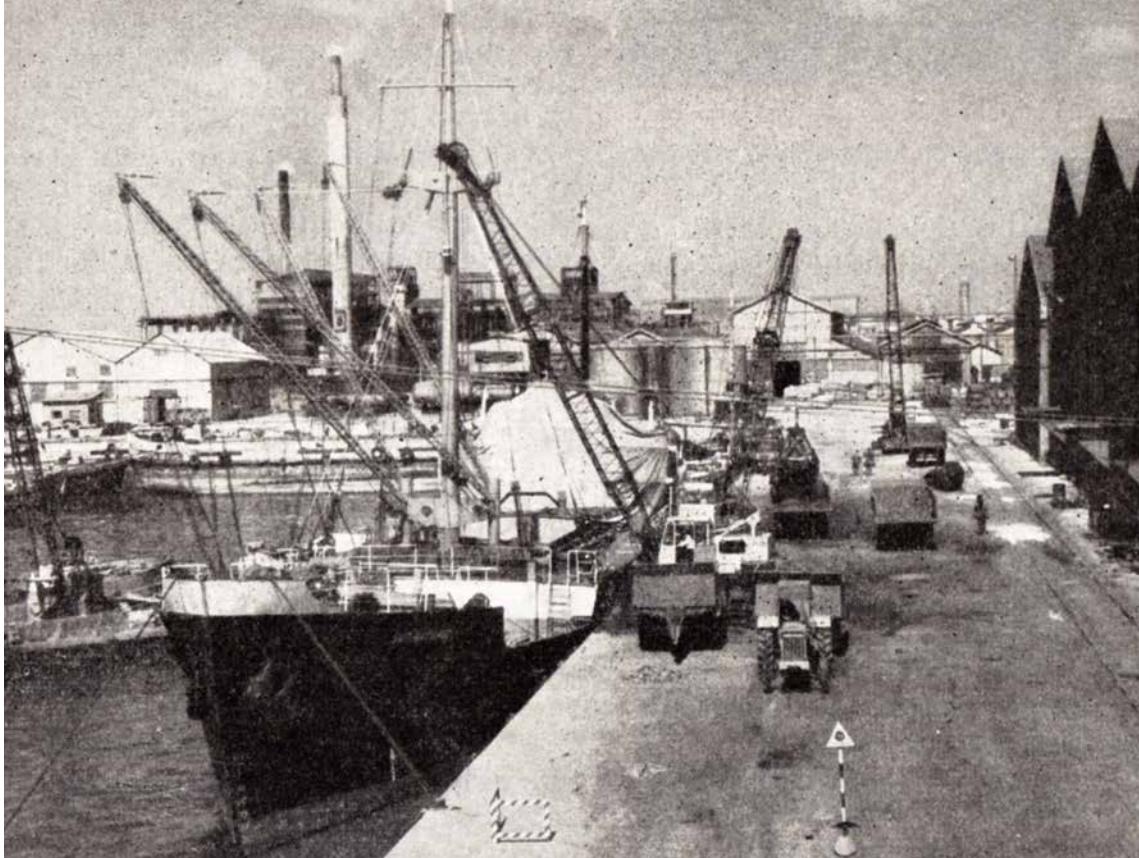
no contexto internacional, numa economia em grande parte dependente do capital estrangeiro, num país simultaneamente colonizador e colonizado, alguns autores falam em anos de ouro do capitalismo em Portugal.

Mas as desgraças da política nacional nos fins da década (guerra em África, ausência de liberdades, repressão policial e militar, isolamento internacional), ofuscaram o desejado brilho metálico nobre.

Serão, quando muito, não anos de ouro mas anos de latão, no sentido adjetivado do termo, que coincide de resto com o brilho enganador da referida liga metálica.



A partir de 1969, com a chegada de Marcelo Caetano ao poder, agudiza-se a luta política



1966 – Tomada de posse de Jorge de Mello como presidente do conselho de administração da CUF, por morte de Manuel de Mello, sucessor de Alfredo da Silva.

Nova fábrica de ácido sulfúrico (Contacto 6), a partir das pirites extraídas nas minas alentejanas de Aljustrel; início da laboração da Fábrica de Tapecarias de Ansião; participação da empresa na constituição da Sociedade Mineira de Santiago.

Tentativa gorada de eleger uma lista unitária representativa dos trabalhadores para o Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal, devido à obstrução dos caciques corporativos, nomeadamente Vicente Branco, o «Papa-Ratos», um «profissional» vitalício, pago pelo patronato.

1967 – O negócio de fertilizantes sempre foi dos mais rentáveis para a CUF, com os fosfatos em pó nos primórdios e com os adubos granulados a partir da década de 60. Começo do fabrico de ráfia de polipropileno, utilizada na sacaria de 50 quilos, empregada no ensacamento, substituindo os velhos sacos de juta de cem quilos.

No Sindicato dos Têxteis, uma lista unitária encabeçada por Palma Caldeireiro procura concorrer à direcção, mas é impedida e os seus apoiantes são denunciados à PIDE pelo caci-que Teixeira «Gordo», eterno presidente a soldo do patronato.

São eleitos para a CIE homens de confiança dos trabalhadores, graças a uma ação coordenada e à larga participação unitária nos locais de trabalho. Ainda assim é o patrão que selecciona entre os mais votados!

1968 – Novas reivindicações, discutidas nas reuniões das Comissões de Unidade, na semiclandestinidade: aumento geral de 30\$00 diários; recebimento do salário ao mês para todo o pessoal operário; pagamento do 13.^º mês pelo Natal e subsídio de 50% para os turnos da noite.

A hierarquia persegue e reprime a recolha de assinaturas de apoio à reivindicação e é despedido sumariamente o operário Manuel Palmela, já nos princípios de 1969.

1969 – Paralisações dos operários da Zona Têxtil (Fiação e Acabamentos – mais de 800!) até que passam a receber ao mês,

e social, aproveitando a pseudoliberalização marcelista.

Na CUF, os trabalhadores reivindicam o aumento geral de 30 escudos por dia; o pagamento mensal aos operários; a integração dos méritos na remuneração fixa e sobretudo as mulheres exigem sempre: «*Salário igual para trabalho igual!*»

Apesar do discurso demagógico, Caetano mantém o essencial do regime, assente no poder económico dos grandes grupos (a CUF é dos maiores!), suportado no aparelho policial repressivo (PIDE/DGS – que apenas muda de nome), no aparelho militarista que mantém a guerra em África e no sistema corporativo de Sindicatos Nacionais fantoches que os trabalhadores procuram conquistar e transformar, com listas unitárias (a Intersindical foi formada em 1970).

Nas fábricas do Barreiro, as denúncias pidescas e as perseguições continuam. Manuel Palmela é despedido por recolher assinaturas no início de 1969. No fim do ano, Palma Cadeireiro e António Brito são procurados pela polícia política à porta da empresa e são obrigados a fugir. Mantém-se a famigerada regra patronal: Preso político não é readmitido!

Nos finais de 1970, é amplamente discutida nos «subterrâneos da liberdade», em reuniões unitárias às escondidas, uma «Carta Reivindicativa» que constitui um autêntico programa para a revolução democrática que os trabalhadores ajudam a construir: sindicatos livres, direito à greve, amnistia para presos e exilados, extinção da PIDE/DGS, fim da guerra colonial, para além das reivindicações de carácter económico interno já referidas.

o que significa um aumento de 5% nos salários. Recalcitram depois por o 4.º domingo não ser abrangido.

Integrando a grande dinâmica política democrática da oposição à ditadura, no final deste ano é criada uma Comissão Unitária de apoio à CDE (Comissão Democrática Eleitoral, que em Outubro concorre às eleições) e elaborada uma Carta Reivindicativa dos Trabalhadores da CUF, cujos principais pontos são: salário mínimo de 2500 escudos por mês; pagamento universal dos 30 dias do mês; salário igual para igual função e idêntica categoria profissional; horário semanal de 40 horas; direito à greve; liberdade sindical; liberdades democráticas.

1970 – Instalação do 5.º forno de tratamento das cinzas de pirite e construção da segunda fábrica de ácido clorídrico.

Ano de lutas e protestos, aliando a acção legal no âmbito da CIE com a actividade semilegal no âmbito das Comissões de Unidade, aproveitando a pseudo-abertura marcelista.

Realização do trabalho lento na UFA como protesto por dois trabalhadores mais idosos serem discriminados nas muito contestadas promoções por mérito.

Paralisação durante algumas horas, na Secção de Caldeiraria, pela morte de um operário em consequência das deficientes condições de higiene e segurança no trabalho.

1971 – Os interesses da CUF nas Colónias explicam o seu apoio à política de guerra em África, promovida por Salazar e agora por Caetano: na área dos transportes marítimos, com posições dominantes através da Companhia Nacional de Navegação (Companhia Moçambicana de Navegação, Navang, Navetur, Navemar, Samar, Aeromar); através do Banco Totta & Açores (associado ao Banco Espírito Santo); forte participação na Companhia Cobre de Angola, Companhia Portugal e Colônias, Companhia Fabril do Ultramar, Banco Totta Standard (Moçambique) e Standard Totta (Angola), Sociedade de Lapidação de Diamantes, Induve, Socaju, Casa Gouvêa, e muitos outros.

Na Zona Têxtil, as operárias, que recebem dois terços do salário dos homens, travam razões contra o sindicato corporativo na mão de «mandaretes» nomeados pelo Ministério das Corporações.

Organizadamente, marcham pelas ruas da vila e participam em grandes assembleias que têm lugar no salão paroquial do Lavradio (em 1972) e no Clube 31 de Janeiro (em 1973). Aprovam uma moção de censura, destituem a direcção fantoche e elegem posteriormente uma lista unitária que, todavia, depois de «informada» pelo presidente da Câmara, Vítor Adragão, não será homologada.

Em 1973 é eleita pela primeira vez uma mulher para a Comissão Interna da Empresa, Maria Grilo Azedo. No fim desse ano é candidata pelo Movimento Democrático do Distrito de Setúbal a trabalhadora têxtil Ercília Talha-

das, que leva mais alto e mais longe a acção corajosa de gerações de mulheres operárias pelo pão e pelo trabalho com dignidade.

Até ao 25 de Abril não há semana ou mês nas fábricas da Companhia União Fabril, em que não haja protestos, reivindicações, concentrações, paralisações parciais, greves sectoriais, lutas!

Afinal o Sol quando nascia no quadrante Leste, bem por cima das chaminés e dos fumos que o obscureciam temporariamente, não era para todos!

A expressão política do descontentamento e da revolta, gerada pela frustração da chamada «demagogia liberalizante» e pelo logro da «primavera marcelista», irá extravasar dentro em pouco quando os militares patriotas avançarem e puserem cobro ao regime opressor e às suas alianças espúrias.





Os «anos de ouro» do capitalismo em Portugal

7. A CUF na revolução democrática: a economia ao serviço do povo, as nacionalizações

No período imediatamente anterior ao 25 de Abril de 1974, os negócios do império CUF não vão nada bem. A sofrer uma grave crise económica e financeira, acentuada pelo primeiro choque petrolífero em inícios de 1974, muitas das centenas de empresas do grupo dão prejuízo e irão claudicar rapidamente.

A estrutura remuneratória da empresa (de 1 para 100, se compararmos o que ganha um operário indiferenciado com um administrador) mostra a natureza exploradora do sistema capitalista em monopólio, geradora de grande instabilidade social e descontentamento que em breve se manifestará quando os militares de Abril derrubarem a ditadura opressora.

Entretanto, estão em fase final de estudo projectos de desenvolvimento para o Barreiro/Lavrário, com uma forte componente energética.

Terá o 25 de Abril apanhado de surpresa os patrões e seus apaniguados do *staff dirigente*? Aparentemente sim, fazendo fé nalguns testemunhos. A CIP – Confederação Industrial Portuguesa – em processo de constituição, patrocinado pelos «velhos» grupos económicos, escreve nessa altura: «*Quantos empresários portugueses terão pensado, no fim de 1973, que o ano que começava viria a constituir o grande «tournant» da iniciativa privada em Portugal? [Os empresários] foram surpreendidos no 25 de Abril com o desaparecimento dos suportes clássicos de um capitalismo antiquado...» (sic).*

Mas a forma habilidosa como vários testas-de-ferro avançaram de imediato com



O 11 DE MARÇO

A situação agrava-se continuamente a nível político da governação e no âmbito da direcção militar que procura fazer cumprir o programa da Movimento das Forças Armadas em aliança com o Povo.

As contradições intestinas naturais num processo revolucionário agravam-se com a conspiração contra-revolucionária a avançar, chefiada por António de Spínola, com apoios internos e externos (a CIA de Carlucci).

Dentro da Companhia União Fabril são cada vez mais claras as manobras de boicote e de criação de obstáculos às necessárias alterações democráticas da estrutura produtiva. Os «incondicionais» não confessos do patronato, colocados em lugares-chave, dão o mote, praticando uma gestão liberalizada. Propunham-se aumentar as benesses dos quadros dirigentes, «para não se perder o seu inestimável know-how» – como defende empenhadamente o administrador Guedes que convida o secretariado da CUT/ Barreiro, para um «almoço de trabalho».

Rogério contrapõe de forma clara e firme que a preocupação da Revolução de Abril é de mais justiça social, melhorando as condições de

trabalho e dos trabalhadores. Os quadros que se sentirem mal pagos terão sempre alternativas, os operários não!

«Já agora, senhor engenheiro, não se esqueça de pagar a nossa conta, porque a CUT não tem verbas para despesas de representação!», atira o Gil com o seu bigode farto, saltitante quando zangado. «Já que nos convidou», remata o Costa, o mais tímido mas não menos determinado dos três membros do secretariado da comissão de trabalhadores.

Nem todas as contradições são tão evidentes como esta. À CGT – Conselho Geral de Trabalhadores – chega a informação «secreta», vindia por interposta pessoa, por indicação do director financeiro da Empresa, de que o doutor Jorge se movimentava no sentido de transferir capitais vultuosos para a afiliada no Brasil, provavelmente para preparar o terreno para um «salto», naqueles dias agitados de Março de 1975.

Concluíram, após discussão acesa no órgão representativo a nível nacional, que deveriam informar o MFA das graves suspeitas de descapitalização da CUF.

A agressão ambiental nunca resolvida apesar das promessas

propostas liberalizadoras e capciosamente anti-revolucionárias, parece contrariar esta hipótese.

A relativamente fraca estrutura financeira das empresas portuguesas na primeira metade do século XX permitiu que, ao longo desse tempo de proteccionismos e conúbios, a banca privada adquirisse posições importantes, a partir das quais se constituem a maioria dos grandes grupos económico-financeiros que passam a controlar os sectores-chave da economia portuguesa.

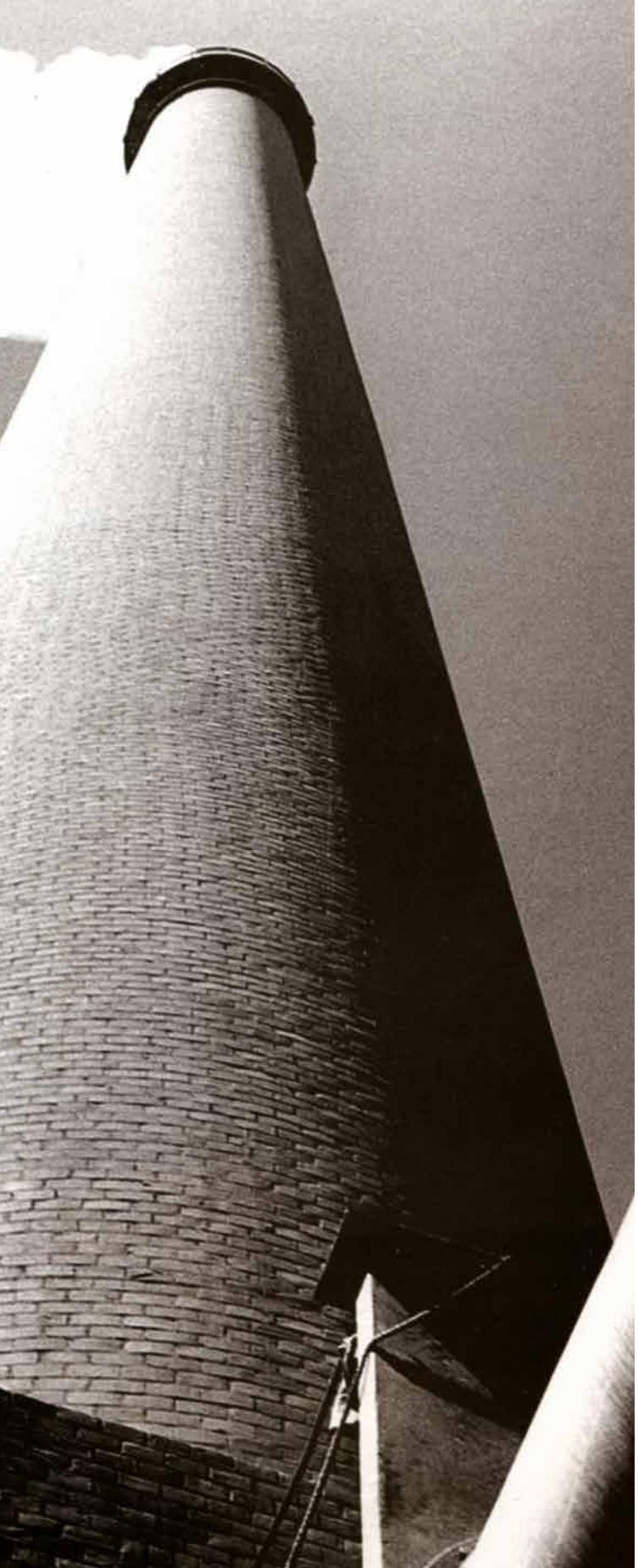
Tal situação consubstancia-se na fusão do capital financeiro com o capital industrial, num processo de concentração e formação de monopólios dominantes na estrutura capitalista portuguesa durante o regime fascista.

A destruição desta estrutura, em que o poder económico domina o poder político, tor-

nou-se imprescindível na prossecução da revolução democrática iniciada em 25 de Abril.

Citamos o que Carlos Alberto Oliveira, «Carló», escreveu a propósito: «*Quando Abril de 1974 chega, os trabalhadores da CUF, de Norte a Sul do País, soltam as amarras numa intensa e viva disposição para alterar o panorama social. Representantes de todos os sectores, eleitos democraticamente, discutem a formação de órgãos de representação de todas as categorias profissionais. Nasce em Outubro a Comissão de Trabalhadores.*»

Na nova situação revolucionária os trabalhadores organizados em estruturas representativas nacionais e locais – CGT (Concelho Geral de Trabalhadores) e CUT/local (Comissão de Unidade de Trabalhadores), exigem uma mais justa redistribuição da riqueza criada e querem as empresas ao serviço do País e do poder democrático conquistado.



– Boa noite, senhor doutor! Vai ter de nos acompanhar, por favor!

O tenente Rosário Dias, oficial fuzileiro da Marinha de Guerra, comandava uma força que acabara de ocupar, por ordem hierárquica, a sede da Companhia União Fabril e da Empresa Geral de Fomento (EGF – sua dependente), na Avenida Infante Santo.

– Porque haveria de o acompanhar se estou em minha casa e o senhor nem sequer pediu licença para entrar? – o patrão Jorge tem uma larga experiência de gerir conflitos e a arrogante convicção dos possidentes desde o berço. O sentimento de dono e patrão que sempre fora não facilita a compreensão e muito menos a aceitação da Revolução em curso.

– Cumpro ordens superiores, senhor doutor! Há fortes suspeitas de gestão danosa nesta empresa que, como sabe, já não é propriedade privada. A revolução de Abril foi feita para acabar com privilégios e imunidades. Venha connosco, por favor!

A voz clara, a atitude firme e a G3 na mão, não deixam margem para dúvidas. A contra-revolução por agora seria derrotada.

A chaminé já fumega, a fábrica em laboração continua, não pode parar!

O 25 DE NOVEMBRO

Nos dias agitados do Verão quente de 1975, a mobilização permanente dos trabalhadores da CUF, na defesa do processo revolucionário em curso (PREC), consubstancia a sua convicção de que a revolução teria de avançar rumo à sociedade socialista que quase todos defendiam.

Só a alteração profunda da estrutura monopolista em que o sistema tinha assentado durante 48 anos de capitalismo fascista, permitiria colocar os sectores fundamentais da economia ao serviço do Povo e do País, garantindo um forte sector produtivo e uma mais justa repartição da riqueza.

Todavia as contradições no seio do MFA e a pressão da contra-revolução em curso (CREC), tinham conduzido os militares do 25 de Abril a uma situação de confronto perigosíssima.

No dia 25 de Novembro de 1975, os trabalhadores da CUF/Barreiro, estão mobilizados em Plenário Geral com as fábricas completamente paradas, após a iniciativa primordial das trabalhadoras têxteis. Ânimos aquecidos, nervos à flor da pele, as notícias que iam chegando não eram nada animadoras:

- Os trabalhadores têm de defender a revolução! Se for preciso vamos defendê-la na rua com armas na mão!

A exaltação e o radicalismo triunfam nas primeiras intervenções:

- Nós não temos armas, mas há aqui bem perto quem as tenha. Camaradas! Vamos tomar o posto da GNR!

Na praça do Refeitório 3, completamente cheia com milhares de operários, empregados e alguns quadros intermédios, a multidão ululante encaixinha-se na direcção do quartel do destacamento da GNR, instalado dentro da empresa há mais de 30 anos. O apelo colhe a superior emotividade do momento, há gente disposta a morrer na defesa da revolução dos cravos.

- Camaradas! Calma, camaradas! Não podemos ir de peito aberto contra quem tem as armas! A nossa revolução fez-se sem derramamento de sangue, assim deverá continuar! – a intervenção de Ercília soa como um grito de razão.

O movimento pendular da multidão, retrocedendo com um murmurio impressionante, significa que a mensagem tinha sido entendida.

O que verdadeiramente surpreendeu o grande patronato foi o avanço impetuoso da revolução democrática, com um grande apoio popular, abalando os alicerces da velha sociedade capitalista-monopolista-fascista, em que o poder político estava ao serviço do poder económico e vice-versa.

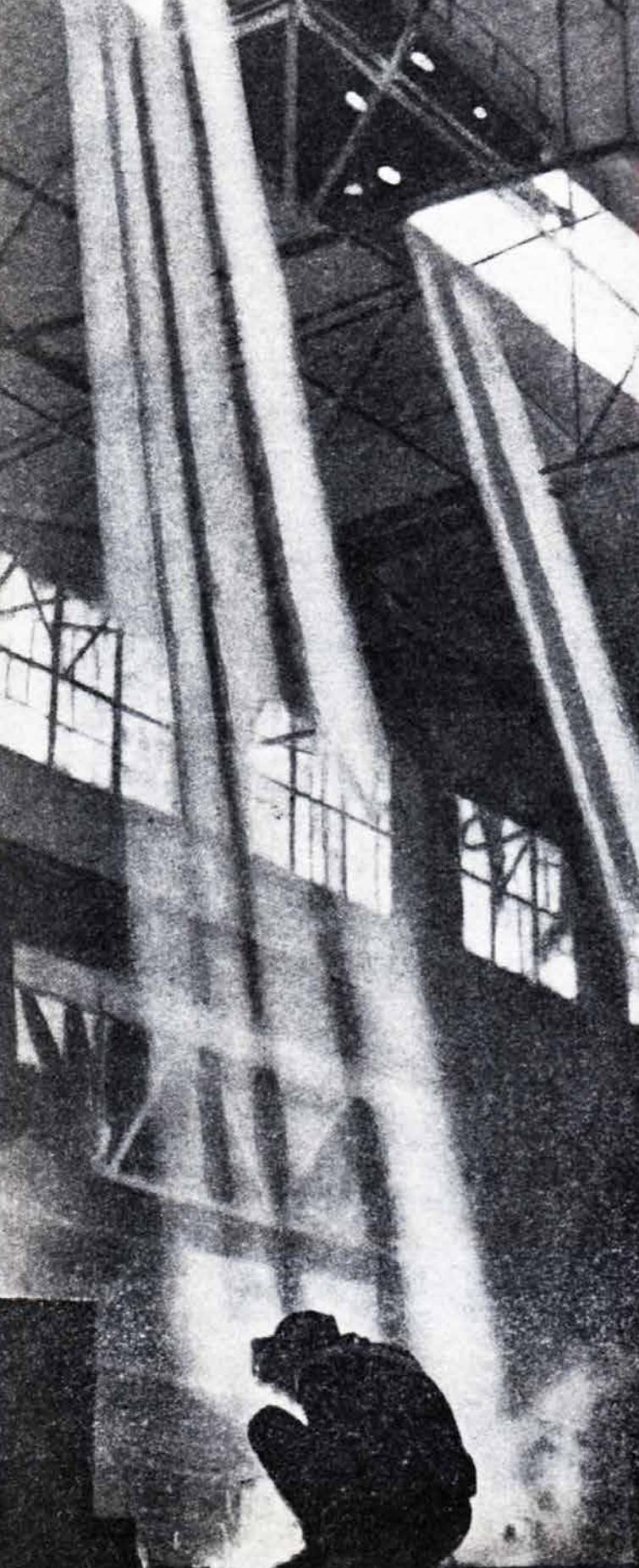
O impacto do derrube do fascismo vai ser demolidor no grande grupo monopolista. Em vão tentam os patrões fazer-se passar por empresários progressistas (até anti-regime!), vestindo a pele de cordeiros para esconder as longas contas do rosário de colaboracionismos, favorecimentos, dependência política e financeira do Estado, exploração desenfreada e sustentação da guerra colonial.

O vice-presidente da CUF, José Manuel de Mello, em entrevista à Emissora Nacional, em Maio de 74, refere que, «*não sendo político»*

(pertencera à Câmara Corporativa!), estava há muito contra a estrutura fechada do anterior regime (?) e espera uma evolução e não uma revolução. Enganou-se!

Entretanto a família Mello e outros grandes grupos familiares (Champalimaud, Quinas, Vinhas, Espírito Santo, etc.) estão por detrás da criação do MDE/S – Movimento Dinamizador Empresa/Sociedade que, através dos seus agentes e/ou parceiros (CIP, CEAD – Centro de Estudos de Administração e Desenvolvimento – e CAP – Confederação dos Agricultores de Portugal), manobram «convenientemente» para uma intervenção de recuperação do poder político e económico.

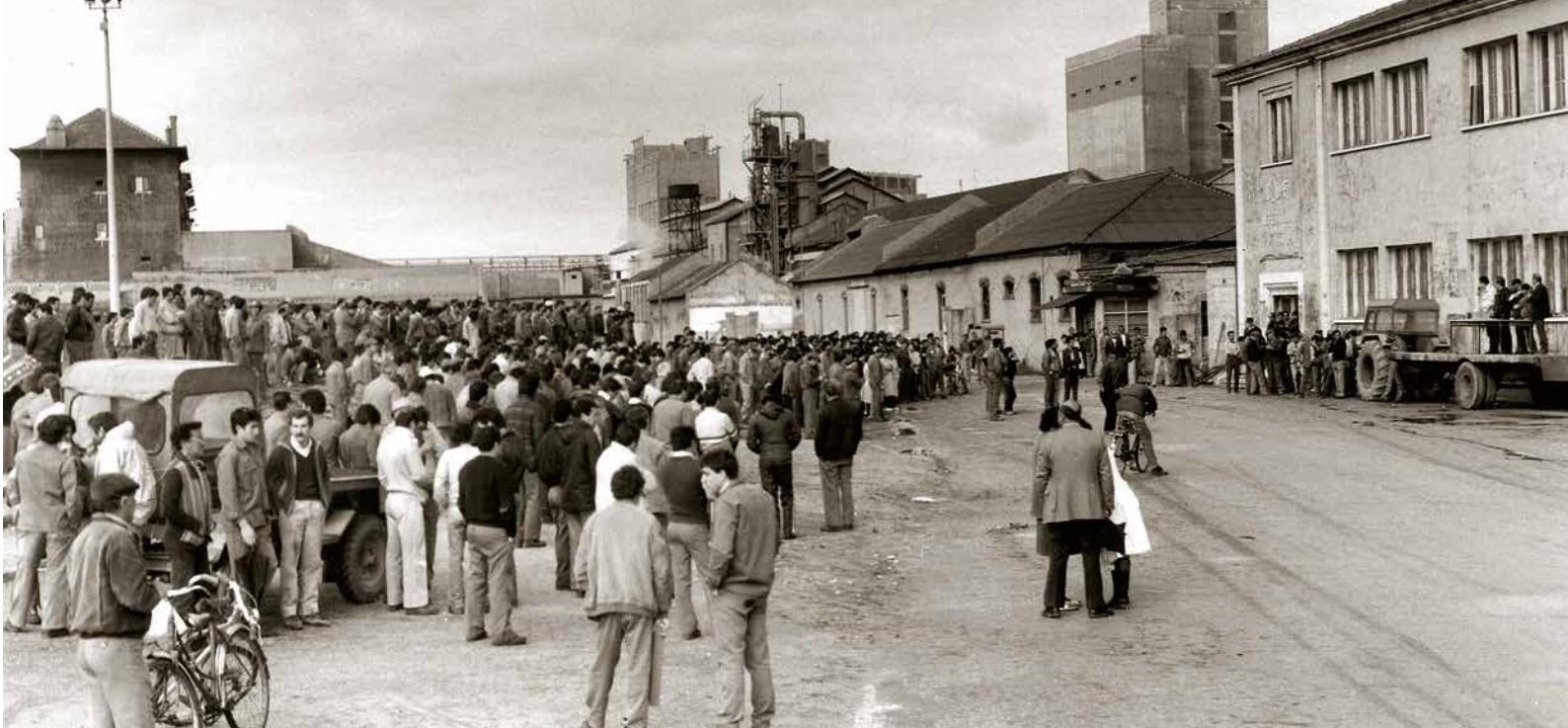
O grande patronato comprometido conspira, ensaiia boicotes e tentativas de descapitalização. A luta política agudiza-se e vai confluir na tentativa contra-revolucionária de 11 de



– Estamos convocados para uma grande manifestação em Lisboa. É lá que fazemos falta! – uma voz forte e clarividente indica o caminho certo naquele momento transcendente da Revolução de Abril.

Na complexa situação daquele dia histórico, os operários compreendiam que a transformação da sociedade capitalista é um processo longo e difícil e que não se esgotava naquela emergência. O processo revolucionário devia continuar apesar das vicissitudes.

O trabalho criador de riqueza, gerador de consciência, inspirador de dignidade



Plenário de trabalhadores junto ao Refeitório 3

Março de 1975 (chefiada por António de Spíñola), cuja derrota permitiu o avanço das conquistas revolucionárias.

Dentro da CUF as sabotagens começaram logo em 74, a partir do interior da empresa. Na Zona Têxtil, as encomendas não são organizadas a tempo e dentro das referências de qualidade exigidas pelos clientes, originando grandes desperdícios. Na Zona Adubos, os armazéns estão a abarrotar, mas os fertilizantes não chegam aos depósitos do Centro e do Norte do País, em grande parte devido às inefficiências da CP na disponibilização de transporte. Os caciques reaccionários dizem que são os comunistas no Barreiro que não querem trabalhar!

Os conselhos de gerência, onde continua gente de confiança dos patrões, gastam abundantemente em conferências e seminários, em

constantes viagens ao estrangeiro, em reuniões de reflexão em hotéis de cinco estrelas, na distribuição de novas benesses aos gestores principais. Neste fartar vilanagem, conspira-se no descrédito da democracia participada, ainda mal tinha começado!...

Estranhamente (ou talvez não...) os estudos das novas instalações avançam, mesmo com o petróleo a subir de preço e com perspectivas problemáticas em, pelo menos, dois casos concretos, Kowaseiko e Fibras de Vidro. Objectivamente trata-se da ruína deliberada e de um processo de descapitalização da empresa, pese embora a boa fé de alguns na concretização de empreendimentos numa perspectiva nacional, como o Plano Siderúrgico Nacional que viria a ser boicotado.

A CIP, tacticamente, transmite aos seus fundadores do núcleo duro que está «a analisar

1972 – Arranca a 1.ª fábrica de sulfato de alumínio. Entram em laboração a nova fábrica de ácido sulfúrico (Contacto 6), a Granulação IV, as fábricas de fosfato dicálcico, o sulfato de sódio, o ácido clorídrico, e o 5.º Forno de tratamento de cinzas de pirite.

Constituição da SUPA – Companhia Portuguesa de Supermercados (início do negócio das grandes superfícies) e da PETROSUL, para a construção e exploração da refinaria de petróleos a instalar em Sines.

Concentração junto do Sindicato dos Têxteis do Sul de mais de 300 trabalhadores têxteis da CUF, sobretudo mulheres, para apresentação de um abaixo-assinado exigindo a convocação de uma Assembleia-Geral que discuta a revisão do Contrato Colectivo de Trabalho e as intoxicações graves com a gasearia dos Contactos.

1973 – Constituída a Mompor (finais de 72), companhia de montagens industriais que chega a congregar mais de 1000 trabalhadores, e formada a Equimetal a partir do antigo sector metalo-mecânico da CUF.

Feita a escritura da FISIPE e iniciadas as obras de construção nos terrenos da Barra-a-Barra conquistados ao rio.

Formada a Empresa de Pirites Alentejanas, para a prospecção e exploração na área de Aljustrel.

Trabalhadores têxteis entregam novo abaixo-assinado no Sindicato para a revisão do CCT. Sem resposta, mais de 300, sobretudo mulheres, irrompem em protesto na Assembleia a decorrer no Clube 31 de Janeiro e organizam uma lista para concorrer às eleições directivas. Vitoriosa, esta lista unitária nunca será homologada.

1974 – Grave crise económica e financeira da CUF, acentuada pelo primeiro choque petrolífero em inícios deste ano.

Instituída em Janeiro a jornada de 45 horas semanais, uma velha reivindicação dos trabalhadores. No princípio do ano, acções de protesto culminam na obtenção de aumentos salariais pelas operárias e aprendizes têxteis, desde sempre discriminadas.

Greve na Equimetal às horas extras e redução de produção, em apoio à luta pelo aumento geral de salários.

as condições em que a Administração poderá gerir as empresas [a fim de] estabelecer os pressupostos para um ataque efectivo a essas propostas de nacionalização – demonstrando que haverá um perigo colectivo se tal nacionalização se efectivar».

A nacionalização dos sectores-chave da economia (banca, transportes, energia, química, cimentos, petrolíferas, siderurgia, tabacos) é um passo fundamental na construção de uma sociedade mais justa, livre e democrática, como a Constituição de 1975 viria a consagrar. Foi, por outro lado, um acto político incontornável perante o avanço da contra-revolução e as suas acções de boicote e sabotagem.

Os trabalhadores da CUF, tendo esta clara compreensão da situação, elegem desde os primórdios da revolução, como um dos seus principais objectivos, o desmantelamento do

gigantesco monopólio que constituía o grupo Mello.

A sua nacionalização, fruto da luta coordenada, não foi tarefa fácil. Forças políticas ligadas ao patronato sempre se lhe opuseram e obstaculizaram. É finalmente concretizada durante o V Governo Provisório, com publicação no *Diário da República* em 25 de Setembro de 1975, com efeitos a partir de 13 de Agosto desse ano.

Nenhum trabalhador gosta de ver estragar aquilo que ajudou a construir com o seu suor e dedicação, mesmo que tenha sido à custa de exploração desenfreada. Durante a revolução, é maior o empenho e o esforço dos operários e operárias a labutarem para a causa comum. Exactamente o contrário do que fazem muitos patrões que, vendo fugir-lhes o poder económico e político,



Trabalhadores do Barreiro contribuem com mais de mil e cem contos para o Governo Provisório

ensaiam manobras de boicote e descapitalização (directamente ou através dos seus homens de mão) e acabam desertando para a Suíça ou para o Brasil.

Não se conhece nenhum assalariado que tenha enriquecido com as nacionalizações. Mas houve empresários, gestores, oportunistas e especuladores que enriqueceram com a contra-revolução!

Não foram as nacionalizações que destruíram o que de «bom» existia anteriormente e puseram de rastos a economia nacional. Não foram as nacionalizações que destruíram a CUF, transformada em Quimigal a partir de 1978, com a integração do Amoníaco Português, em Estarreja, e dos Nitratos de Portugal, em Alverca.

A falta de um plano económico global, classificando uma orientação estratégica na pers-

pectiva da sociedade socialista, consagrada na Constituição; a falta de investimento do Estado na renovação de estruturas caducas com tecnologias ultrapassadas; os entraves à concretização na prática do controlo operário, com relevo para a retenção da sua regulamentação; a introdução de organizações sindicais paralelas a soldo do patronato, para a divisão dos trabalhadores dentro das próprias empresas; a posterior devolução de sectores e empresas nacionalizadas ao capital deposto, com chorudas indemnizações; a orientação social-democrata e neoliberal dos governos de alternância, ao arrepio do texto constitucional e à sombra de um sistema económico que nunca quiseram abandonar, facilitaram, permitiram e promoveram a recuperação capitalista.

A contra-revolução reaccionária e liberal impediu a construção de uma sociedade mais



Os operários da CUF estão com o processo revolucionário

justa, assente num forte aparelho produtivo nacional e numa redistribuição da riqueza produzida. Ainda que a história da revolução esteja em grande parte por fazer, hoje, nos tempos

penosos que vivemos, isto é mais fácil de compreender. Não foi por causa dos trabalhadores, nem a pensar nos interesses do povo português que as nacionalizações foram destruídas!



O Ministro dos Negócios Estrangeiros
e a Senhora de Rui Patrício

têm a honra de convidar os Ex^{mos} Senhores Dr.
José Manuel de Melo e Senhora
para a recepção, que se realiza no Palácio das Necessidades,
no dia 12 de Junho pelas 22.30 horas, em honra de
Suas Excelências o Ministro dos Negócios Estrangeiros
de França e Senhora de Maurice Schuman.

Traje:
Casaco ou uniforme e condecorações
Vestido comprido

R. S. F. F.
Ao Protocolo do Estado
Ministério dos Negócios Estrangeiros



Vou

O Presidente da República

convida o Exmo. Senhor José Manuel de
Melo

para almoçar no Palácio de Belém
no dia 26. às 13.30 horas

Por detrás do MDE/S e das CIP escondiam-se os velhos grupos económicos

8. Epílogo – evolução ou revolução?

Não foi a pensar nos interesses do País e dos portugueses que as Nacionalizações dos sectores estratégicos da economia nacional, concretizadas a partir de 11 de Março de 1975, foram gradualmente destruídas posteriormente.

Nos tempos subsequentes ao Levantamento Militar de 25 de Abril de 1974 que apanhou o grande capital desprevenido (?) e o fascismo mandante e mandado, sem base social de apoio (ninguém se levantou a defendê-lo!), logo a contra-revolução tratou de se reorganizar, avançando propostas convenientes de recuperação do «novo» capitalismo «democrático», sob cuja capa se escondiam os velhos grupos económicos.

Foram meses de intensa luta ideológica, de tentativas capciosas de elidir o aprofunda-

mento da revolução democrática que irrompe tumultuosa, nas fábricas, nos campos, nos quartéis, nas escolas, nas longínquas frentes da guerra em África, destruindo as velhas relações de poder.

Com os militares do Movimento das Forças Armadas engajados na transformação do País pobre, injusto na repartição da riqueza criada e isolado internacionalmente, os grandes empresários, com a família Mello à cabeça, criam o já referido MDE/S – Movimento Dinamizador Empresa/Sociedade que prossegue nos seus objectivos:

«A criação de um conjunto de ideias básicas que orientem as acções dos detentores do poder económico, em função dos novos objectivos e das novas relações de poder na sociedade portuguesa [...] mas que não possa ser considerado como um grupo de pressão do capita-



Os trabalhadores de CUF paralisam em defesa das conquistas da Revolução

lismo português com intenções reacionárias, ou que procure criar as condições para o retorno a um regime do tipo corporativo ditatorial».

A conspiração estava em marcha e sabia ao que vinha!

Nesses tempos magníficos de conquista, aprendizagem, erros, avanços, recuos, lutas, as principais peripécias da curta vida deste «Movimento» do capital sabotador, tendo no seu núcleo central, entre outros, António Champalimaud, António Carlos Champalimaud, João Moraes Leitão, José Manuel de Mello, Luís Barbosa, Manuel Ricardo Espírito Santo Silva e Ricardo Faria Blanc (o movimento desapareceu com o 11 de Março de 1975!), estão plasmadas no opúsculo *O Capital Monopolista Conspira Assim*, elaborado e editado em princípios de 1977, pela Comissão Coor-

denadora Intercomissões de Trabalhadores do Grupo CUF.



Entretanto, logo nos dias seguintes ao 25 de Abril, numa perspectiva diversa e complementar, os títeres do grande capital movimentam-se à volta de uma «ala» da Junta de Salvação Nacional, em contactos nomeadamente com o general Galvão de Melo, tenente-coronel Ferreira Durão e dr. Vasco Vieira de Almeida, no sentido de ser criada a CIP – Confederação da Indústria Portuguesa, «uma organização representativa da Indústria do País, promovendo a substituição dos Grémios por associações voluntárias de empresas [que] terão toda a representatividade das actividades abrangidas nos termos anteriormente atribuídos aos organismos corporativos».



Ao mesmo tempo que quer este «rei morto, rei posto», o grande capital procura como um camaleão adaptar-se à nova situação e percebendo que «*a imagem social do capitalismo português é fortemente negativa*», reconhece até «*a existência de mecanismos de exploração dos trabalhadores por parte do capital!*»!

Entrando com uma linguagem mansinha de cordeiro, em breve mostrará a sua verdadeira face de sendeiro, quando a luta política e social se agudizar com o aprofundamento da revolução.

Quando ficou nítido o boicote económico e a conspiração política e militar contra-revolucionária, derrotada no 11 de Março, o consequente avanço das Nacionalizações leva a CIP a «esconder-se» estrategicamente, para só reaparecer depois do 25 de Novembro. Nessa emergência a recuperação da direita

permite-lhe assumir a sua verdadeira finalidade de mandatária do grande capitalismo que procura tripudiar a via socialista, plasmada na Constituição da República aprovada em Abril de 1976.

Na grande empresa químico-industrial que está no âmago da luta política, económica e social, os trabalhadores vivem intensamente os dias transcedentes que decidem o futuro imediato da revolução democrática, mobilizados no apoio às decisões revolucionárias do poder político-militar e no aprofundamento da aliança Povo-MFA.

Na sequência imediata dos dias gloriosos de Março, com a Revolução de Abril a avançar finalmente no caminho do desenvolvimento equânime do país tão desigual, os representantes dos trabalhadores a nível nacional, reunidos em Plenário, exigem a nacionalização do

1974 – (25 de Abril) – Derrube do fascismo com impacto demolidor no grande grupo monopolista, embora os seus responsáveis se façam passar por empresários progressistas.

Processo de constituição da CIP – Confederação Industrial Portuguesa, patrocinado pelos «velhos» grupos económicos.

Criação do MDE/S – Movimento Dinamizador Empresa /Sociedade, numa perspectiva similar e como manobra de recuperação do poder político e económico, pelas famílias Mello, Champalimaud, Quinas, Vinhas, Espírito Santo, entre outras.

Em Setembro é extinta a Comissão Interna da Empresa (CIE) e cessa a publicação da «voz do dono» — a Informação Interna CUF.

Em Outubro, eleição democrática dos órgãos representativos dos trabalhadores, em todas as fábricas e sectores espalhados pelo País – as CUT locais (Comissão de Unidade dos Trabalhadores) e a CGT (Conselho Geral de Trabalhadores).

1975 – Os trabalhadores da CUF no Barreiro e não só, mobilizam-se na defesa da Revolução.

Participação massiva nas manifestações em Lisboa, no apoio às decisões revolucionárias na sequência do 11 de Março, pondo cobro à conspiração político-militar reaccionária.

Exigência dos trabalhadores e dos seus representantes reunidos em 5-7-1975, da nacionalização do Grupo CUF e do desmantelamento da CIP e do MDE/S, como órgãos de reorganização do capitalismo.

Na sequência da ocupação, em 19-4-1975, da Empresa Geral de Fomento (EGF), no 8.º andar do edifício-sede da CUF, a que pertencia e onde funcionava como cérebro conspirador, surge a notícia em inícios de Julho, do exílio ou fuga dos patrões Mello para fora do país, com um provável abandono das empresas.

Não seria a primeira vez, logo a seguir ao 25 de Abril, quando os trabalhadores da CUF/Barreiro decidem em Plenário que os patrões são personas non gratas e não deveriam lá

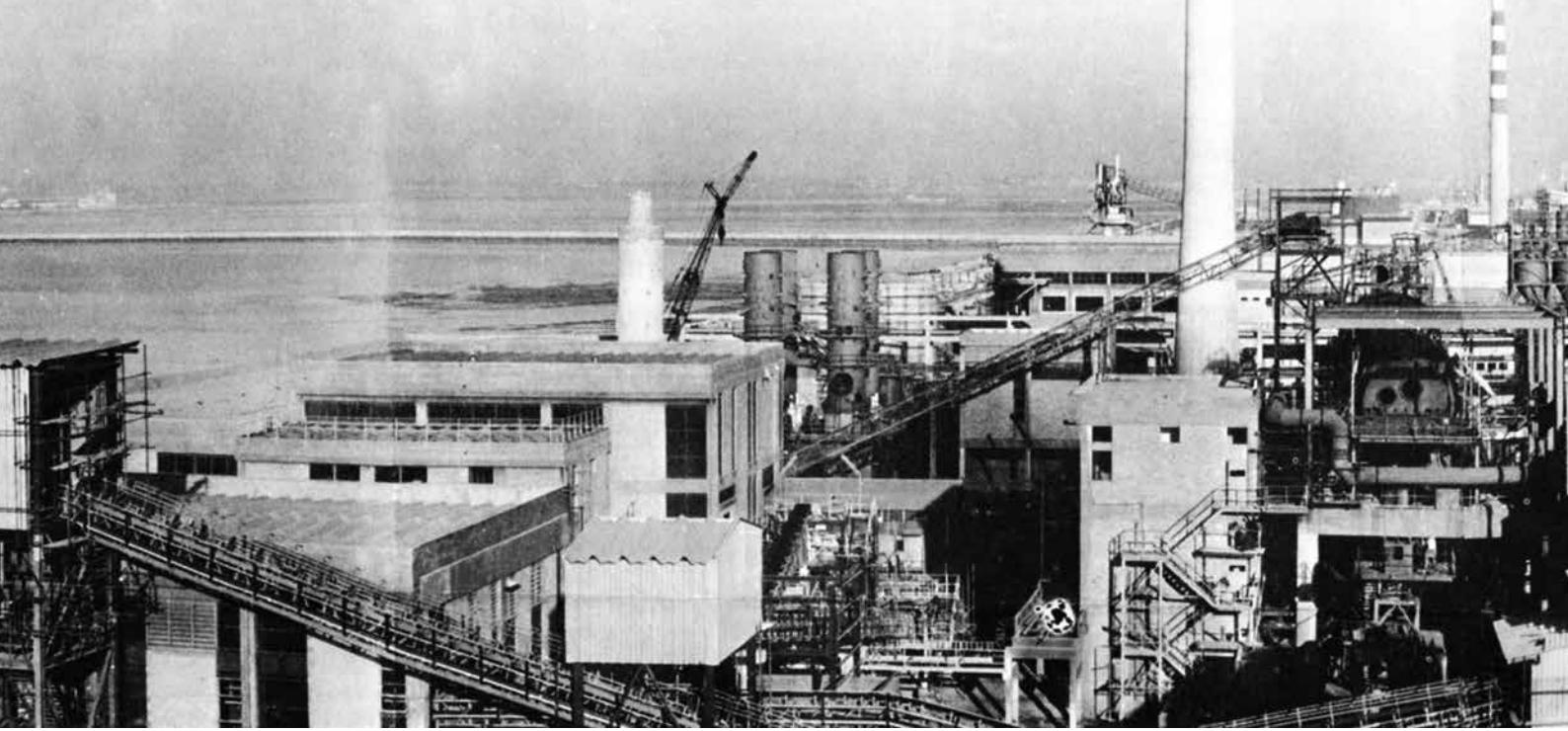


voltar, um dos administradores esteve «retirado» em casa de um quadro superior amigo, tendo a fuga temporária terminado num escândalo familiar.

Aprovação do decreto-lei n.º 532/75, no dia 25 de Setembro de 1975, nacionalizando a CUF, com eficácia a contar de 12 de Agosto.

Em 20-4-1976, é nomeada a Comissão de Reestruturação do ex-grupo CUF e, em 1978, é decidida a integração das três grandes empresas nacionais da área químico-industrial: Companhia União Fabril, Nitratos de Portugal (Alverca) e Amoníaco Português (Estarreja), formando a Quimigal, Química de Portugal).





grupo CUF e o desmantelamento da CIP e do MDE/S.

Correm rumores nas Fábricas do Barreiro, de tentativas de descapitalização da empresa por parte do patronato, somadas a acções de boicote encapotado. Operários e operárias, homens e mulheres conscientes e combativos, mobilizam-se para as grandes manifestações na capital de apoio às medidas revolucionárias, até que numa manhã de Verão, surge a notícia, tida como reveladora, de que os patrões abandonaram a CUF e o País!

Voltava-se a última página de uma história de 68 anos de trabalho, exploração, crescimento industrial e desenvolvimento humano, opressão, dignidade, repressão, resistência e luta.

Só faltaria o decreto-lei, publicado em 25 de Setembro de 1975, nacionalizando o impé-

rio que fora de alguns e agora passaria a ser de todos os que lá trabalhavam e deveria ser posto ao serviço do Povo e do País.



A década que se vai seguir à nacionalização e à criação da Quimigal, potenciando o desenvolvimento sinérgico do grande pólo da química portuguesa, melhorando a economia com o aumento da produção nacional e a diminuição das importações, beneficiando as condições dos trabalhadores, é rica em acontecimentos que precisam de ser analisados, estudados e compilados, para serem melhor conhecidos com vista à clara compreensão da Revolução de Abril.

Esse é o novo desafio que se propõe a equipa que tornou possível esta obra pri-



meira – a elaboração de um trabalho que aborde o período tão rico do avanço e do recuo da Revolução Portuguesa. O tempo das grandes conquistas alcançadas e depois da sua defesa, lutando passo a passo contra a recuperação capitalista.

Tratar-se-á de uma abordagem num âmbito geral, mas sobretudo na perspectiva da grande empresa química, germinada com o 25 de Abril e nascida com o 11 de Março, mas com

raízes fundas na história económica e política local e nacional, como fica contado nas muitas páginas deste livro e nas suas imagens elucidativas.

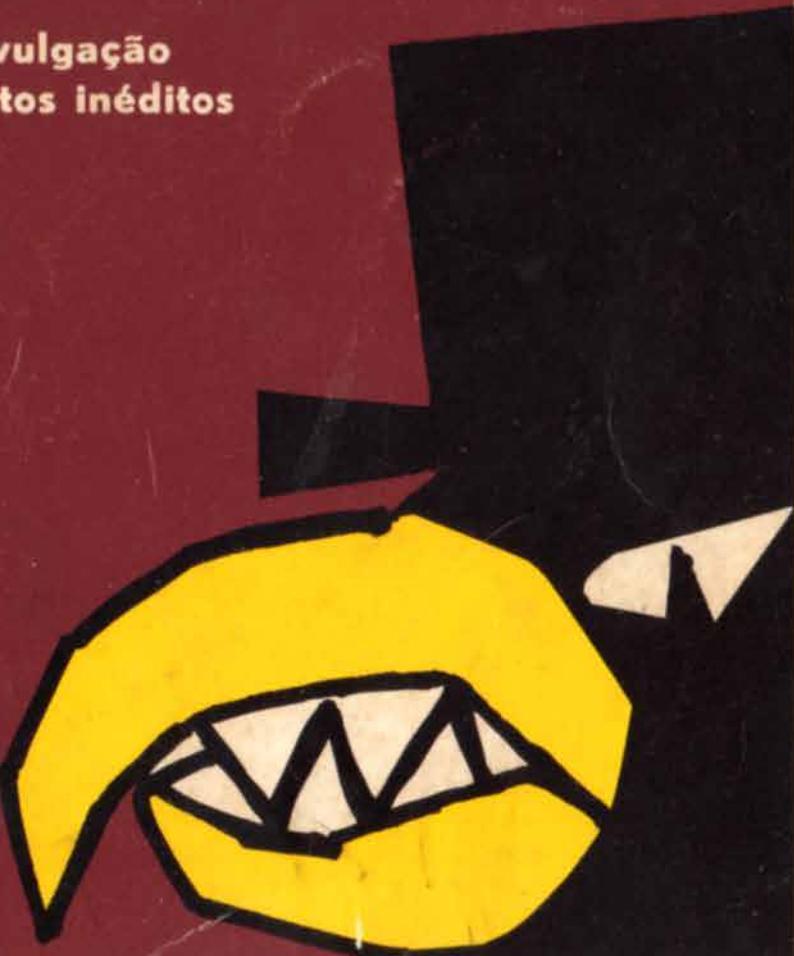
Mesmo com outros projectos na forja e se a arte e o engenho não faltar, se os necessários apoios se concretizarem, se não faltarem os imprescindíveis testemunhos vivos, será um desafio mobilizador.

Havemos de conseguir!

comissão coordenadora
intercomissões de trabalhadores
do grupo CUF

O CAPITAL MONOPOLISTA CONSPIRA ASSIM!

análise e divulgação
de documentos inéditos



seara nova



O Plano Siderúrgico Nacional, boicotado, permitiria importantes sinergias

BIBLIOGRAFIA

Livros e Publicações

ALBERTO, Carlos (Carló), *Peões no Xadrez Imperial da CUF*, Edições Darvoz, Barreiro, 2001.

Álbum Comemorativo da Companhia União Fabril, Edição CUF, Lisboa, 1945.

ALMEIDA, Ana Nunes de, *A Fábrica e a Família, Famílias Operárias no Barreiro*, Câmara Municipal do Barreiro, 1993.

ALVES, Jorge Fernandes, *Jorge de Mello, Um Homem. Percursos de Um Empresário*, Edições INAPA, 2004.

CABRITA, Augusto, *Na Outra Margem – CUF SGPS, SA* – Lisboa, 1999.

COMISSÃO COORDENADORA DA INTERCOMISÃO DE TRABALHADORES DO GRUPO CUF,

O Capital Monopolista Conspira Assim!, Seara Nova, Lisboa, 1977.

Companhia União Fabril – 50 Anos da CUF no Barreiro, Edição CUF, Lisboa, 1959.

FARIA, Miguel Figueira de, *Alfredo da Silva, Biografia*, Bertrand Editora, Lisboa, 2004.

Lutas de Massas sob o Fascismo, 1945/1974 – Concelho do Barreiro, Gabinete de Estudos Sociais/GES/PCP, Lisboa, 1997.

Lutas Sociais no Distrito de Setúbal, 1926/1974, GES/PCP, Lisboa, 1998.

O Distrito de Setúbal na Imprensa – Exposição Movimento Operário, Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal, Setúbal, 1985.



A fragata ancestral, no rio de águas calmas que atraiu as fábricas

- RAMALHETE, Ana Filipa, *O Trabalhador e a Empresa*, Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado), Lisboa, 1994.
- SERRA, Maria da Graça, *O Barreiro Operário*, Universidade Nova de Lisboa (Tese de Mestrado), Lisboa, 1994.
- TEIXEIRA, Armando de Sousa, *Barreiro, Uma História de Trabalho, Resistência e Luta – Parte I, 1926-1945*, Edições «Avante!», Lisboa, 1997.
- , *A Fábrica e a Luta em Construção – Parte II, 1946-1962*, Edições «Avante!», Lisboa, 1999.
- , *A I República e o Movimento Operário no Barreiro – Parte V, 1910-1926*, Edições «Avante!», Lisboa, 2013.
- , *A Indústria e a Luta em Desenvolvimento – Parte IV, 1963-1969*, Edições «Avante!», Lisboa, 2005.

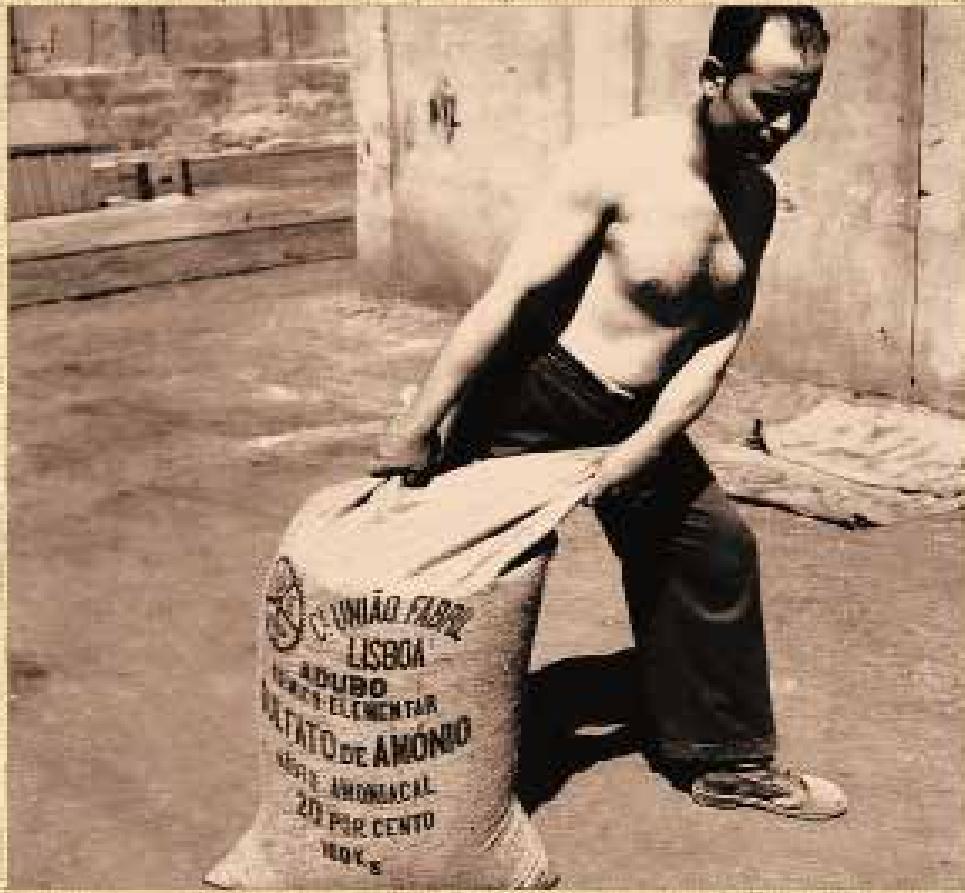
- , *A Rua Direita e a Ganiilha do Lado da Praia – Parte III, Década de 50*, Edições «Avante!», Lisboa, 2001.
- , *Barreiro, Roteiro das Memórias da Resistência, do Trabalho e da Luta*, Edição CM Barreiro, Barreiro, 2009.
- TEIXEIRA, Jorge, *O Barreiro que eu vi*, Edição CM Barreiro, Barreiro, 1993.

Publicações Periódicas

- Avante!*
Avante!, Jornal do 3.º Centro Socialista do Barreiro – Números 1 a 25, publicados entre Dezembro de 1909 e Novembro de 1910.
- Informação Interna CUF*, Colectâneas anuais entre 1963 e 1974
- Informação dos Trabalhadores*, Colectânea de 1975.







Esta é uma história prenhe de mitos e contradições, gerada na vida do extraordinário complexo químico-industrial, instalado por Alfredo da Silva no Barreiro a partir de 1907, destruído pela deriva imperialista e neoliberal nos finais do século XX.

A história da CUF está indissoluvelmente ligada à do regime ditatorial violento e interesseiro, que a mando dos grandes patrões e dos latifundiários, subjugou Portugal durante quase 50 anos.

Desenvolveram-se ambas sob os designios do sistema capitalista que ontem como hoje, explora o suor, as lágrimas e o sangue de muitos milhões de homens e mulheres, em favor das prebendas e do desperdício luxuoso de uns poucos, postergando os caminhos de uma Humanidade equânime.